UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

THIÉLIDE VERONICA DA SILVA PAVANELLI TROIAN

A ESCOLA ORGANIZADA POR CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA E A FORMAÇÃO NO PROJETO SALA DE EDUCADOR

Rondonópolis

2012

THIÉLIDE VERONICA DA SILVA PAVANELLI TROIAN

A ESCOLA ORGANIZADA POR CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA E A FORMAÇÃO NO PROJETO SALA DE EDUCADOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Rondonópolis, na Linha de Pesquisa Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Rondonópolis

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T845e

Troian, Thiélide Veronica da Silva Pavanelli.

A Escola organizada por ciclos de formação humana e a formação no projeto sala de educador / Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian. – Rondonópolis, MT : UFMT, 2012.

150 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Rondonópolis, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof Dr. Ademar de Lima Carvalho

1. Ciclos de formação humana. 2. Formação de professores. 3. Formação continuada. I. Carvalho, Ademar de Lima, orient. II. Título.

CDU 371.13

Ficha catalográfica elaborada por Sheila Cristina Ferreira Gabriel
Bibliotecária – CRB1 1618

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUACÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-RONDONÓPOLIS
Rod. Rondonópolis.-Guiratinga, km 06 MT-270 - Campus Universitário de Rondonópolis -
Tel : (66) 3410-4035 - Email : ppgedu@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "ESCOLA ORGANIZADA POR CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA E A FORMAÇÃO NO PROJETO SALA DE EDUCADOR"

AUTOR : Mestranda Thielide Veronica da Silva Pavanelli Troian

Dissertação defendida e aprovada em 05/12/2012.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador Doutor(a) Ademar de Lima Carvalho
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Interno Doutor(a) Lindalva Maria Novaes Garske
Instituição : Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Externo Doutor(a) Heloisa Salles Gentil
Instituição : UNEMAT

Examinador Suplente Doutor(a) Adelmo Carvalho da Silva
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

RONDONÓPOLIS,06/12/2012.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho

Aos educadores que verdadeiramente

acreditam que a Escola precisa investir na

Formação Humana de seus alunos, em especial:

minha mãe Rosa Maria, minha irmã Élidi,

minha amiga Geruza,

minha amiga e colega professora da Unemat Albina

e aos educadores do Cefapro de Sinop.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

A Deus e a Nossa Senhora Aparecida, que por tantas
vezes pedi proteção nos 1500 km que percorri
durante cada viagem entre Sinop – Rondonópolis;

A meu marido Adecir,
companheiro amoroso, pelo apoio incondicional
que tornou possível essa jornada;

Aos meus filhos Rafa e Léo que souberam
compreender minhas ausências;

A minha mãe Rosa Maria pelo intenso diálogo Freireano
e contribuições efetivas na construção do texto;

Ao meu pai Salvador,
que sua presença em Sinop me
fortalece e conforta em todos os momentos

Ao meu padrasto José Vicente,
pelo afeto verdadeiro e apoio logístico

Ao prof. Ademar, pela orientação
que me permitiu ter autonomia
e segurança durante todo o processo

A Nathiele, amiga e companheira de todas as horas,
de angústias vivenciadas no mestrado e
caminhos percorridos;

Aos demais colegas de mestrado, em especial Rosana pela
disponibilidade sempre que precisei e Adriana pelos momentos em que mesclamos
descontração e estudos sérios. A Maria Elizabete, que através do Projeto

Observatório da Educação possibilitou
a concretização do mestrado;

As avaliadoras deste trabalho, professoras Heloisa e Lindalva
pela disponibilidade e contribuições;

A prof. Arlete, do Cefapro de Sinop,
pela dedicação na correção da língua portuguesa;

A todos os Educadores da Escola Profª Edeli Mantovani,
em especial aos Colaboradores da Pesquisa;

A Juci, que mesmo sem me conhecer,
hospedou-me em sua casa em Rondonopolis;

A Seduc e Unemat pela disponibilização de
meu tempo para os estudos do mestrado.

Enfim, a todos que de alguma maneira
contribuíram na efetivação deste trabalho,

MUITO OBRIGADA!!!!

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis que teve como foco de estudo compreender o pensamento dos profissionais da educação que frequentam a formação continuada, através do Projeto Sala de Educador na escola sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso. A investigação norteou-se a partir dos seguintes objetivos específicos: Inventariar e entender a compreensão dos Ciclos de Formação Humana construída pelos educadores a partir da participação no Projeto Sala de Educador; Investigar se as temáticas trabalhadas na Formação Continuada possibilitam a construção de um referencial teórico-prático que esteja em consonância com as premissas da Escola Organizada em Ciclos de Formação Humana. Analisar que avaliação os educadores fazem da formação vivenciada no Projeto Sala de Educador no *lócus* escolar; Para alcançar os objetivos propostos foram entrevistados dez educadores da Escola Estadual Professora Edeli Mantovani de Sinop, norte de Mato Grosso, constitui-se também como fonte investigativa do universo pesquisado, o Projeto Sala de Educador da escola, institucionalizado através do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação (Cefapro), documento este que expressa os objetivos da formação oferecida na escola e o rol de temáticas estudadas ao longo do período considerado: 2008 a 2011. Assim o aporte teórico que referencia a formação continuada, enfatizando o viés da formação permanente do professor e considerando a escola como *lócus* privilegiado de formação, fundamenta-se nos escritos de Nóvoa (1997), Canário (2006), Marcelo (2009),entre outros e para a compreensão da organização curricular por ciclos de formação humana optou-se pelos estudos de Krug (2001), Azevedo (2000); Arroyo (2000) entre outros. Metodologicamente a pesquisa alicerçou-se nos pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa, apoiando-se no pensamento de Minayo (2010), Lüdke e André (2007), Ghedin e Franco (2008) dentre outros, na análise dos dados coletados tomou-se como principal referencial o pensamento de Paulo Freire (1980, 1987,1996, 2001,2001). Os passos da pesquisa constituem-se na apropriação da base teórica, investigação em *lócus* através da análise dos textos estudados e do Projeto Sala de Educador, entrevistas e questionário com os participantes. A pesquisa desenvolveu-se, principalmente, através do estabelecimento de uma relação dialógica e dialética com os entrevistados, resultando no entendimento de que a partir da participação no Projeto Sala de Educador há mudanças no modo de ver, entender e considerar os alunos, a escola como um todo e a educação de maneira geral, a qual já está

sendo vivenciada pelos colaboradores da pesquisa evidenciada nas percepções sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana e expressada em seus depoimentos, a partir da ‘desconstrução’ de conceitos cristalizados no imaginário pedagógico dos mesmos.

Palavras Chave: Ciclos de Formação Humana. Formação de professores. Formação Continuada.

ABSTRACT

The present work is the result of a research Master's Degree in Graduate Program in Education at the Institute of Human and Social Science of the Federal University of the State of Mato Grosso, University Campus of Rondonópolis in which focused on study to understand the thinking of Basic Education professionals attending continuous education development, through the Educator's Room Project at school about the contents of Educational policy that support the deployment and implementation of the organization of basic education in cycles of human development in the State of Mato Grosso. As an expansion of this issue, the study aimed to analyze in what extend the proposed continuous education development achieved in Educator's Room Project enables the educators to construct a theoretical and practical approach that support their praxis from the theoretical and methodological assumptions of the Organization of Basic Education in Cycles of Human Development in the State of Mato Grosso? Thereby, to investigate what educational professionals think about the Organization of Basic Education in Cycles of Human Development in the State of Mato Grosso from their participation in continuous education development was the main aim of this work in which had extension with the specific objectives: inventory and understand the comprehension of Cycles of Human Development constructed by educators from the participation of the Educators' Room Project; investigate whether the subjects studied in continuous education development enable the construction of a theoretical-practical approach that is in accordance with the assumptions of the Organization of Basic Education in Cycles of Human Development. To analyze evaluation that educators think about continuous educational development experienced in the Educators' Room Project in the school locus. To achieve the proposed objectives were interviewed ten educators of the State School Teacher Edeli Mantovani of Sinop, in the North part of Mato Grosso, also take part as investigative source researched, the Educators' Room Project of the school, institutionalized through the Centre for Professional Development and Updating of Basic Education /CEFAPRO, this document shows the objectives of the continuous educational development offered in the schools and the list of contents studied throughout the period: 2008 to 2011. Thus, the theoretical contribution to continuous education development, emphasizing the bias of continuous permanent educational development of the teacher and considering school as a privileged locus of continuous development, based on the writings of Novoa (1997), Canário (2006), Marcelo (2009), among others and for comprehension of the

curricular organization in Cycles of Human Development, it was opted for studies of Krug (2001), Azevedo (2000); Arroyo (2000) among others. Methodologically the research based on the theoretical assumptions of qualitative research, supporting on the thoughts of Minayo (2010), Ludke and Andre (2007), Ghedin and Franco (2008), among others. analysis of the data collected was taken as main reference the thought of Paulo Freire (1980, 1987,1996, 2001,2001). The research steps constitute through appropriation of theoretical basis, investigation locus though analyzing texts studied and the Educators' Room Project, interviews and questionnaires with the participants. The survey was developed, mainly, through settings of a dialogical and dialectical relationship with the interviewees, resulting understanding the possibility in which is presented, from the participation in the Educators' Room Project is the change in perception, understanding and considering students, school as a whole and Education in general, in which is already being experienced by research collaborators evidenced by perceptions on the Organization of Basic Education in Cycles of Human Development expressed in their testimonies, from the 'deconstruction' of crystallized concepts in their pedagogical imagination.

Key words: Cycles of Human Development, Teaching Development. Development continuing.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador no ano de 2008 50
Quadro 02: Temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador no ano de 2009 52
Quadro 03: Temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador no ano de 2010 53
Quadro 04: Temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador no ano de 2011 54
Quadro 05: Dimensões contraditórias de concepções de educação, ciclos e avaliação 78

LISTA DE SIGLAS

PSE	Projeto Sala de Educador
SE	Sala de Educador
EOCFH	Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana
HTC	Hora de Trabalho Coletivo
Cefapro	Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação
PPP	Plano Político Pedagógico
Seduc	Secretaria Estadual de Educação
OCs	Orientações Curriculares
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PDE	Plano de Desenvolvimento Escolar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **15**

2 DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: SENTIDOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS **19**

2.1 Vivências da pesquisadora: o interesse pela investigação 22

2.2 O cenário da pesquisa 24

2.3 Os educadores entrevistados: colaboradores da pesquisa 26

2.4 Caminhos e instrumentos da pesquisa 28

3 A ESCOLA COMO *LÓCUS* DA FORMAÇÃO CONTINUADA: A PERSPECTIVA DOS COLABORADORES DA PESQUISA **31**

3.1 A Formação Permanente do Professor do e no lócus escolar 31

3.2 O Projeto Sala de Educador: Espaço da Formação na Escola 40

3.3 O Projeto Sala de Educador como política pública de Estado 43

3.4 Que formação o PSE oferece? O que se estuda neste espaço? 49

3.5 Desdobramentos da participação no PSE 57

4 A ESCOLA ORGANIZADA POR CICLOS DE FORMAÇÃO: CONTEX-TUALIZAÇÃO E REFLEXÕES **66**

4.1 A dimensão histórica como propulsora de mudanças 67

4.2 A EOCFH em Mato Grosso como possibilidade de repensar a educação? 72

4.3 Desafios e perspectivas da EOCFH na visão dos colaboradores da pesquisa 94

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES **103**

REFERÊNCIAS **108**

ANEXO: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS **114**

APÊNDICE: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **140**

1 INTRODUÇÃO

A Escola [1]
(Paulo Freire)

"Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas,
quadros, programas, horários, conceitos...

O contexto dessa pesquisa surge nas minhas vivências como professora da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso, especificamente quando da atuação como Coordenadora Pedagógica e Professora Articuladora[2] de uma escola Estadual no município de Sinop[3] e que havendo necessidade de mudanças das práticas educativas vigentes, ali, no espaço escolar era gerado o debate e embates nos momentos de formação continuada. As temáticas referentes à Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana - política educacional adotada no Estado de Mato Grosso desde 1999, suscitavam reflexões e até mesmo situações de confronto coadunando assim, em novos olhares reflexivos – próprios da formação de professores na dimensão crítica e reflexiva visto que esta perspectiva de formação busco na concepção de Antonio Nóvoa:

> A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 2007, p. 25).

Dessa maneira "a escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político" (SEVERINO, 2000, p. 145) deste modo este trabalho, tem como foco de estudo compreender o pensamento dos profissionais da educação que frequentam a formação continuada (Projeto Sala de Educador[4] - PSE) na escola acerca da Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso.

---

[1] Como epigrafe em cada capítulo uso uma estrofe do Poema 'A Escola' escrito por Paulo Freire. Conf. Referências.
[2] Professora Articuladora é uma função estabelecida pela Secretaria Estadual de Educação com o objetivo de auxiliar professores e alunos no desenvolvimento da aprendizagem sem ser regente de uma turma específica.
[3] Município do norte de Mato Grosso com aproximadamente 110 mil habitantes, quarta maior cidade do estado, sua base econômica é composta por indústrias madeireiras e produção de grãos.
[4] Projeto que institucionaliza a formação continuada na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso – será descrito posteriormente.

Assim, investigar **o que pensam os professores sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada** é o objetivo fundante deste trabalho.

O caminho trilhado enquanto metodologia possibilitou-me eleger alguns instrumentos de leitura da realidade inserida no universo pesquisado, através de objetivos que puderam especificar detalhes que se constituem categorias de análises para este estudo, que de acordo com a abordagem qualitativa eleita, Minayo (1996, p. 70) conceitua assim: "[...] se refere a um conjunto que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. [...]". Já que considero imprescindível estabelecer um foco enquanto elemento analítico, as categorias são empregadas para se estabelecerem classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso evidenciado nos seguintes objetivos específicos:

- ✓ Inventariar e entender a **compreensão dos Ciclos de Formação Humana** construída pelos educadores a partir da **participação no Projeto Sala de Educador;**
- ✓ Investigar se as temáticas trabalhadas na Formação Continuada possibilitam a construção de um referencial teórico-prático que esteja em consonância com as premissas da Escola Organizada em Ciclos de Formação Humana.
- ✓ Analisar que avaliação os educadores fazem da formação vivenciada no Projeto Sala de Educador no *lócus* escolar;

Constitui-se também como fonte investigativa do universo pesquisado, o Projeto Sala de Educador da escola, institucionalizado através do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação (Cefapro), documento este que expressa os objetivos da formação oferecida na escola e o rol de temáticas estudadas ao longo do período considerado. É a partir dessas temáticas que penetro na averiguação das implicações destas na "nova" concepção de Escola Organizada por Ciclos formulada pelos sujeitos pesquisados.

O estabelecimento de uma relação dialógica entre os professores (sujeitos pesquisados) e a pesquisadora foi fundamental na constituição do universo da pesquisa: uma escola da Rede Estadual de Ensino de Sinop – MT, através do diálogo com professores participantes do Projeto Sala de Educador no período de 2008 a 2011.

Com o intuito de poder compreender um cenário formativo que se apresentasse de forma mais abrangente e multidisciplinar, optei pelo envolvimento de várias áreas do conhecimento em relação à formação inicial dos professores pesquisados, visto que a Política

da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana na rede Estadual de Ensino é uma construção coletiva, e, portanto, compromisso de todos das diversas áreas dos múltiplos saberes.

Por isso, os sujeitos pesquisados são docentes do Ensino Fundamental com formação inicial em diversas áreas: dois pedagogos, um licenciado em matemática, um licenciado em Biologia, um licenciado em Geografia, dois licenciados em Língua Portuguesa, um licenciado em Artes e dois licenciados em História, num total de dez participantes, sendo o critério de seleção ter participado do Projeto Sala de Educador nos anos de 2008 a 2011.

A pesquisa organiza-se a partir de três capítulos assim distribuídos: no primeiro capítulo, discuto e justifico as opções teórico-metodológicas, apresento o cenário de investigação, os caminhos e os instrumentos de coleta de dados, bem como os sujeitos colaboradores da pesquisa. No segundo capítulo apresento as bases teóricas que sustentam a pesquisa tendo como foco a formação permanente do professor e a formação centrada na escola articuladas à análise compreensiva das informações recolhidas durante o período de coleta de dados, tendo como cenário o Projeto Sala de Educador: sua dinâmica organizativa, as concepções de educação, formação docente e os conteúdos orientativos para os estudos no período considerado, com a análise centrada em três eixos: 1 – análise das temáticas estudadas; 2- a concepção de formação continuada expressada pelos professores e; 3- a avaliação que os professores fizeram do Projeto Sala de Educador. No terceiro capítulo discuto a compreensão teórica metodológica dos ciclos de formação humana apropriada pelos professores a partir da participação no Projeto Sala de Educador, tendo como suporte o referencial teórico construído sobre os Ciclos, subdividindo o capítulo em Unidade 1: os ciclos de formação humana, sua contextualização histórica e pressupostos teóricos metodológicos. Unidade 2: A Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana em Mato Grosso como possibilidade de repensar a educação? ; unidade 3: desafios e perspectivas dos Ciclos de Formação Humana na visão dos professores entrevistados.

Toda a discussão nestes capítulos está permeada pelo diálogo em torno de limites, desafios e possibilidades educativas revelados pelas concepções pedagógicas que emergiram de dados analisados na pesquisa em relação aos Ciclos de Formação Humana oportunizada pelos temas estudados no Projeto Sala de Educador a partir da análise dialética das falas dos professores. Na análise dos dados coletados tomo como principal referencial o pensamento de Paulo Freire (1980, 1987, 1996, 2001,2001)

A pesquisa de abordagem qualitativa interpretativa toma como referencial teórico-metodológico entre outros, Bogdan, Biklen (1994); Lüdke e André (2007); Minayo (2007);

Gohn (1999) Guedin e Franco (2008). Os instrumentos de coleta de dados utilizados na investigação compreenderam a entrevista semi-estruturada e a análise de documentos, especificamente do Projeto Sala de Educador da escola, buscando de forma dialética a interpretação do universo estudado a partir das falas dos professores entrevistados sobre a compreensão dos ciclos de formação humana construídos na formação continuada vivenciada no espaço escolar, permeada pela avaliação desse espaço formativo e sua validade na práxis educativa de cada um.

2 DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: SENTIDOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Escola é, sobretudo,
gente, gente que trabalha,
que estuda, que se alegra,
se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente,
o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.

A construção dessa pesquisa se dá numa dimensão dialética, concordando com Ilse Scherer-Warren (1999, p. 23) ao afirmar que "não se deveria considerar a metodologia e a teoria como dimensões dissociáveis", uma vez que o grau de intimidade que o pesquisador tem com o problema levantado define, em última instância, o método, fecundado numa teoria que lhe permite objetivar a realidade ou se aproximar dela, tendo como aporte a dialética materialista que para Gaudêncio Frigotto (1987), se explicita ao mesmo tempo como uma postura, um método de investigação e uma práxis, um movimento de superação e de transformação. Há, pois, "um tríplice movimento: de crítica, de construção do conhecimento "novo" e da nova síntese no plano do conhecimento e da ação" (Ibid.; p. 10).

Assim, trago neste capítulo os pressupostos que fundamentam a opção metodológica, os caminhos percorridos, o cenário da pesquisa e como estes se articulam com o referencial teórico construído utilizado como aporte nas análises com a intenção de situar a pesquisa em seus diversos aspectos.

Esta pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos que caracterizam a pesquisa qualitativa, na qual o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, e a forma com que os pesquisadores verificam e falam sobre os fatos dos cotidianos compreende com coerência os objetivos da mesma, sendo um dos pontos de interesse em concordância com Bogdan e Biklen (1994).

> [...] na investigação qualitativa o objetivo principal do investigador é o de construir conhecimento e não dar opiniões sobre determinado contexto. A utilidade de determinado estudo é a capacidade que tem de gerar teoria, descrição ou compreensão (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 67).

A análise dos dados se dá na perspectiva da pesquisa qualitativa interpretativa que segundo Maria Cecília de Souza Minayo (2007) procura compreender o fenômeno através dos significados que as pessoas atribuem a ele tendo como foco a complexidade do processo humano de dar sentido às coisas na medida em que as situações acontecem.

O ponto de partida deste trabalho ancora-se na ideia partilhada com alguns autores que refletem sobre o processo de pesquisa, como Antônio Chizzotti (2006) Maria Cecília de Souza Minayo (2007) e Antônio Joaquim Severino (2000), de que os pesquisadores não escolhem aleatoriamente os temas, os problemas, os objetos de pesquisa. Eles não tomam decisões por acaso, tampouco essas opções são neutras. Nessa maneira de compreender o processo de pesquisa, segundo os autores há uma estreita relação entre a trajetória do pesquisador e o tema de sua pesquisa, no caso desta pesquisa o mesmo ocorre por esta pesquisadora ter vivências no *lócus* da pesquisa e se inquietar cotidianamente com as indagações propostas.

Já em relação ao método escolhido, nas palavras de Michel Thiollent (1984, p. 44) "a metodologia não consiste num pequeno número de regras. É um amplo conjunto de conhecimentos com o qual o pesquisador procura encontrar subsídios para nortear suas pesquisas", dessa forma eleger os pressupostos metodológicos que conduzem a pesquisa fundamenta-se não só no sentido de "encaixá-la" num método, mas na concretude de compreendê-lo teoricamente para melhor estruturar a pesquisa no alcance dos objetivos propostos. Assim Goldenberg (2002, p.14) sintetiza esse pensamento: "o que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar".

Desta forma, permeada pela "... vigilância epistemológica abrangendo todos os aspectos da pesquisa." (GOHN, 1999, p.61), a abordagem dialética é que garante o enfoque epistemológico à perspectiva qualitativa adotada conduzindo a pesquisa pelo método dialógico com a intenção, em relação ao objeto de estudo, de "cercá-lo epistemologicamente, entender seu interior na relação com os outros" (FREIRE, 2002, p.73), buscando na estruturação metodológica, como assinala Freire, uma "postura epistemológica na mente: superando a curiosidade ingênua, ela se faz mais metodicamente rigorosa" (FREIRE, 2002, p.78), entendendo o método dialógico na perspectiva freireana[5] onde o objeto a ser conhecido não é de posse exclusiva de um dos sujeitos que fazem o conhecimento, e sua análise pressupõe a reflexão à luz de seus diversos aspectos.

[5] Utilizo o termo "Freireano" e não "Freiriano" recomendado pelas regras da Língua Portuguesa, por considerar o primeiro mais fidedigno ao nome, vida e pensamento de Paulo Freire.

Ficam assim determinados os caminhos metodológicos desta pesquisa que tem como ponto de partida a contextualização do *lócus* da pesquisa, uma escola pública da rede estadual de Sinop – MT e a partir da opção por um período de tempo determinado, sendo de 2008 a 2011.

Para o desenvolvimento da investigação seguiu-se a escolha dos educadores participantes como entrevistados identificados, primeiramente em conversas informais nos momentos de formação na escola, tendo como critério a participação contínua no Projeto Sala do Educador no período de 2008 a 2011.

Num segundo momento realizei a análise documental, ação fundamentada por Lüdke e André (1986, p. 39) observando que documentos "não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto". Para esse procedimento, e tendo acesso aos documentos digitais do Projeto Sala de Educador da escola no período considerado, bem como análise dos certificados entregues aos participantes onde constam a carga horária e as temáticas estudadas, organizei os quadros representativos de cada ano, com a participação de uma das coordenadoras pedagógicas responsável pela Formação oportunizada na escola.

O terceiro momento da construção dos dados constitui-se nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com os dez sujeitos da pesquisa, o que originou vasta quantidade de informações a ser analisada com o intuito de responder à questão de pesquisa à luz dos teóricos que a fundamentam. A interpretação qualitativa dos dados produzidos pelas entrevistas se aporta no que Minayo (1996) denomina "método hermenêutico – dialético" onde a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida. Essa compreensão tem como ponto de partida o que a autora classifica como, "o interior da fala" e como ponto de chegada o "campo da especificidade histórica e totalizando o que produz a fala". Na análise dos depoimentos coletados tomo como principal referencial o pensamento de Paulo Freire (1980, 1987, 1996, 2001,2001).

O cenário pedagógico das ações dos professores entrevistados é a forma organizativa da escola: Ciclos de Formação Humana, cujo entendimento pelos mesmos deve ficar evidenciado no alcance dos objetivos propostos, deste modo, se faz necessário a apropriação das premissas e pressupostos teóricos que fundamentam os ciclos através dos escritos de Miguel Arroyo (1999, 2000, 2003), Elvira Lima (1998), Luiz Carlos de Freitas (2003), Elba Siqueira de Sá Barreto (2004, 2005) e Documentos Orientativos da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso (2000, 2002) entre outros.

O substrato fundante desta pesquisa é a Formação Docente tendo a Escola como *lócus* privilegiado, por concordar com a premissa apresentada por Carlos Marcelo Garcia (2008, p.7) ao afirmar "entende-se o desenvolvimento profissional dos professores como um processo individual e coletivo que se deve concretizar no local de trabalho do docente: a escola", por ser este o espaço legítimo do debate acerca dos desafios que educadores enfrentam, configurando-se na ideia defendida por Ademar de Lima Carvalho "[...] espaço nuclear de investigação, reflexão, diálogo, e troca no sentido de ressignificar a prática e elevar a qualidade de ensino e aprendizagem de professores e alunos" (2006, p.180).

Deste modo o *corpus* desta pesquisa traz as perspectivas teóricas que enfatizam a valorização da escola como *lócus* de formação, entre eles Carvalho (2006), Pimenta (2006), Nóvoa (1999, 2001, 2002); Alarcão (2001); Canário (1997, 2006), Imbernón (2006), Marcelo (1999, 2008), Freire (1997, 2002), que tem atribuído aos estudos e às socializações vivenciadas no espaço escolar uma especial importância para a formação contínua do educador, valorizando a construção de uma epistemologia, fundamentada a partir da prática, num processo de reflexão sobre o fazer, caracterizando assim a formação permanente do educador.

A ideia de formação permanente no pensamento de Paulo Freire é resultado do conceito da "condição de inacabamento do ser humano e consciência deste inacabamento" (FREIRE, 2002, p. 43), afirmando ainda que o homem é um ser inconcluso e deve ser consciente de sua inconclusão, através do "movimento permanente de ser mais", desta forma não basta refletir sobre a prática pedagógica, é preciso refletir criticamente e de modo permanente.

2.1 Vivências da pesquisadora: o interesse pela investigação

Como já apresentado anteriormente os pesquisadores não escolhem aleatoriamente os temas, os problemas, os objetos de pesquisa, eles não tomam decisões por acaso, tampouco essas opções são neutras, pois "a escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político" (SEVERINO, 2000, p. 145) assim o interesse por esta pesquisa nasce nas minhas vivências como professora da rede estadual de ensino e, principalmente no vivenciado, enquanto responsável pela formação continuada (implementação do Projeto Sala de Educador) de uma escola durante quatro anos, quando diversas questões relacionadas à formação docente e aos ciclos de formação humana me angustiavam, principalmente no sentido dessa formação atribuído pelos colegas educadores.

Deste modo constituo-me professora- pesquisadora, permanentemente em formação, busco, na intenção de "ser mais" a compreensão do universo de atuação docente através das falas dos professores entrevistados e análise da formação contínua vivenciada no espaço escolar tendo como premissa o que expressa Evandro Ghedin e Maria Amélia Santoro Franco (2008) justificando a abordagem metodológica escolhida para esta pesquisa:

> A pesquisa qualitativa permite a compreensão do cotidiano como possibilidades de vivências únicas, impregnadas de sentidos, realçando a esfera do intersubjetivo, da interação, da comunicação e proclamando-o como espaço onde as mudanças podem ser pressentidas e anunciadas. (GHEDIN e FRANCO, p.61).

A realidade vivenciada por mim por tanto tempo, permeia esta pesquisa, entretanto a partir do olhar dos educadores entrevistados sobre dois aspectos importantes dessa vivência – o Projeto Sala de Educador e os Ciclos de Formação Humana, busco, portanto, o distanciamento necessário para compreender a relação dialética que se estabelece entre esses aspectos e a percepção dos entrevistados sobre os mesmos.

Intenciono assim na razão dialética preconizada por José Eustáquio Romão (2000) desvelar a realidade através da compreensão e explicação: "... só a Razão Dialética dá conta do significado mais profundo de um objeto, porque dá o segundo passo, isto é, aborda-o também pela perspectiva da análise explicativa, pragmática, temporal, dialética, etc." (ROMÃO, 2000.p. 43). Ainda segundo o autor a razão dialética não nega a lógica.

Contudo essa lógica é construída pelo momento de distanciamento do pesquisador com relação ao fenômeno estudado que, segundo Maria da Glória Gohn, se exprime da seguinte forma:

> Este distanciamento é ocupado por um espaço no qual fazemos uso da razão, através de um processo de abstração. Neste processo, a partir do aspecto emanado e contraditório da prática cotidiana ao nível das aparências, separam-se através de operações intelectuais as determinações básicas da problemática que irão conduzir as contradições presente. (GOHN, 1999.p. 94).

Da mesma forma pensam Romão e Freire: afasta-se para a compreensão e retorna para a explicação, este é o momento teórico, tendo como foco a recomendação de Gohn (1999) "... vigilância epistemológica abrangendo todos os aspectos da pesquisa." Assim, comungando com o entendimento dos autores citados, a abordagem dialética é que garante o enfoque epistemológico à perspectiva qualitativa dessa pesquisa, cujo cenário é apresentado a seguir.

2.2 O cenário da pesquisa

A escola que tomo como *lócus* desta pesquisa faz parte da Rede Estadual de Ensino no município de Sinop é uma escola de grande porte de acordo com a classificação da Secretaria Estadual de Educação, pois comporta 22 salas de aula com atendimento nos três períodos diários e atende cerca de mil e quinhentos alunos.

Esta escola foi criada em 2004, entretanto por três anos funcionou somente no período noturno, atendendo poucas turmas da Educação de Jovens e Adultos num prédio cedido pela prefeitura do município. Em 2007 recebeu o prédio próprio construído nos moldes do Programa Escola Atrativa[6] e começou atender cerca de dois mil e cem alunos. Diferentemente do prédio cedido, neste novo prédio a escola passou a fazer parte de uma comunidade de periferia.

A beleza do prédio da nova escola chama atenção da comunidade circunvizinha, pois até então, não havia na cidade uma escola como esta. No início do ano de 2007 há uma grande disputa pelas matrículas (realizadas em casas emprestadas pelos moradores próximos). Eu participei desse processo por ser professora interina na escola desde 2004 e apesar da rescisão do contrato no final do ano, fui voluntária nas matrículas durante as férias[7].

A história desta escola acontece num processo dinâmico e dialético, pois nos anos seguintes foram necessárias algumas alterações e reorganizações dos espaços em virtude das modalidades de ensino oferecidas: nos anos de dois mil e sete e dois mil e oito atendiam-se alunos da educação básica (Ensino Organizado por Ciclos de Formação Humana com três Ciclos de Formação, compreendendo três fases cada um) nos dois períodos diurnos e EJA (Educação de Jovens e Adultos – Ensino Fundamental – 2º segmento) no período noturno, ainda no ano de dois mil e oito inicia-se a oferta do Ensino Médio Integrado a Educação Profissional com o curso Técnico em Informática.

É possível perceber esse processo histórico dinâmico e dialético também nos depoimentos dos entrevistados quando explicitam a maturação de entendimento e construção da práxis em relação aos Ciclos de Formação Humana ao longo de seu trabalho na escola.

A partir do ano de dois mil e nove a Secretaria de Educação promove um redimensionamento das escolas e esta entra num processo gradativo de atender somente

---

[6] Programa do Estado lançado em 2004, tendo como uma das ações construção reforma e ampliação dos espaços escolares com o objetivo de padronizá-los e torná-los mais atrativos e inclusivos. Fonte: www.seduc.gov.mt acessado em junho de 2012.

[7] Em julho de 2007 tomei posse no concurso público para professor da educação básica e tornei-me professora efetiva desta escola

turmas do Ensino Médio, assim, progressivamente, o atendimento no ensino médio vai se ampliando e reduzindo no ensino fundamental (a partir de dois mil e doze a escola Professora Edeli Mantovani atende somente as três fases do terceiro ciclo do Ensino Fundamental)[8].

Estas considerações acerca da escola se fazem necessárias para a compreensão do universo investigativo desta pesquisa, no sentido de apreender a multiplicidade de sujeitos envolvidos nos processos educativos oferecidos, ponderando que abarca mais de cento e cinquenta profissionais da educação.

Minha trajetória profissional, como já assentado, se entrelaça com a história da escola, e também em relação à formação docente vivenciada no espaço escolar: no ano de dois mil e sete, ainda como professora de matemática, responsabilizei-me por um dos momentos da formação continuada (ainda denominada Sala de Professor), e propus aos colegas o estudo do livro "Ler e escrever: compromisso de todas as áreas" organizado por Neiva Otero Schaffer, editado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com textos para as diversas disciplinas do currículo escolar incentivando o trabalho do professor e do aluno em relação à leitura e escrita. Nos anos seguintes, primeiramente como coordenadora pedagógica e depois como professora articuladora, passei a fazer parte da equipe responsável pela formação continuada vivenciada na escola.

Ao pensar na tessitura deste cenário investigativo e nos professores entrevistados, que denomino 'colaboradores da pesquisa', também me (re) penso enquanto sujeito histórico neste espaço, pois estamos ligados por diversos elos, reconheço a essência disso nas palavras de Paulo Freire:

> (...) a posição normal do homem no mundo, como um ser da ação e da reflexão, é a de "admirador" do mundo. Como um ser da atividade que é capaz de refletir sobre si e sobre a própria atividade que dele se desliga, o homem é capaz de "afastar-se" do mundo para ficar nele e com ele. Somente o homem é capaz de realizar esta operação, de que resulta sua inserção crítica na realidade. "ad-mirar" a realidade significa objetivá-la, apreendê-la como campo de sua ação e reflexão. Significa penetrá-la, cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos. (FREIRE, 1977, p.19).

Dessa maneira busco afastar-me para poder refletir criticamente sem, no entanto deixar de "admirar" essa realidade que me é tão cara, num movimento de "abstração" sobre o objeto do conhecimento como assinala Freire (1977) ao afirmar que esse movimento não subtrai, contudo, o objeto de conhecimento de seus contextos reais concretos. Pelo contrário,

[8] É garantida a terminalidade da modalidade aos alunos, sendo assim, a priori, a escola atenderá os alunos do ensino fundamental por mais dois anos (2013 e 2014).

leva a compreendê-los desde as totalidades que os contêm e que os significam e os transformam.

Considerando o cenário investigativo que se configura em seguida apresento os educadores entrevistados – colaboradores da pesquisa, que também são atores do processo histórico da escola descrito acima, pois o principal critério enquanto colaborador é a participação na formação docente desenvolvida no espaço escolar no período de dois mil e oito a dois mil e onze, alguns destes estão desde dois mil e sete e participaram daquele primeiro momento de formação organizado por mim o qual descrevi anteriormente.

2.3 Os educadores entrevistados: colaboradores da pesquisa

Conforme mencionado na introdução, o interesse dessa pesquisa nasce nas minhas inquietações enquanto participante do Projeto Sala de Educador na escola, e é no convívio cotidiano com colegas participantes que elejo os sujeitos que participam da pesquisa.

De início em conversas informais identifiquei os possíveis colaboradores da pesquisa, tendo como critério a participação no Projeto Sala de Educador desde dois mil e oito, dez professores manifestaram interesse e disponibilidade em colaborar com a pesquisa. Num primeiro momento preencheram um questionário de identificação onde manifestaram aceitar terem seus nomes explicitados no decorrer da pesquisa (modelo em Anexo). A função deste questionário foi de permitir-me organizar melhor as próximas ações em relação ao período e horário disponível para as entrevistas e constituir um banco de dados dos colaboradores para futuro contato com os mesmos.

Penso que numa pesquisa qualitativa ordenada pelo pressuposto do método dialético a identificação dos professores entrevistados legitima-os como sujeitos históricos protagonistas dos processos formativos abordados nesta pesquisa. Neste sentido, apresento a seguir, individualmente, os dez professores colaboradores da pesquisa, tendo como critério de sequência de apresentação a ordem alfabética dos primeiros nomes dos mesmos:

A professora Adriana Perez é gaúcha, natural de Pelotas, graduada em Pedagogia e Didáticas do Ensino Médio pela Universidade Federal de Pelotas, tem especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, é professora há 10 anos, desde 2009 trabalha na Sala de Recurso da escola atendendo alunos com necessidades especiais de aprendizagem, iniciou seu trabalho na escola em 2007 como professora alfabetizadora, é professora interina[9].

[9] O professor interino é contratado pela Secretaria Estadual de Educação tendo como regime de trabalhado as horas-aulas que leciona sem direito a hora atividade remunerada. O professor efetivo (cargo assumido por

O Professor Amorézio Coelho de Souza é natural de Cuiabá, Mato Grosso, licenciado em História, especialista em Gestão Escolar é professor há trinta anos, é professor efetivo da Rede Estadual, era diretor da escola no momento de transição para o prédio novo, atuou nos últimos anos na Assessoria Pedagógica do Município de Sinop e atualmente é um dos coordenadores pedagógicos da escola pesquisada.

A Professora Ilza Rodrigues Pereira Lucena é baiana também licenciada em história, possui especialização em História, leciona há vinte anos, está na escola desde dois mil e sete, primeiramente como professora interina, tornando-se efetiva em dois mil e onze.

O Professor Isaias Eugenio de Melo nasceu no estado do Paraná, licenciado em Ciências Biológicas, é especialista em Interdisciplinaridade na Educação, atua como professor há treze anos, está na escola também desde dois mil e sete, sendo professor interino durante todo o período.

A Professora Ivete Terra é paranaense, licenciada em Geografia, leciona há oito anos, atuou nesta escola no ano de dois mil e sete, no ano seguinte lecionou em outra escola retornando em dois mil e nove, primeiramente como professora interina tornando-se efetiva em dois mil e onze.

A Professora Jeane Maria de Siqueira, natural do estado do Pará, é Pedagoga com especialização em Educação Infantil, atuando como professora há 18 anos, está na escola desde dois mil e sete, sempre como professora interina, atuando durante dois anos com turmas do primeiro ciclo (fase final da alfabetização), posteriormente foi professora articuladora para o primeiro ciclo e há dois anos atua na Sala de Recurso (Atendimento Educacional Especializado).

A Professora Maria Célia da Silva Santana é paranaense, natural de Iporã, licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, especialista em Metodologia das Ciências e suas Tecnologias, é professora há 16 anos e leciona na escola desde dois mil e sete como professora interina, trabalhando com as disciplinas de Português e Artes.

A professora Marta Proença, natural do Rio Grande do Sul, é licenciada em Artes, está na escola desde dois mil e sete, primeiramente como professora interina, tornando-se efetiva em dois mil e onze.

A professora Sidinei de Oliveira Cardoso nasceu em Minas Gerais, leciona há 17 anos, licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, tem especialização em

---

concurso público) tem como regime de trabalho 30 h semanais distribuídas em 20 em sala de aula e 10 de hora-atividade, sendo parte utilizada para formação continuada (no caso Projeto Sala de Educador).

Educação de Jovens e Adultos, é professora efetiva da escola desde dois mil e sete, atuando por dois anos na coordenação pedagógica, atualmente é professora de Português.

A Professora Sirlei Inês Dietrich Estrela é natural do Rio Grande do Sul, licenciada em Matemática, especialista em Metodologia do Ensino de Matemática, é professora há onze anos, está na escola desde dois mil e sete, primeiramente como interina, tornando-se efetiva no mesmo ano, nos dois primeiros anos na escola lecionou a disciplina de matemática, atuou por um ano como professora articuladora para o terceiro ciclo, nos últimos anos exerce a função de coordenadora pedagógica da escola.

É importante ressaltar alguns aspectos em relação aos colaboradores da pesquisa: a diversidade de formação inicial e a presença de dois coordenadores pedagógicos oportunizam uma visão mais completa do objeto de estudo; o fato de ser professor interino também pode influenciar na disponibilidade em participar da formação ofertada no espaço escolar, pois interinamente o professor não tem carga horária remunerada para hora-atividade (e o Projeto Sala de Educador acontece nestes momentos de hora-atividade), ressalto que os professores entrevistados, durante o período considerado nesta pesquisa, sempre priorizaram a participação no Projeto Sala de Educador por isso preenchem o critério de participação.

2.4 Caminhos e instrumentos da pesquisa

Nas vivências nos momentos de formação institucionalizados realizados no espaço escolar sempre me inquietou saber que valor os professores dão a estes, e ainda, se é possível sistematizar as respostas a questões relacionadas a formação oferecida (Projeto Sala de Educador - PSE[10])? e como se dá a articulação dos momentos de formação com o entendimento a respeito da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana (EOCFH[11])? A partir disso fui tecendo o fio condutor desta pesquisa, buscando, num primeiro momento, aporte teórico sobre as duas temáticas que se entrecruzam: formação docente no espaço escolar e a organização da escola em ciclos de formação humana.

Para que esta investigação efetivamente se configurasse como uma ação concreta foi necessária a adesão da escola em ser o cenário da pesquisa, ou seja, após diversas conversas com a equipe gestora da escola, apresentei o Projeto de Pesquisa ao Conselho Deliberativo Escolar, não só no sentido de solicitar anuência para a Licença para Qualificação Docente,

[10] Por praticidade a partir desse momento refiro-me ao Projeto Sala de Educador utilizando a sigla PSE.
[11] Igualmente por praticidade a partir desse momento refiro-me a Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana utilizando a sigla EOCFH.

mas com o objetivo de participar a todos os segmentos da escola a pretensão da pesquisa e a possível relevância para a comunidade escolar que ela pode ter.

Desta maneira busquei a efetiva ‘adesão’ da escola emprestando este termo de Paulo Freire que contrapõe a adesão (consciente) da aderência (ingênua), pois as escolas, de uma maneira geral tem sido objeto de pesquisa da academia e nem sempre tem consciência dos impactos e significados que isso pode ter, assim numa apresentação permeada pelo diálogo expus a intenção e passos da pesquisa aos representantes dos segmentos da escola com resultado bastante positivo expressado pelos participantes.

Os passos seguintes, já descritos anteriormente, foram no sentido de identificar os colaboradores e organizar um banco de dados com as informações pessoais deles, para isso utilizei um Questionário de Identificação que traz como preâmbulo a intenção da pesquisa e agradecimento pela colaboração, neste momento também apresentei a eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em Anexo), onde solicito autorização para identificá-los no texto como entrevistados.

A partir da identificação dos colaboradores realizei entrevistas semi-estruturadas com cada um dos colaboradores em ambientes e horários previamente combinados, oportunizando-lhes escolher o local onde se sentiriam mais à vontade, entretanto a maioria das entrevistas foi realizada na própria escola logo após o encontro da Sala do Educador.

Seguiu-se um roteiro pré-estabelecido para todos os colaboradores, no entanto, permitiu-se a flexibilização nos momentos em que eu, como pesquisadora, pude fazer perguntas adicionais para melhor compreender o contexto, fundamentado no exposto por Menga Ludke e Marli André:

> Parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados. [...] especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.33).

Assim as entrevistas se constituem como um instrumento bastante rico, onde emergiram significados atribuídos pelos entrevistados acerca das temáticas da pesquisa especificamente e de outros assuntos relacionados à prática e formação docente ficando evidente o que preconiza Maria Amélia Santoro Franco: “os professores possuem teorias que embasam suas práticas e práticas que referendam suas teorias, constituindo-se essa dinâmica

numa riqueza que não pode ser desprezada por qualquer pesquisador da educação" (FRANCO, 2008, p. 97).

As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, constituindo-se a matéria prima para a construção da "trama" desta pesquisa entendidas no sentido Freireano, segundo Luiz Augusto Passos (2008, p. 416)[12] "as tramas, em Freire, adquirem [...] a ideia de inesgotáveis sentidos que emolduram experiências, coisas, acontecimentos e palavras num determinado quadro de relações que lhes confere sentidos 'outros' diferenciados".

Lanço mão também, de outro instrumento de coleta de dados neste trabalho: a análise documental realizada com a colaboração das coordenadoras da escola, no documento digital que expressa o Projeto Sala de Educador da escola e nos certificados emitidos no período considerado, resultando nos quadros que serão apresentados no segundo capítulo, com a intenção de contextualizar melhor o cenário investigativo e inventariar as temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador, pois para Menga Ludke e Marli André "a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema." (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.38).

Diante do cenário e contexto desta investigação que se apresenta como complexo e dialético no próximo capítulo apresento as bases teóricas que sustentam a pesquisa tendo como foco a formação permanente do professor e a formação centrada na escola articuladas à análise compreensiva das informações recolhidas durante o período de coleta de dados, ou seja, procuro articular a legitimação da escola como *lócus* da formação docente através dos autores que a referenciam com os depoimentos dos colaboradores da pesquisa no sentido de apreender a concepção de formação expressada e o valor formativo que os colaboradores atribuem ao Projeto Sala de Educador.

[12] Cf. Verbete: trama – Dicionário Paulo Freire. Cf. Referências.

3 A ESCOLA COMO *LÓCUS* DA FORMAÇÃO CONTINUADA: A PERSPECTIVA DOS COLABORADORES DA PESQUISA

E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.

Vale recapitular que duas temáticas se transversam neste trabalho de pesquisa: a formação docente vivenciada no espaço escolar através do Projeto Sala de Educador na Escola Estadual Professora Edeli Mantovani e o entendimento dos educadores (sujeitos pesquisados) que vivenciam esta formação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana que consiste na Política de Estado de Educação da Rede Estadual de Ensino da Educação Básica na presente década.

3.1 A Formação Permanente do Professor do e no *lócus* escolar

A responsabilização por diversos aspectos da educação é de competência da família e do Estado, mas recai também, sobre nós educadores, pois não há como negar que temos tarefas específicas na dimensão pedagógica as quais nos fazem educadores e educadoras dentro do Sistema Educacional. A esse respeito tanto os poderes do Estado, quanto as organizações sindicais concordam.

Neste sentido, atribui-se ao educador, muitas mazelas da educação, entre elas evasão, baixo rendimento nas avaliações de larga escala, que, de acordo com Domingues (2006), citando um exemplo, se refere ao grande número de crianças e jovens que deixam a escola sem as condições necessárias para assumir seu papel de leitor e de escritor na sociedade contemporânea, estabelecendo-se o que se determinou chamar de crise da educação, e isso tem sido imputado aos educadores. Tal observação tem mobilizado os trabalhos acadêmicos na investigação sobre a formação docente (inicial e contínua), e na última década, o que se propõe é que a escola seja tomada como espaço de formação contínua, não vista somente como espaço físico, mas que a partir de sua demanda educativa, seja promovida a formação

continuada dos que trabalham nela não se tratando, no entanto, da desvalorização da formação inicial ou da academia conforme esclarece Nóvoa:

> [...] formação de professores é algo, que se estabelece num continuum. Que se começa na escola de formação inicial [...] continua ao longo de toda a vida profissional, através de praticas de formação continuada. Estas práticas de formação continuada devem ter como polo de referência as escolas. São as escolas e os professores organizados nas suas escolas que podem decidir quais são os melhores meios, os melhores métodos e as melhores formas de assegurar essa formação continuada. Com isto, eu não quero dizer que não seja muito importante o trabalho de especialistas, o trabalho de universitários nessa colaboração. Mas a lógica da formação deve ser centrada nas escolas e deve estar centrada numa organização dos próprios professores. (NÓVOA, 2001, p. 2).

Pensar a formação docente a partir da escola, entretanto, não se constitui fato novo, pois Francisco Imbernón (2006), abordando a questão da formação centrada na escola, mostra que esse modelo de preparação institucionalizada surgiu no Reino Unido, em meados de 1970, por meio do *Advisory Council for the Suplly and Training of Teachers*, nascido exatamente pela falta de recursos educacionais que assegurassem a formação continuada dos educadores das escolas pelo poder público fora dela.

No Estado de Mato Grosso, a formação no *lócus* escolar começou a ser fomentada entre os anos de 2005 e 2006, consolidando-se como Política Pública efetiva em 2007, a priori, como uma política pública de valorização do magistério, onde inicialmente as temáticas a serem estudadas eram direcionadas pela Secretaria Estadual de Educação.

Entretanto, com o decorrer do tempo, o coletivo de educadores da escola vai percebendo a necessidade de eleger as temáticas a serem estudadas a partir das demandas formativas oriundas da prática pedagógica dos mesmos, e assim o Projeto de Formação passa a se caracterizar pelo atendimento às demandas formativas dos participantes, articuladas com as demandas oriundas da Seduc. Dessa maneira o papel do Coordenador Pedagógico torna-se importante na elaboração e implementação do PSE, pois é ele que conduz o processo da eleição das temáticas a serem estudadas junto ao coletivo de professores e articula as demandas institucionais de maneira que o Projeto tenha a “cara” da escola.

Todavia, quando a secretaria de Estado de Educação de Mato grosso, toma a decisão de implantar, na rede estadual de Ensino um projeto de formação continuada entende também que a nova Política Educacional da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana precisava ser compreendida para ser construída por todos os envolvidos. Isso requer que o sentido da escola, agora como *lócus* da formação dos educadores, seja ressignificado em seus espaços temporais:

> o estabelecimento de ensino, entendido durante muito tempo como unidade administrativa que prolongava a administração, passou a ser encarada como uma organização social, inserida num contexto local singular, com identidade e cultura próprios, produzindo modos de funcionamento e resultados diferenciados (CANÁRIO, 1995, p. 7).

Nem sempre as mudanças se desenvolvem de maneira tranquila, pois, os vícios de uma educação seriada, de caráter fragmentado que produz uma prática pedagógica em que cada professor "dava sua aulinha" ainda estavam latentes nas relações pedagógicas escolares. Essa concepção pedagógica é evidenciada na fala de uma das colaboradoras da pesquisa: ***então... era muito difícil, por que você estava acostumado a dar nota, trabalhar de uma jeito e de repente você tem que trabalhar de outro jeito, atribuir outros valores... pensar sua aula de outra maneira...***[13] Porém, a experiência nos demonstra que, sem o conflito, não surge o crescimento e consequentemente a mudança, que, a partir dos desafios que se apresentam, suscitam novos olhares, como se percebe no depoimento da Prof. Ivete quando narra o início de seu trabalho com os ciclos:

> ***naquele tempo era um choque porque você tinha que ver o aluno de outro jeito... tinha que fazer vários papeis, até mesmo de mãe...isso deu um nó na nossa cabeça, porque eu estava ali pra ensinar geografia não para acalentar o aluno...mas o aluno estava ali, inteiro, chorava por que o pai foi embora...eu tinha que conversar com ele...por que nós sabíamos que a escola é uma escola de formação humana, eu não podia desconsiderar o meu aluno, eu tinha que entender porque ele era agressivo com um colega e não estava copiando o conteúdo, estudando...***[14]

É na evidência desses novos desafios que os sujeitos pesquisados veem na Formação continuada através do Projeto Sala de Educador, um instrumento que corrobora na apropriação dos pressupostos da nova concepção de escola que se apresenta: ***é esse estudo na sala de educador que vai fazer diferença, vai te ajudar a estabelecer outras relações, vai te ajudar a aceitar o diferente.***[15].

Dentro desse pressuposto, o PSE se constitui um caminho novo a ser trilhado em que o processo de formação é pensado a partir da demanda que permeia o contexto escolar, assim também enfatiza Ilma Passos Veiga: "novas formas de formação docente têm que ser pensadas em um contexto de tensão, de correlações de forças, às vezes favoráveis às vezes desfavoráveis" (1995, p.31), constituindo-se, quase sempre, um desafio para todos os envolvidos.

---

[13] Cf. entrevista da Prof.ª Ivete Terra em Anexo
[14] Idem nota anterior.
[15] Cf. entrevista do Prof. Amorézio em Anexo

A articulação entre o espaço escolar e a formação docente se fortalece na medida em que estes se reconhecem como interdependentes, de acordo com essa perspectiva Marcelo (1999) salienta que a melhoria do ensino depende do reconhecimento de que o desenvolvimento da escola está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento profissional dos professores, apontando também a necessidade da valorização da concepção do protagonismo dos educadores, refletido no investimento nos seus saberes, possibilitado pelo enfrentamento da cultura imposta pelos sistemas educativos. Assim o prof. Amorézio manifesta sua posição:

> ***Quando eu venho da escola seriada para o ciclo eu tenho que praticamente dar uma reviravolta total no meu fazer pedagógico, e você sabe que o fazer pedagógico não é desvinculado da minha pessoa! Eu sou Amorezio pedagogicamente o mesmo Amorézio que eu vejo o mundo!!!Então como eu vou fazer essa mudança? Se eu sei que a escola está passando por essa transformação? Então eu vou estudar! Eu tenho que ler! [...]***[16]

Ao considerar o que afirma o professor entrevistado sobre sua necessidade de estudar, a formação desenvolvida dentro da escola ganha materialidade no conceito expressado por Imbernón (2006):

> A formação centrada na escola envolve todas as estratégias empregadas conjuntamente pelos formadores e pelos professores para dirigir os programas de formação de modo a que respondam às necessidades definidas da escola e para elevar a qualidade do ensino e da sala de aula e nas escolas. Quando se fala de formação centrada na escola, entende-se que a instituição educacional transforma-se em lugar de formação prioritária diante de outras ações formativas. A formação centrada na escola é mais que uma simples mudança de lugar da formação. (IMBERNÓN, 2006, p. 80).

A formação centrada na escola é compreendida aqui como lugar de referência de e para a formação do professor, no sentido de compreendê-la na sua relação com o contexto sociopolítico, bem como de buscar resposta teórico-metodológica, visando melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem.

Na envergadura da formação centrada na escola encontra-se o aprender contínuo da profissão docente, não evidenciando a dissociação entre estes aspectos, fundando-se em outros conceitos da formação como autoformação:

> O aprender contínuo é essencial em nossa profissão. Ele deve se concentrar em dois pilares: o professor, como agente, e a escola como organização. A preocupação com a pessoa do professor é central na reflexão educacional e pedagógica. Sabemos que a formação depende do trabalho de cada um.

[16] Cf. Entrevista Prof. Amorézio Coelho de Souza em Anexo

> Sabemos também que mais importante do que formar é formar-se; que todo conhecimento é autoconhecimento e que toda formação é autoformação (NÓVOA, 2003, p.2).

A formação vivenciada no espaço escolar possibilita a construção de saberes necessários à atuação docente, entretanto cabe refletir como o educador incorpora esses saberes a sua prática e como estes se efetivam na construção da profissionalidade docente, constituindo-se como elemento identitário de sua profissão, isso tudo permeado pelo modelo de formação vivenciado, ganhando concretude nos projetos formativos e no arquétipo de escola que se pretende construir. Podendo ter como aspecto fundante o que Paulo Freire preconiza:

> Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. (FREIRE, 1996, p.32).

A partir da premissa de Paulo Freire de que "ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática" (2001, p.58) articula-se o substrato dessa pesquisa considerando os momentos formativos vivenciados na Escola Prof. Edeli Mantovani como essenciais para o engendramento de processos coletivos de reflexão tendo como fundamento o sentido de formação contínua que vai tecendo a profissionalidade do educador atribuído por Freire:

> Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar e aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (1996, p. 44).

Essa ideia de formação permanente, defendida por Paulo Freire, é resultado do conceito da "condição de inacabamento do ser humano e consciência desse inacabamento" (FREIRE, 2002, p. 43), afirmando ainda que o ser humano é um ser inconcluso e deve ser consciente de sua inconclusão, através do "movimento permanente de ser mais", desta forma não basta refletir sobre a prática pedagógica, é preciso refletir criticamente e de modo permanente que implique em mudanças.

Atualmente diversas pesquisas problematizam a formação docente, em suas várias etapas, a saber, a inicial e a continuada, numa busca de se compreender como se constrói a

profissionalidade do educador, e como este se prepara para atuar na educação diante dos desafios que se lhes apresentam neste século.

A maioria desses estudos destaca a importância de se desenvolver três componentes formativos: o científico, o psicopedagógico (ou pedagógico) e o cultural. A eles Imbernón (2006) acrescenta um quarto componente: o prático, ou seja, a prática no exercício da profissão docente (reflexão sobre a própria prática), que no seu ponto de vista é o que fundamenta o próprio ato de educar, mas que é decorrente dos demais eixos que configuram uma determinada maneira de entender a profissão de educar.

A cada um desses componentes, Imbernón (2006) atribui uma clara orientação de finalidade, isto é, a cientificidade, a postura psicopedagógica e cultural, definem, em última instância, a prática pedagógica a ser adotada em determinado contexto. Isso se confirma no pensamento exposto pelo Prof. Amorezio: ***"o fazer pedagógico não é desvinculado da minha pessoa! Eu sou Amorezio pedagogicamente o mesmo Amorézio que eu vejo o mundo!!!"***[17], ou seja, ele acredita que a prática pedagógica é vinculada à concepção de mundo.

Assim, mediante o aspecto científico, o educador adquire conhecimentos técnicos que o capacita a expressar didaticamente as interfaces da realidade de forma dialética, não só em torno da disciplina, mas possibilitam um olhar inter e transdisciplinar que constituem nossa realidade.

É neste sentido que os componentes destacados por Francisco Imbernon se convertem, em meus estudos, em instrumentos ou categorias imprescindíveis para o exercício da profissão de educador em constante formação. É claro que não podemos desprezar outros fatores diversos que permeiam a vida profissional dos educadores, como a relação política com o sistema educacional, vida privada, etc., porém esses aspectos, não estão inclusos como objeto de estudo neste trabalho.

Com o intuito de inventariar como o educador concebe sua formação e em que consiste a natureza dos saberes inerentes a sua profissão (epistemologia) é necessário explorar alguns aspectos que permeiam a formação e que tem implicações na práxis educativa dentre os envolvidos. Tais aspectos são constituídos pelo conceito de ensinar, a relação teoria e prática, o trabalho coletivo, a autonomia docente e a construção da identidade de educador.

Na perspectiva do senso comum a função do professor é 'ensinar', entretanto em se tratando da natureza do conhecimento docente, o conceito de ensinar pode apresentar múltiplas e complexas facetas, exemplificado por Maria do Céu Roldão (2007), ao enfatizar

[17] Cf. Entrevista Prof. Amorézio Coelho de Souza em Anexo.

que a leitura desse conceito pode ser permeada por uma tensão profunda entre o "professar um saber" e o "fazer outros se apropriarem de um saber" – ou melhor, "fazer aprender alguma coisa a alguém" podendo ser traduzida a primeira na postura do professor transmissivo, detentor único do saber escolar e a segunda pode ser compreendida como um saber pedagógico, disciplinar. No entanto o conceito utilizado neste estudo transcende os mencionados anteriormente visto que empresto o conceito de **educador** formulado por Paulo Freire que atribui como característica fundante a premissa do "diálogo entre sujeito cognoscente e o objeto cognoscível mediatizados pelo mundo" (Freire, 1996) e que consequentemente, todos se educam mutuamente.

Na tentativa de compreender-se então, agora, como educador que se encontra em contradição em suas práxis, os sujeitos pesquisados diante dos conflitos vivenciados tendem a redefinirem seus papéis, pois percebem que na escola seriada:

> ***o professor já vem com seu plano de ensino pronto, já estabelecido, para um perfil específico de aluno e acaba não interagindo com o aluno, nem reconhecendo as diferenças que eles possuem, e as dificuldades que eles possuem[18].***

Para este mesmo educador sua atuação agora, prescinde de mudanças conceituais e de posturas que poderão contribuir na implantação e implementação do novo modelo de escola que se pretende organizada em Ciclos de Formação Humana:

> ***eu devo ver o aluno no contexto que ele está inserido na sociedade como um todo, (...) é necessário o professor ser capacitado ou até mesmo ele ter uma ideia como educador, por que ele precisa estar atento a todos os alunos, por exemplo, aquilo que faz diferença pra um, às vezes não serve pra outro, e você precisa descobrir caminhos para poder lidar com essa diversidade. [19]***

Seguindo essa mesma trilha do entrevistado em "descobrir caminhos" entende-se imprescindíveis, na relação do processo educativo e imbricados aos aspectos epistemológicos todos os saberes científicos necessários à formação humana em cada ciclo vital. É preciso ponderar que não se pode desprezar os conhecimentos inerentes a cada área visto que o educador deve se apropriar e dentre eles o saber pedagógico, disciplinar, traduzido nos conteúdos a serem trabalhados também compõe os saberes necessários à função docente. A preocupação de não negar a importância dos conhecimentos historicamente construídos

---

[18] Cf. Entrevista Prof. Isaías Eugênio de Melo em Anexo.
[19] Idem nota anterior.

emergidos nos momentos de formação vivenciados no espaço escolar, o que se verifica no pensamento de Libâneo:

> Não pode haver dúvidas: não há preparação para a modernidade, para os tempos pós-modernos, sem um investimento maciço no domínio sólido e duradouro dos conteúdos. Não conteúdos como mera transmissão de conhecimentos ou inculcação de informações, mas envolvendo ensino e aprendizagem de conceitos, habilidades, de procedimentos (modos de ação), atitudes e convicções. Não faz sentido a transmissão verbal de conhecimentos cristalizados, compartimentalizados, fora de toda e qualquer referência ao mundo real e desvinculados de modos de ação como são as habilidades, os procedimentos, atitudes e convicções. Evidentemente não há como materializar esse papel da educação formal se os professores não dominarem os conteúdos de sua matéria, dentro desse entendimento ampliado. (LIBÂNEO, 2007, p. 204).

Diante das demandas sociais e pedagógicas, cada vez mais, se faz necessário uma ressignificação nos modos de ensinar e aprender. Assim o educador, ao longo de sua profissionalização, vai elaborando e reelaborando seu fazer pedagógico, apoiando-se nas experiências e vivências compartilhadas: "A experiência do trabalho docente é percebida como elemento de formação capaz de valorizar o papel dos saberes da experiência no meio de outros saberes" (TARDIF, 2002, p.19).

Os grandes desafios vivenciados pelos educadores no atual cenário são questões que também abarcam os "postulados epistemológicos que movem o fazer pedagógico escolar e os identifica como ciência da Educação" (SILVA; TROIAN, 2011, p.07), pois se trata de entender que a compreensão da natureza do conhecimento docente e sua apropriação, é a essência da profissão de educador, sendo apontado por Maria Amélia Santoro Franco como a: "capacidade de articular o aparato teórico-prático, a capacidade de mobilizá-lo na condição presente, a capacidade de organizar novos saberes a partir da prática" (FRANCO, 2008, p. 135).

Assim, oportunizar que o professor seja "co-construtor" de seu processo de trabalho e formação implica que ele "avalie judiciosamente sua prática a partir da reflexão em cima de seu trabalho, com base na teoria" (LIBÂNEO, 2007, p.54). E a apropriação da teoria fundamenta-se efetivamente em estudos, leituras, ancorados na afirmação de Paulo Freire:

> Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o conhecimento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não

> é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim a sua atitude crítica em face dele. (FREIRE, 1982, p. 10).

E a 'tarefa de sujeito' que estuda, marcada por Paulo Freire, deve ser uma tarefa coletiva, numa efetiva construção e compartilhamento de saberes, no sentido de recriar práticas pedagógicas e maneiras de ver e conceber o aluno em sua "*inteireza"*, não compartimentada, nesse sentido Selma Garrido Pimenta (2002, p.71) confirma essas ideias, quando faz a seguinte reflexão: "trabalho coletivo significa tomar a problemática da escola coletivamente com base na individualidade de cada um, da colaboração específica de cada um, em direção a objetivos comuns [...]".

Assim a vivência da coletividade também enquanto formação pode constituir-se como parte da natureza do conhecimento docente, entendida como trabalho coletivo forjado no PSE, conforme salienta o prof. Isaias:

> ***é interessante ressaltar que participar do sala de educador auxilia no planejamento, mesmo que naquele momento eu não faço o planejamento, mas quando eu vou planejar eu penso sobre o que estudamos, eu troco informações com outros colegas que também participam do estudo, pegar dicas de atendimento a cada aluno, e pode também utilizar esse espaço para socializar as novidades, pontos que são relevantes em determinada turma, essa interação é muito produtiva.***[20]

Na ambiência do trabalho coletivo encontra-se imbricada a autonomia docente num mesmo processo, daí a importância de que o educador se perceba como professor-reflexivo que, na abordagem de Isabel Alarcão (2003, p.12) "baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de idéias e práticas que lhe são exteriores" e dentro do movimento dialético o educador busca sua autonomia para construir uma prática pedagógica significativa, a partir do engendramento de um contexto favorável com vistas a um novo modelo de educação que requer qualidade social.

Entretanto, é preciso atentar para a apropriação de sentido de autonomia que não significa o isolamento ou individualização do trabalho pedagógico, mas trata-se do exercício de individuação[21] oriundo do compromisso político de profissional da educação anteriormente envolvido com um projeto coletivo como bem define José Contreras (2002):

---

[20] Cf. Entrevista Prof. Isaías Eugênio de Melo em Anexo.

[21] Uma pessoa tornar-se si mesma, inteira, indivisível e distinta de outras pessoas, embora também em relação com estas – fonte: Dicionário Crítico de Análise Junguiana, disponível em HTTP://www.rubedo.psc.br acesso em 04/09/2012.

> [...] não consiste nem no isolamento nem no abandono de escolas e professores à própria sorte. Parte, mais precisamente, de conceber as relações entre professores e sociedade sob outras bases (as da constituição comunitária), de forma que os vínculos não sejam de natureza burocrática nem mercadológica, mas política e pessoal (CONTRERAS, 2002, p.269).

Assim, a vivência da autonomia e dos momentos coletivos de formação para o professor significa ir além da razão instrumental [22]no seu processo formativo, pois a partir do diálogo crítico e participação efetiva, há possibilidade de se vivenciar a autonomia de pensamento: sua "leitura de mundo", sua análise política e social do contexto através de seu trabalho.

Desta maneira, pela individuação e autonomia o educador se percebe inserido num processo de construção social e no processo efetivo de sua formação, configurando a afirmação de Ghedin e Almeida "ao ter consciência de sua própria identidade docente, o professor poderá legitimar a sua identidade de pesquisador, contribuindo com o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento da criticidade e autonomia do aluno [...]"(GUEDIN e ALMEIDA,2008, p.127). Neste pressuposto, assume assim que a educação não é "neutra", todavia se percebe como profissional crítico - reflexivo e pesquisador, constituindo assim sua profissionalidade pela práxis.

Em suma o educador necessita de um espaço coletivo e democrático para construir sua identidade profissional e no diálogo com seus pares a partir de aportes teóricos ressignificar sua prática e este espaço pode ser a própria escola.

3.2 O Projeto Sala de Educador: Espaço da Formação na Escola

Se por um lado, a tomada de decisão de fazer da escola o *lócus* da formação docente ainda se apresenta como um desafio em diversas redes de ensino, em que se observa que vários são os fatores interferentes e dentre eles, a ausência de implementação de políticas públicas que legitime e dê um caráter institucional à situação que emerge a partir das condições históricas. Por outro lado, a perspectiva que se descortina, na maioria das vezes, é no sentido de que, em diversos contextos, as políticas educacionais se constituem como síntese momentânea de embate e de disputa, nascidas da reivindicação de uma categoria.

Parece-me possível que só se efetive nos sistemas de ensino, o discurso da formação centrada na escola ou porque já se ultrapassaram as esferas acadêmicas e está se

[22] Refiro-me a simples organização de técnicas e métodos de ensino.

concretizando como realidade vivenciada pelos educadores ou porque, cuja proposta de formação tem, pois, sua gênese numa política ampla de educação oriunda de uma proposta de sociedade que é gestada por todos os envolvidos, porém tem como desafio ainda, superar a dicotomia que separa os formuladores de políticas e os pesquisadores daqueles que exercem a docência.

Nesse sentido Vera Candau (1997) ao conceber essa instância formativa, pondera seus vários aspectos:

> [...] considerar a escola como *lócus* de formação continuada passa a ser uma afirmação fundamental na busca de superar o modelo clássico de formação continuada e construir uma nova perspectiva nesta área. Mas este objetivo não se alcança de maneira espontânea, não é o simples fato de estar na escola e de desenvolver uma prática escolar concreta que garante a presença de condições mobilizadoras de um processo formativo. Uma prática repetitiva, uma prática mecânica não favorece esse processo. (CANDAU, 1997, p.59).

Seguindo essa mesma trilha, a partir das análises e reflexões propostas, é possível conceber que a escola como *lócus* da formação docente se sustenta em três pilares: políticas públicas que a legitimam e institucionalizam, comprometimento da equipe gestora da escola em garantir e instrumentalizar o espaço para formação e o educador ao assumir o uso efetivo deste espaço. Fazendo-se necessária uma articulação concreta entre esses pilares para que a formação vivenciada no espaço escolar se configure como constructo efetivo da educação de qualidade.

Igualmente dentro dos diversos caminhos que o professor percorre em sua formação docente, muitos se constituem escolhas, outros não, mas todos demandam postura política e coerência, sobretudo, humana, epistemológica e ética.

Para Ilma Passos Veiga (1996) "a formação continuada deve estar centrada na escola e fazer parte do projeto político-pedagógico". Para a autora é esse "o grande desafio da escola, ao construir sua autonomia, deixando de lado seu papel de mera 'repetidora' de programas de 'treinamento', é ousar assumir o papel predominante na formação dos profissionais." (VEIGA, 1996, p.50).

No depoimento da Coordenadora Sirlei há uma indicação de que a formação vivenciada coaduna com as propostas oficiais da escola: "***é claro que aquele que participa tem uma visão diferenciada, por que ele está por dentro das propostas da escola, como elas se sustentam, o que está sendo planejado. A sala do educador tem esse objetivo.[23]"***.

[23] Cf. entrevista Profª Sirlei Inês Dietrich Estrela em Anexo

Assim a formação docente deve acontecer num processo *continuum*, em que a construção coletiva de uma política de educação a ser implementada propulsione o projeto de formação vivenciado e consequentemente a práxis dos envolvidos.

Ao analisar o valor formativo que a formação vivenciada na escola traz para os educadores que dela participam, a coordenadora Sirlei vislumbra diferenças na atuação dos mesmos:

> ***Eu percebo também diferença na postura do professor, por que nas análises, nas discussões, nas trocas de experiência, no diálogo com os colegas... Isso tudo ajuda muito, e quem não está neste processo: não participa do PSE, acaba ficando meio isolado, ele não se inteira, por que esse tempo pra estudar faz falta... por que se ele não tem essa socialização...do ambiente da escola como um todo, não só da sala de aula, por que isso ele tem, esse diálogo, esse entendimento de como trabalhar...que temos no PSE, por que aquele momento é voltado para isso: tentar identificar os problemas e de alguma maneira melhorar através dos estudos dos temas.***[24]

Nóvoa (2001, não paginado) [25]defende um conceito de formação continuada que corrobora com o sentido de formação permanente atribuído há pouco:

> (...) a formação de professores é algo, como eu costumo dizer, que se estabelece num continuum. Que começa nas escolas de formação inicial, que continua nos primeiros anos de exercício profissional. Os primeiros anos do professor – que, a meu ver, são absolutamente decisivos para o futuro de cada um dos professores e para a sua integração harmoniosa na profissão – continuam ao longo de toda a vida profissional, através de práticas de formação continuada.

Ao se manifestar sobre a influência da formação inicial no modo de entender e agir em relação à política educacional vivenciada na escola uma colaboradora faz uma reflexão pertinente: "***Na verdade naquele início eu estava saindo da universidade, que também reprova, que faz com que você entenda que o que vale é a nota... tem o mesmo modelo da escola seriada, então eu achava que aquele modelo é que era certo, né?***[26]***"***.

A partir do vivenciado na formação o educador vai se percebendo num processo formativo dialético:

> ***principalmente a gente que é das áreas passa muito batido por isso na universidade, em relação a psicologia, né? De como o aluno aprende, né?***

---

[24] Cf. entrevista Profª Sirlei Inês Dietrich Estrela em Anexo

[25] Entrevista concedida ao Programa Salto para o Futuro. <http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista acesso em agosto de 2012.

[26] Cf. entrevista com a profª Sidinei de Oliveira Cardoso em Anexo

> ***Então na escola seriada a gente não tinha esse respeito com o aluno, na maioria das vezes o aluno reprovava não por causa da aprendizagem, reprovava por ser indisciplinado, né? Então eu vejo que a escola de formação humana faz com que a gente chega mais perto do aluno, entenda suas fases, respeite seu ritmo... eu vejo que isso tudo melhorou bastante o meu trabalho como professora...mas isso só foi possível com os estudos na escola[27].***

O desafio que se apresenta é articular, por meio da formação continuada, os conhecimentos adquiridos na formação inicial com as experiências vivenciadas na prática docente, de modo que tais conhecimentos superem o senso comum e configurem em uma prática pedagógica refletida e, portanto, ressignificada.

Diante do apresentado, a formação docente tendo a escola como *lócus* necessita acontecer de maneira sistematizada, entendida num *continuum*, até mesmo para que esta se constitua como constructo da profissionalização docente, no caso da Rede Estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso, a formação docente com esta característica é institucionalizada através do Projeto Sala de Educador, que é o cenário desta pesquisa.

Deste modo a formação permanente tem se configurado também como uma necessidade profissional do educador e nessa condição encontram-se os entrevistados, pois sua participação na pesquisa se dá a partir das vivências dos mesmos na formação continuada oportunizada no espaço escolar - Projeto Sala de educador (PSE). Na verdade, mesmo que implicitamente, o PSE promove a intenção de deslocar a formação docente da responsabilidade individual para uma responsabilidade coletiva e de política pública, na direção de que seja construída e consolidada a política da Escola de Ciclos de Formação Humana na Rede Estadual de Educação de Mato Grosso. Neste viés o Projeto Sala de Educador cria as condições para o desenvolvimento de tal política.

3.3 O Projeto Sala de Educador como política pública de Estado

Neste momento se faz necessário revisitar o pensamento Freireano que considera o ser humano no devir, que, como seres inacabados e, portanto sempre em construção, prontos a aprender, condição esta ancorada na necessidade de formação rigorosa e permanente, tendo em vista diante da complexidade que se constitui hoje o papel da escola e consequentemente da formação humana com qualidade social, o estudo no espaço escolar torna-se uma necessidade formativa premente. Diante disso o Projeto Sala de Educador se estabelece como política pública educacional que viabiliza a formação centrada na escola, objeto desse estudo.

---

[27] Cf. entrevista com a profª Sidinei de Oliveira Cardoso em Anexo

Essa política é assim explicitada pelo Documento Oficial da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso:

> Com o intuito de viabilizar de forma sistemática a ação de formação continuada dos profissionais que atuam na escola a Seduc/Sufp concebeu como principal estratégia o projeto **"Sala de Educador"**. O projeto se propõe a desenvolver uma cultura formativa coletiva dos profissionais que atuam nas escolas de educação básica de Mato Grosso. (Documento Oficial Política de Formação – SEDUC/MT, 2010).

O Projeto Sala do Educador - PSE, tem como instância fomentadora e de acompanhamento o Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso – CEFAPRO, que são unidades administrativas vinculadas à Secretaria Estadual de Educação criadas a partir de 1997. Atualmente estão implantados quinze Cefapros no estado de Mato Grosso, onde atuam aproximadamente quinhentos profissionais abrangendo cento e quarenta e um municípios e mais de trinta mil profissionais da Educação Básica[28]. Em relação ao Projeto Sala do Educador o Cefapro tem como papel principal o de implementar, orientar, aprovar, intervir, acompanhar e avaliar os projetos elaborados pelas Unidades Escolares contribuindo para a melhoria do ensino e da aprendizagem em toda Educação Básica.[29]

Ainda em relação à política pública de formação o documento enfatiza que:

> a Secretaria Estadual de Educação assume a formação continuada como um dos principais pilares da política de valorização dos profissionais da educação. Essa formação compreende ações conjuntas das várias Superintendências, dos Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação (Cefapros) e das unidades escolares da rede pública estadual de ensino, em uma soma de esforços para sua efetivação. (Documento Oficial Política de Formação – SEDUC/MT, 2010).

De acordo com Documentos Oficiais da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC, no ano de 2003 é concebido como política pública de formação docente o Projeto Sala de Professor, que em sua gênese oportuniza aos professores das escolas a participação em grupos de estudos sistematizados organizados pelos coordenadores pedagógicos e acompanhados e orientados pelos professores formadores dos Cefapros.

Em 2009 a publicação da Lei 12.014 altera o artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/96, reconhecendo os funcionários das escolas, habilitados, como

---

[28] Fonte: Documento Oficial: Política de Formação dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso. Seduc – MT, junho de 2010.
[29] Idem nota anterior.

profissionais da educação e a SEDUC repensa o espaço formativo da escola não mais somente como do "professor", mas como de todo aquele que trabalha na escola:

> [...] assim, assumindo a escola como um espaço de formação coletiva, em que todos precisam se formar continuamente, o projeto "Sala de Professor", a partir de 2010, passa a se chamar "**Sala do Educador"**, numa clara convicção de todos que atuam na escola educam. (Documento Oficial Política de Formação – SEDUC/MT, 2010).

O objetivo principal do Projeto Sala do Educador, segundo o Parecer Orientativo nº 01/2012 (Seduc – MT, 2012)[30] é fortalecer a escola como *lócus* de formação continuada, por meio da organização de grupos de estudos que priorizem o comprometimento do coletivo da escola com a melhoria da qualidade social da educação.

A dinâmica do Projeto acontece a partir de seis eixos norteadores definidos na Matriz de Formação dos Cefapros, são eles: Organização Curricular por Ciclos de Formação Humana; Alfabetização; Ensino Fundamental de Nove Anos; Ensino da Matemática e da Língua Portuguesa[31] e o Uso das Novas Tecnologias.

Considerando os eixos no início de cada ano letivo o coletivo de profissionais da escola se reúne e elege os temas a serem trabalhados durante a execução do projeto durante o ano. Cada escola tem autonomia para organizar os encontros semanais para execução do Projeto definindo também quantidade de grupos de maneira a oportunizar a participação do maior número possível de profissionais. Dessa maneira, de acordo com o Parecer Orientativo emanado da Seduc, procede-se à elaboração de um documento que será o Projeto Sala do Educador para o ano letivo, nele deve constar uma breve apresentação da escola e os demais elementos inerentes a um projeto.

O Parecer Orientativo da Secretaria de Estado de Educação ancora-se na Resolução nº 4 do Ministério da Educação que preconiza:

> Art.59. Os sistemas educativos devem instituir orientações para que o projeto de formação dos profissionais preveja:
>
> a) a consolidação da identidade dos profissionais da educação, nas suas relações com a escola e com o estudante;
>
> b) a criação de incentivos para o resgate da imagem social do professor, assim como da autonomia docente tanto individual como coletiva;

---

[30] Desde o ano de 2009 no início de cada ano letivo a Seduc publica um Parecer Orientativo sobre o Projeto Sala de Educador. Este parecer tem uma redação básica e algumas alterações de acordo com a realidade vivida pela Rede de Ensino atualmente.

[31] Constituem-se dois eixos;

Para melhor compreensão quanto à dimensão da elaboração do Projeto de cada escola apresento as recomendações que dizem respeito à elaboração do Projeto constante no Parecer Orientativo 2012, após cada item evidencio o processo de tessitura do PSE vivenciada na escola Profª Edeli Mantovani, onde me localizo enquanto participante da equipe coordenadora do projeto com a colaboração das demais coordenadoras responsáveis pelo mesmo:

> A escola construirá um projeto Sala de Educador, contemplando os diversos grupos de estudos; estes devem indicar suas necessidades de formação definindo estratégias do desenvolvimento dos estudos com os professores e funcionários, prevendo ações de intervenção pedagógica que podem e devem ser reorganizadas no decorrer do processo, de acordo com os novos desafios que se apresentam. Tais intervenções devem ser rediscutidas e (re) elaboradas, de acordo com as necessidades e desenvolvimento do trabalho dos professores e dos funcionários; (Seduc, 2012).

No início de cada ano o coletivo de profissionais da escola elege as temáticas prioritárias nos estudos a serem realizados, geralmente, durante a primeira reunião pedagógica do ano letivo as coordenadoras distribuem um formulário que cada um deve preencher indicando as necessidades formativas bem como a preferência de dia e horário para a formação. Alguns educadores respondem a partir de discussões coletivas, outros decidem individualmente.

> A elaboração do Projeto Sala de Educador deve estar contemplada no Projeto Político Pedagógico da Escola e ao PDE, evidenciando a concepção pedagógica assumida pela unidade escolar;

Tanto no Projeto Político Pedagógico (PPP) como no Plano de Desenvolvimento Escolar (PDE) o Projeto Sala de Educador aparece entre as "Metas Administrativas e Pedagógicas" no sentido de incentivar e oportunizar a participação de um número cada vez mais significativo de educadores e de que os temas estudados venham ao encontro das necessidades formativas eleitas pelo coletivo da escola.[32]

> A Coordenação do Projeto Sala de Educador na escola é de responsabilidade do (a) coordenador (a) pedagógico (a) da unidade escolar, sob acompanhamento, orientação e avaliação do coordenador de formação e professores formadores dos Cefapros;

Assumir a função de 'gestor' da formação é um desafio para o coordenador pedagógico, principalmente na Escola Edeli Mantovani devido ao grande número de

[32] Fonte: Documentos Digitais Oficiais da Escola Estadual Professora Edeli Mantovani – PPP e PDE, cedidos pela direção da escola em agosto de 2012.

participantes e à demanda formativa apresentada considerando as diversas modalidades de ensino que a escola oferece.

> Ao diretor da unidade escolar, corresponsável, cabe dar condições necessárias para o desenvolvimento do projeto, participando dos processos formativos;

A direção da escola no período considerado na pesquisa participou dos momentos formativos, até mesmo se responsabilizando por um dos grupos de estudos por três anos.[33]

> O Projeto deve indicar, além do que será desenvolvido pelo próprio grupo de professores, coordenadores pedagógicos e funcionários, o que será necessário para a intervenção dos formadores dos Cefapros a fim de que os objetivos propostos sejam alcançados;

Cada escola conta com professores formadores do Cefapro responsáveis pela mesma, a intervenção geralmente é solicitada no sentido de aprofundar os estudos numa temática ou para complementar o que está sendo estudado, entretanto nem sempre isto está explicitado no Projeto escrito.

> Os grupos de estudos serão constituídos a partir das necessidades observadas no decorrer do diagnóstico da realidade. (Parecer Orientativo 2012 – Seduc. 2012).

Devido ao grande número de profissionais e atendendo o que recomenda o Orientativo da SEDUC o PSE da escola é constituído por três grupos de estudos distribuídos ao longo da semana, um em cada período de aula (matutino, vespertino e noturno) com três horas de duração. Entretanto a constituição desse grupo se dá em função da disponibilidade de dia e horário dos participantes, nem sempre atendendo as necessidades da formação coletiva, por exemplo, considerando como critério de agrupamentos educadores que lecionam numa mesma modalidade de ensino, ou numa mesma área de conhecimento.

A coordenação da escola ao distribuir o horário das aulas de cada educador procura atender as solicitações pautadas na disponibilidade de participação no PSE num mesmo horário, mas nem sempre isso é possível. A importância da constituição de grupos de estudos de acordo com a necessidade do coletivo é explicitada pela profª Marta ao ser indagada sobre a contribuição do PSE:

> ***Eu acho que não contribui muito, por que eu acho que teríamos que estudar mais cada modalidade que a escola trabalha, seria bom se no***

[33] A diretora da escola nos anos de 2009,2010 e 2011 coordenou o grupo de estudo composto por educadores que trabalham com a modalidade Ensino Médio Integrado, que se configurava como um subprojeto do PSE.

> ***início do ano pudéssemos escolher qual sala do educador vou participar, de acordo com a modalidade de ensino que cada um trabalha.***[34]

O Parecer recomenda também que a carga horária vivenciada presencialmente durante o ano letivo pelos participantes deve conter entre 80 e 100 horas. A escola emite um certificado de participação que é chancelado pelo Cefapro. A participação no Projeto Sala de Educador é considerada como critério de pontuação do sistema de atribuição de aulas para o professor e de regime de trabalho para o servidor administrativo, tanto efetivo quanto contratado por tempo determinado para atender à demanda da escola[35] de acordo com o que prescreve a Instrução Normativa n. 17/2011 que dispõe sobre o processo de atribuição de aulas e regime de trabalho para o ano de 2012 expedida pela Seduc:

> Item III – Assiduidade da Jornada de trabalho em 2011: assiduidade na participação da formação continuada, em grupos de estudo, via Projeto Sala do Educador. 100% 5,0 (cinco) pontos; 90% 4,0 (quatro) pontos; 80% 3,0 (três) pontos; 75% 2,0 (dois) pontos. (SEDUC/MT, 2011).

Uma das colaboradoras da pesquisa chama atenção quanto à motivação em participar do PSE demonstrada por alguns participantes:

> ***Infelizmente muitas pessoas que participam do PSE estão pensando somente no certificado, né? Por que quer queira ou não precisamos de pontuação, né? Alguns não acreditam muito... outros conversam, discutem: -nossa, esse tema foi relevante!, eu participo por que eu acredito que é importante!***[36]

A Escola Estadual Professora Edeli Mantovani, *lócus* dessa pesquisa, desde 2007 elabora coletivamente seu Projeto Sala do Educador. Cada grupo durante os anos considerados nesta pesquisa (2008 a 2011) teve entre 15 e 25 participantes.

Para alcançar o objetivo principal dessa pesquisa, já explicitado anteriormente que consiste em investigar o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada - vivenciada na escola no Projeto Sala de Educador faz-se necessário trazer, efetivamente, à tona a dinâmica organizativa desse espaço através da apresentação e breve análise das temáticas estudadas durante o período considerado, pois estas constituem também o cenário investigativo e reflete-se de algum modo na fala dos professores entrevistados.

---

[34] Cf. entrevista profª Marta Proença em Anexo

[35] O professor contratado por tempo determinado neste estudo será denominado “professor interino”.

[36] Cf. entrevista da profª Maria Célia da Silva Santana em Anexo.

Apresento a seguir os quadros das temáticas estudadas pelos educadores da escola no período considerado (2008 a 2011).

3.4 Que formação o PSE oferece? O que se estuda neste espaço?

O PSE constitui um espaço ordenado pela a política de Estado sobre a formação continuada do professor na escola, visando melhorar a qualidade social da educação. Embora o PSE seja um espaço significativo para estudo e formação, diversos autores alertam que a formação vivenciada no espaço escolar não deve se configurar apenas na utilização da escola como espaço físico de formação, a escola deve fazer "parte" do projeto de formação que se pretende construir. O depoimento do prof. Amorézio coaduna com esse entendimento:

> ***É na sala de educador que a gente vai buscar os teóricos, que a gente troca experiências, que a gente vai enxergar o outro mais de perto. Por que no dia a dia da sala de aula a gente consegue até observar a prática do professor, mas o que ele pensa só é possível perceber no momento coletivo de estudo, por que é ali que ele vai colocar os seus sucessos, os seus fracassos, as suas concepções. E assim a gente consegue enxergar a escola como um todo.***[37]

Diante disso apresento a seguir as temáticas estudadas no período de 2008 a 2011, organizadas através de levantamento realizado nos documentos digitais do Projeto Sala do Educador da escola e enviados ao Cefapro no período considerado, bem como nos certificados entregue aos participantes onde constam a carga horária e as temáticas estudadas, neste levantamento tive a colaboração de uma das coordenadoras pedagógicas responsável pelo PSE, a partir disso organizei os quadros representativos de cada ano, desse modo teço algumas considerações sobre os mesmos e trago algumas percepções dos entrevistados no sentido de estabelecer o contexto formativo vivenciado pelos colaboradores da pesquisa.

Acerca das temáticas estudadas no ano de dois mil e oito (Quadro 01), é importante ressaltar que este é o segundo ano que a escola vivencia o PSE, ainda com o nome de Sala de Professor.

[37] Cf. entrevista prof. Amorezio em Anexo.

Quadro 01 – Temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador no ano de 2008

Tema/texto	Autor(es)	Fonte
Os fundamentos da Escola Org. em Ciclos de Formação Humana	Miguel Arroyo, Elvira Lima, Andrea Krug;	Artigos Diversos com acesso on-line: revista educação & sociedade
Avaliação processual e formativa	Cipriano Luckesi.	Cap. do Livro *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 2ed. São Paulo: Cortez, 1995
Que metodologias adotar nos Ciclos	Diversos	Capítulo do Livro: Escola Ciclada de Mato Grosso – Seduc 2001.
O Planejamento na prática pedagógica da escola org. em ciclos	Diversos	Capítulo do Livro: Escola Ciclada de Mato Grosso – Seduc 2001.
Programa de Adequação idade/ano/ciclo	Diversos	Capítulo do Livro: Escola Ciclada de Mato Grosso – Seduc 2001.
Ensinar para a compreensão e os múltiplos caminhos para a aprendizagem.	Maria Thereza de Marcílio e Mônica Samia	Revista Pátio, Porto Alegre: Artes Médicas, V. 10, n.38 (jul./2006), p.16-19.
O desafio de atender a todos na sala de aula	Beatriz Vargas Dorneles	Revista Pátio, Porto Alegre: Artes Médicas, Maio/Junho 2005.
Escrever é preciso...	Mário Osório Marques	Capítulo do livro Escrever é preciso... Ed. Vozes, 2005.
Aprender a ler e escrever além das letras – devorar ou degustar um texto.	Maria Alice Aguiar	Texto apresentado do COLE – Congresso de Leitura – UNICAMP – 2003. Acesso on-line.
Sete hábitos dos bons pais e pais brilhantes.	Augusto Jorge Cury	Capítulo do Livro "Pais Brilhantes, Professores Fascinantes"- Editora Sextante - 2003;
Quem tem medo da progressão continuada?	Rose Neubauer	Disponível em: http://www.centroreferducacional.com.br. Acesso em 9 julho 2008.
Como está a minha participação –	Coordenadoras da Escola	Questionário e organização da semana diferenciada;
A importância do registro pessoal;	Coord. do Projeto Sala de Educador.	Caderno Volante do Projeto e caderno de registro pessoal.
Sete hábitos dos bons professores e dos professores fascinantes	Augusto Jorge Cury	Cap. do Livro "Pais Brilhantes, Professores Fascinantes"- Sextante, 2003
Aprender a ler, a escrever, a estudar. Aprender a aprender;	Não consta	Cadernos Cenpec – nº 4/2007 – acesso on-line
Parecer Orientativo sobre a organização do tempo e do espaço pedagógico e curricular na Escola – Seduc/MT	Legislação Orientativa da Secretaria de Educação	Site da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Acesso em agosto de 2008.
Os Temas Transversais na Escola.	Diversos	Programa Agrinho enviado pelo SENAR;

Continua ...

Continuação

Tema/texto	Autor(es)	Fonte
As emoções da Docência – Projeto A escola dos nossos sonhos.	Augusto Jorge Cury	Capítulo do Livro "Pais Brilhantes, Professores Fascinantes" Editora Sextante – 2003
Nenhum aluno passa o ano escolar em branco.	Guiomar Namo de Melo	Revista Nova Escola – Nov. 2001.

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Projeto Sala de Educador 2008 e Certificados dos participantes emitidos pela escola.

Percebe-se que os temas desse ano priorizaram os Ciclos de Formação Humana, isso se justifica devido ao grande número de professores novatos na escola, os quais nunca haviam trabalhado com essa política educacional. O relato da professora Adriana, que trago a seguir confirma o apresentado, entretanto, é preciso registrar que nas entrevistas, ao indagar sobre as temáticas estudadas não me refiro ao ano especificamente, apenas solicito que o entrevistado cite temas que recorda que foram trabalhados no período considerado na pesquisa:

> ***Eu me lembro de temas importantes, por exemplo, em relação a escrita dos relatórios, como escrever os avanços e necessidades dos alunos de forma clara... Lembro de um que foi sobre a avaliação da produção escrita do aluno, como avaliar isso? Mas o que eu mais lembro são as discussões em relação aos fundamentos dos ciclos, eu lembro muito disso! Claramente!***[38]

Por outro lado, vale destacar que além de temática voltada para a compreensão dos ciclos, aparece também uma preocupação com a postura do professor evidenciado na escolha do livro de Augusto Cury e uma "Demanda externa"[39] com o Projeto Agrinho. A partir do apresentado no Quadro 1, entende-se que há uma intenção de construção de corpo teórico articulado entre si devido ao mesmo tema – Ciclos – ter vários desdobramentos nos diversos momentos de estudo, entretanto isso não se confirma em função dos outros temas estudados.

No ano de dois mil e nove a escola estabeleceu uma parceria de pesquisa com a Universidade do Estado de Mato Grosso e os temas propostos (Quadro 2) permearão os quadros dos demais anos.

---

[38] Cf. entrevista profª Adriana Perez em Anexo

[39] Segundo as Coordenadoras Pedagógicas que participaram da elaboração dos quadros as Demandas Externas são Projetos ou Programa de instituições externas, por exemplo, MEC, universidades, que a escola incorpora, já Demandas do Estado são documentos ou ações implementadas pela Secretaria de Estado de Educação que "devem" ser estudados pelo coletivo da escola.

Quadro 02 – Temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador no ano de 2009

Tema/texto	Autor(es)	Fonte
Série ou ciclo?... reprovação ou...	Luis Carlos de Menezes	Revista Nova Escola – Dez. 2008
Planejar é preciso...	Gabriel Pilar Grossi	Revista Nova Escola – Jan. 2009
Escrita profissional: a importância do registro	Luiza Andrade	Revista Nova Escola – Jan. 2009
Indisciplina/Disciplina Estudo do livro inteiro	Içami Tiba	Livro Disciplina – limite na medida certa – novos paradigmas. São Paulo-SP: Editora Intregrare – 2006
Estudo do documento Referencia da Conferência Nacional da Educação – Conae 2010;	Diversos	Material enviado pelo MEC via Seduc
Estudo da Proposta Curricular para o Estado de MT	Diversos	Material enviado pela Seduc via Cefapro
Formação Docente em Contextos Interativos	Diversos	Apresentação do Projeto em parceria Escola – Unemat - Cefapro
Projeto – o que é? Como se faz?	Albina P. da Silva e Sandra Ayres	Textos e Slides preparados pelas autoras para o encontro.
Ensinar e aprender na Escola Org.por Ciclos de F.H.: alguns pressupostos teórico-metodológicos;	Rosa Maria Camargo da Silva, Kely Katia Damasceno e Soeli Soares.	Textos e Slides preparados pelas autoras professoras formadoras do Cefapro de Cuiabá.
Avaliação final da sala de professor	Coordenadoras do Projeto Sala de Educador.	Questionário produzido no coletivo de coordenadores com os professores formadores do Cefapro

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Projeto Sala de Educador 2009 e Certificados dos participantes emitidos pela escola.

Os temas estudados em 2009 demonstram que a formação sofreu várias influências, tanto das "demandas do Estado" com o estudo da Proposta Curricular e do Documento Referência da Conae 2010 como das "demandas externas" através da implementação do Projeto Formação Docente em Contextos Interativos[40], a partir de agosto, que traz o estudo da Metodologia dos Projetos de Aprendizagem com a utilização das tecnologias digitais e telemáticas. Os temas referentes a este Projeto vão fazer parte dos temas estudados nos anos seguintes, pois a duração do Projeto é de 2009 a 2011. A professora Adriana relata a importância do estudo com os temas do Projeto: ***Outra temática marcante foi em relação aos***

[40] Este é um Projeto Interinstitucional que tem como parceiros quatro escolas da rede estadual de ensino, a Universidade do Estado de Mato Grosso e o Cefapro, conta com apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa de Mato Grosso - Fapemat

projetos de aprendizagem, os textos que a equipe do projeto trazia eram muito interessantes, e a gente conseguia efetivamente fazer um repensar sobre nossas práticas.[41]

Fica evidente também que a preocupação em estudar os Ciclos permanece, bem como a disciplina/indisciplina é um tema recorrente neste ano.

O quadro 3 apresenta as temáticas do ano de dois mil e dez, este ano acontece em todo o Estado a construção coletiva das Orientações Curriculares para a Educação Básica de Mato Grosso (OCs – Seduc/MT).[42]

Quadro 03 – Temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador no ano de 2010

Tema/texto	Autor(es)	Fonte
Projeto Político Pedagógico	Diversos	Orientativo da Seduc através do Cefapro
Regimento Escolar	Diversos	Discussão e escrita coletiva
Ética no Ambiente Escolar	Edson C. Camargo Jorge Alberto Lago Fonseca	Artigo disponibilizado pelo professora formadora do Cefapro da Área 21.
Projeto de Ensino x Projeto de Aprendizagem	Albina P.da Silva e Sandra Ayres	Textos e Slides preparados pelas autoras para o encontro.
HTC – Hora de Trabalho coletivo e a importância do Planejamento	Diversos	Textos e slides preparados pela coordenadora e prof. formadora do Cefapro.
Instrumento de socialização dos Projetos	Albina P.da Silva	Textos e Slides preparados pela autora para o encontro.
Filme: o contador de Histórias		Registro de impressões sobre o filme
As Diferenças também Somam	Adriana Perez	Material preparado pela professora da Sala de Recurso da Escola
Orientações Curriculares para a Educação Básica de MT.	Diversos	Texto enviado pela Seduc via Cefapro
O Blog como recurso pedagógico	Elidi P. Pavanelli Zubler e Jeferson Lucas Zanin	Material preparado pelos autores (professores formadores do Cefapro da Área de Tecnologia)
Gestão Democrática na escola	Diversos	Texto e orientativo enviado pela Seduc via Cefapro. DVD TV Escola
Implementação dos Projetos de Aprendizagem e a Lei 10639	Diversos.	Materiais, textos e slides preparados pelos professores da Unemat e Cefapro.
Socialização: Déficit Intelectual	Adriana Perez	Material preparado pela professora da Sala de Recurso da Escola

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Projeto Sala de Educador 2010 e Certificados dos participantes emitidos pela escola.

[41] Cf. entrevista profª Adriana Perez em Anexo

[42] A Seduc enviou para as escolas o Documento Base das OCs e o coletivo de educadores teve autonomia para fazer sugestão de alterações que foram discutidas em fóruns municipais e estaduais.

Os pontos marcantes neste ano são as "Demandas do Estado" através dos Pareceres Orientativos da Seduc, os temas referentes aos projetos de aprendizagem também aparecem significativamente e uma preocupação com os alunos atendidos pela sala de recurso se faz presente em dois momentos.

O professor Isaias atribui um valor significativo aos estudos referentes à organização curricular, apontando inclusive desdobramentos desse estudo:

> ***Outro tema importante que eu lembro foi em relação ao currículo, como organizar nosso currículo de acordo com nossa realidade, estudamos e ainda hoje estamos estruturando isso, eu acho importante isso porque a gente estuda, vai pra prática, vê que algumas coisas não estão dando certo e estuda uma teoria que ajuda a organizar melhor o que estamos fazendo.***[43]

O quadro 4 apresenta as temáticas do ano de dois mil e onze, e o fator preponderante foi a participação dos pesquisadores do Projeto Formação Docente em Contextos Interativos.

Quadro 04 – Temáticas estudadas no Projeto Sala de Educador no ano de 2011

Tema/texto	Autor(es)	Fonte
O planejamento de ensino como mecanismo para (re) pensar a organização do trabalho pedagógico na escola	Albina P. Silva e Lucineide da Silva	Texto escrito pelas autoras para as Formações no Projeto Sala de Educador e não publicado.
Fundamentos para uma educação comprometida com a formação humana	Diversos	Texto extraído das Orientações Curriculares Seduc/2010
A escola dos meus sonhos.	Frei Beto	Site: http://www.bancodeescola.com
Concepção teorico-metodológica de Projetos de Aprendizagem	Maria Elisabette B. Brito Prado	Biblioteca do Professor: ambiente virtual e-proinfo
Planejamento coletivo e os Projetos de Aprendizagem	Albina P. Silva e Lucineide da Silva	Texto e materiais preparados pelas autoras a partir das Orientações Curriculares.
Projetos de Aprendizagem: uma metodologia de organização do trabalho pedagógico na escola	Texto produzido coletivamente pelos pesquisadores do Projeto de Aprendizagem Cooperativa	Biblioteca do Professor: ambiente virtual e-proinfo
Registros e reflexões das etapas desenvolvidas nos Projetos de Aprendizagem	Luis Carlos Fonseca, Crediné S. de Menezes, Rosa Maria Vicari, Lea da Cruz Fagundes.	Biblioteca do Professor: ambiente virtual e-proinfo

Continua ...

[43] Cf. entrevista prof. Isaias em Anexo.

Continuação

Tema/texto	Autor(es)	Fonte
Os tempos da vida nos tempo da escola – em que direção caminha a mudança?	Jaqueline Moll	Capítulo do Livro: Ciclos na vida, tempos na escola – Criando Possibilidades. Editora Artmed: 2004
Estudo do PPP – Projeto Político Pedagógico		Encaminhamento enviado pela Seduc via Cefapro
Professores pesquisadores no tecido escolar	Maria Tereza Esteban e Edwiges Zaccur	Estudo do Capítulo do Livro Professora Pesquisadora: uma práxis em construção. Editora Mauad – 2009.
Os registros como mediadores da reflexão na formação continuada	Lea da Cruz Fagundes, Luciane S. Sato e Débora L. Maçada	Estudo do Capítulo do Livro Aprendizes do Futuro – MEC/FNDE 2008.
Blog – rede de aprendizagem cooperativa	Elidi P.P.Zubler, Jeferson Zanin e Adenilse da Silva	Material preparado pelos autores (professores formadores do Cefapro da Área de Tecnologia)
Atividades no ambiente e-proinfo	Diversos.	Roteiro de Atividades preparadas pelos Pesquisadores do Projeto de Aprendizagem Cooperativa.
Carta de Paulo Freire aos Professores: ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra;	Paulo Freire	Acesso on-line no curso Estudos avançados 2001
Interdisciplinaridade e planejamento.	Ivani Fazenda	Estudo do Livro Didática e Interdisciplinaridade; Campinas, SP: Papirus, 1998
Conceitos de interdisciplinaridade	Ivani Fazenda, Hilton Japiassu, Olga Pombo	Materiais preparado pelos Pesquisadores do Projeto de Aprendizagem Cooperativa a partir dos textos dos autores citados.
A educação que queremos	Arturo Delgado	Texto sugerido por professora participante da Formação – trouxe impresso.
Memorial reflexivo de formação	Elaborado pela prof.ª Albina tendo como suporte o texto de Alexandra Okada	Memorial Reflexivo em cursos on-line: um caminho para a avaliação formativa emancipadora – artigo on-line

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Projeto Sala de Educador 2011 e Certificados dos participantes emitidos pela escola.

O Projeto Formação Docente em Contextos Interativos, que é uma parceria da escola com o Cefapro e Unemat esteve presente na formação ao longo do ano em diversos momentos, propondo estudos em relação à articulação entre a teoria estudada e a prática vivenciada na sala de aula através dos Projetos de Aprendizagem. Segundo as coordenadoras, por estar incorporados à rotina de estudos do PSE já não se configura como “Demanda Externa”.

De forma geral, a análise dos temas nos quatro anos considerados indica a preocupação com os saberes importantes na profissão do educador vinculados aos saberes mobilizados na prática, evidenciados também pela manifestação da profª Maria Célia:

> ***Olha, tem ano que eu acho mais pertinente pra nossa prática... tem ano que é mais específico do ciclo...por exemplo, eu acho importante ter estudado os descritores, as habilidades, as capacidades de cada ciclo...por que você tenta ver isso dentro do seu conteúdo, da sua área..eu gostei muito quando a gente estudou o tema "ler e escrever compromisso de todas as áreas" ..e sempre a gente está estudando sobre avaliação, sobre planejamento, pra mim são assuntos pertinentes.***[44]

Analisando as temáticas estudadas apresentadas nos quadros fica evidente o esforço para construção de um projeto que seja capaz de proporcionar ao professor relacionar a base conceitual escolhida, fundamentada no modelo de educação que se acredita, a partir da análise dos fatores que influenciam a constituição do modelo de sociedade que temos. Tal fato converge para uma práxis mais significativa. A fala da coordenadora Sirlei (que é uma das responsáveis pelo PSE) traduz o esforço a que me refiro:

> ***uma das discussões que temos trazido no PSE é exatamente isso: o professor se preparar, estar preparado, considerar que os alunos aprendem de maneiras e tempos diferentes... que cada turma precisa de um planejamento diferenciado, que ele precisa conhecer o aluno...planejar coletivamente, agora a partir do estudo das Orientações Curriculares estamos tentando fazer isso: planejar por área, saber as habilidades de cada área...é claro que tem os professores resistentes: que preferem ficar na sua "caixinha" , mas tem outros que estão muito animados, abertos a discussão...***[45]

Entende-se que este é um projeto construído cotidianamente, forjado nas necessidades coletivas, em que a flexibilidade permite sua reformulação constante e se contrapõe a um projeto com estrutura engessada num modelo pronto e acabado. Por isso tem seus pilares: 'refazimento', trabalho coletivo, imbricamento com a realidade social dentro do movimento dialético, em consequência de uma razão muito mais premente e mais profunda, como apontam Barbieri et al, que é a própria natureza do fazer pedagógico, que, sendo domínio da práxis é, portanto, histórico e inacabado (1995, p.32).

---

[44] Cf. entrevista Profª Maria Célia da Silva Santana em Anexo
[45] Cf. entrevista profª Sirlei em Anexo

3.5 Desdobramentos da participação no PSE

O ser humano torna-se humano nas relações que estabelece consigo mesmo, com os outros seres e com a natureza, com isso, ele busca através do aprendizado produzido em seu contexto, a permanente formação em todos os aspectos que compõe sua existência, tendo como reflexo o que expressa Gauthier e Tardif "[...] ao educar-se, o ser humano não faz apenas alguma coisa de si mesmo, transforma a sua personalidade e assim define-se através da sua própria ação formadora." (2010, p.43).

Pretendo com isso enfatizar que é inerente ao ser humano, independentemente da profissão que exerce o aprendizado ao longo de toda a vida, porém no campo das ciências da educação existem especificidades que demandam sua apropriação continua, mas de forma sistematizada, traduzida em espaços genuínos de formação. Neste caso, o Projeto Sala de Educador se apresenta como tal, ou seja, espaço fundamental, onde os educadores possam estudar, refletir e produzir conhecimento que possa oxigenar, ajudar a compreender e melhorar a prática pedagógica no cotidiano da sala de aula.

Por outro lado, vale ressaltar que da mesma forma que a crença de que o exercício da profissionalidade é propulsor da busca da condição de 'ser mais' que na concepção Freireana se pauta no 'vir a ser' fundamenta-se no compromisso de o educador assumir-se enquanto sujeito histórico que tem clareza do modelo de sociedade e educação que se pensa ajudar construir o projeto sala do educador potencializa e aponta possibilidades para o educador envolver-se no processo de formação permanente.

Neste sentido a busca pela formação continuada, advinda da necessidade emergida no contexto educativo extrapola a simples apropriação de novas técnicas que poderão ser inseridas em suas práticas pedagógicas, mas atinge uma consciência ética de compreender o ser humano, nesse caso o educando, em todas as suas dimensões que também passa pelo processo de humanização como a si próprio. Tal percepção parece ter sido construída pela participação no PSE, particularmente considerando o que manifesta a prof. Ilza: ***Eu penso que não é olhar o aluno só no sentido de aplicar conteúdos, né? Tem a questão da afetividade, aquela questão de você ter um olhar diferente, né?***[46]

Observa-se então que a professora assume uma posição de desconstrução de um modelo pedagógico cristalizado em sua formação permitindo-se à construção de novos paradigmas ao propor mudanças

[46] Cf. entrevista com a profª Ilza Rodrigues Pereira Lucena em Anexo

> ***principalmente na maneira de pensar, porque quando você estuda você tem um olhar diferenciado em sala de aula, até mesmo no momento de preparar suas aulas, ver as atividades propostas, você pensa qual é a capacidade do aluno pra entender isso? Tem ajudado também nos momentos da avaliação: como avaliar o aluno durante o processo? Então eu acho que a formação tem contribuído de diversas maneiras.***[47]

O pensamento exposto acima revela que a formação vivenciada oportunizou que a professora ressignificasse sua concepção de educação e, por conseguinte, sua prática pedagógica. Compreendo que a partir do que preconiza Paulo Freire, esse processo, só foi possível porque a educadora foi capaz de "estabelecer relações entre texto e contexto, palavra e mundo, sendo já em si uma compreensão da natureza teórica, demandando uma prática com ela coerente [...] é fundamental que se compreenda isso, sendo indispensável que se forme cientificamente" (FREIRE, 2002.p.108).

Na tessitura do tornar-se educador, este busca nos momentos formativos vivenciados na escola subsídios que se constituem como elementos que lhe indicam caminhos a serem percorridos para além da relação professor-aluno, como testemunha a professora Ivete:

> ***ajuda a gente até mesmo ser mais tolerante, ajuda o professor a entender que precisa pesquisar mais, não só sobre o assunto que ele vai trabalhar no dia, precisa ir além. Os estudos dão um norte no que eu tenho que fazer, ajuda a buscar novos caminhos, novas maneiras de ensinar... de ser professor.***[48]

Percebe-se desta forma, que, se encontram imbricados nesta trama, os saberes inerentes à aprendizagem da docência e a necessidade de ser pesquisador de sua própria práxis, ao mesmo tempo em que aponta a importância da afetividade nesta relação, quer dizer, o outro (o aluno) não é portador só do aspecto cognitivo como se pensara outrora, mas tantos outros que devem ser considerados no novo modelo de escola pretendida.

A escola estruturada pela organização do ensino por Ciclos de Formação Humana começa a ser entendida enquanto necessária no processo histórico educacional de Mato Grosso, também dentro da Política de Formação Continuada, pois, essa escola, que, coletivamente se deseja construir deve ser viabilizada pelo Projeto de Formação da escola, de maneira que a adesão (no sentido Freireano já abordado neste estudo) do coletivo de profissionais da escola seja expressiva e se traduza num esforço conjunto de ações para efetivar essa construção, como sinaliza a professora Adriana:

---

[47] Cf. entrevista com a profª Ilza em Anexo
[48] Cf. entrevista profª Ivete em anexo

> ***Independente das discussões e estudos serem sobre os ciclos, o professor que participa do PSE está muito mais atento as questões que estão acontecendo na escola. Aquele professor que não participa das discussões não entende nada! De alguma forma ele acaba sendo o ponto negativo do trabalho na escola, por que como ele não está a par do que está acontecendo, como são os processos, do que a gente como escola está construindo... então ele está alheio e está fazendo críticas àquilo que está acontecendo! E muitas vezes críticas bem negativas por que ele não fez parte das discussões, dos estudos, né?***[49]

É de se esperar que, diante de qualquer política que suscite mudanças de paradigmas, encontre-se resistência, principalmente quando não há envolvimento efetivo no que tange à compreensão dos pressupostos teóricos e metodológicos que constituem tal proposta. Não é de se estranhar que neste contexto nos deparemos com educadores que não se encontram comprometidos com a implementação de um projeto macro e não por acaso descomprometidos com as propostas de sua viabilização, que no caso em estudo é denunciado pela professora:

> ***Essa é minha visão sobre esse professor que não participa: ele nunca fala sobre o que está acontecendo... e quando chega os pontos culminantes ,da gente discutir o que está acontecendo ele retoma os pontos que já foram discutidos, até mesmo o que já foi avançado, por que pra ele não se avançou nada! E isso pra mim é um ponto bem delicado porque põe a perder o trabalho, muitas vezes, o trabalho da escola toda!*** [50]

O comprometimento dos envolvidos passa, necessariamente, pelo significado que o educador atribui ao projeto (de escola e de formação) em seu mundo singular e social, na medida em que este se percebe protagonista do mesmo e que o PSE passa a ser compreendido como um espaço fecundo desse processo, conforme se constata no depoimento do professor Isaias: ***a sala de educador contribui na vida profissional nossa por que você deixa de ficar estagnado naquela situação que vive, confortável, você acha que está bom, e você vai em busca de algo diferente e você acaba vendo que isso traz melhorias.***[51]

Fica premente, pelo depoimento, a importância de pensar um projeto sólido de formação, ancorado em pressupostos teóricos condizentes com a educação que se pretende para a escola como um todo, buscando o envolvimento efetivo de todos educadores que atuam na unidade escolar, articulada com o comprometimento ético em relação à formação desenvolvida com os educandos. Quer dizer, o exercício de sair da zona de conforto e a

---

[49] Cf. entrevista profª Adriana em Anexo
[50] Idem nota anterior.
[51] Cf. entrevista do prof. Isaias

ressignificação da prática, não pode ocorrer de forma solitária, acreditam a maioria dos entrevistados, mas, sobretudo se pauta no que insiste Candau:

> Não é o simples fato de estar na escola e desenvolver uma prática escolar concreta que garante a presença das condições mobilizadoras de um processo formativo. Uma prática repetidora, mecânica, não favorece esse processo. Para que ele se dê é importante que essa prática seja uma prática reflexiva, [...] uma prática coletiva, uma prática construída conjuntamente por grupos de professores ou por todo o corpo docente de uma determinada instituição escolar (CANDAU, 1996, p. 144).

O que Candau sugere vem ao encontro da necessidade de entender a formação forjada a partir do movimento dialético envolvendo o tripé: escola – projeto de educação – educador, formulado e tecido no chão escolar. Neste pressuposto, o processo de autoformação, como já mencionei anteriormente, passa, necessariamente, pelo diálogo constante com a realidade vivida. Estas considerações implicam que o educador torne-se sujeito participante e seja o que Nóvoa (2001) denomina de "professor-pesquisador" que tem como característica principal ser indagador, que "assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, como objeto de reflexão, como objeto de análise"(2001, sp)[52]. Tal pensamento de Nóvoa é legitimado concretamente no depoimento do professor Amorézio ao avaliar a importância do PSE: ***eu acho que é importante para se entender melhor o que é pesquisa, o professor se sentir pesquisador e responsável pela construção da escola, através, por exemplo, do PPP[53], até mesmo a discussão da importância da formação continuada***. [54]

Ao sentirem-se protagonistas do projeto de formação - que implica em repensar o modelo de escola - seus tempos e espaços, os colaboradores da pesquisa avaliam sua participação no PSE e apontam de que maneira o que se estuda pode contribuir para que efetivamente se concretize o que todos buscam: a resignificação da escola em que a formação humana em suas diversas dimensões seja ponto de chegada para todos que nela convivam. Isso fica evidente na declaração dos professores Isaias e Amorézio:

> ***Eu avalio que eu fui bem participativo, muitas vezes não tem tempo pra cada um falar, mas a gente pode se organizar e escrever o que a gente pensa, eu acho que minha participação foi sempre positiva, por que minha visão foi mudando ao longo do tempo, eu vejo que se houve mudança no***

---

[52] Entrevista concedida ao Programa Salto para o Futuro. <http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista acesso em agosto de 2012.
[53] PPP: Projeto Político Pedagógico
[54] Cf. entrevista do prof. Amorezio em Anexo

> ***meu modo de ver a escola, os alunos, os ciclos, é porque houve interação com os colegas, com a teoria estudada...***[55]

> ***Eu acho que a minha participação é ativa e às vezes até meio agressiva, por que querendo ou não, eu Amorézio não consigo desvincular, por exemplo, de alguns conceitos que eu já tinha em relação ao fazer pedagógico, e nesses momentos de formação você vê tanta coisa, às vezes muita reclamação que eu não consigo ficar passivo nestes momentos, eu preciso falar, até mesmo tentar dizer o que está certo e o que está errado.***[56]

Apesar do valor formativo atribuído ao espaço PSE pelos sujeitos pesquisados, percebe-se que, para que o protagonismo, em relação à concepção de escola enquanto projeto em construção, seja a essência do processo de formação vivenciado na escola é preciso e faz-se necessário criar e oportunizar condições para que os educadores possam dialogar sobre a realidade, dizer o que pensam e expressar sua voz no processo de construção da prática pedagógica e, com isso, efetivar um espaço de exercício de democracia. Esta questão ecoa quase como um clamor pela maioria dos que colaboraram com este estudo como fica evidenciado no depoimento da profª Adriana:

> ***Eu acho que na sala do educador precisa ainda abrir um espaço para escutar o professor, ainda não temos este espaço, o professor vive várias angustias na sala de aula e ainda não temos aquele momento de escutar todos! Trocar ideias até existe, mas precisa escutar e considerar o que determinado grupos de professores tem a dizer, escutar e considerar, eu acho que se fizesse isso teríamos outros encaminhamentos em relação aos ciclos, outras melhorias.***[57]

Entretanto na coletividade do espaço escolar o exercício de ouvir – se, constitui um desafio, sendo necessário exercitar a 'escuta sensível' que no pensamento de Paulo Freire requer uma sensibilidade maior em relação ao outro, dificilmente conseguida sem que se desenvolva uma consciência traduzida em respeito, em relação à alteridade desse outro. É também nesse momento que o ser humano vai se descobrindo ao descobrir o outro, isto é: se reconhece no outro – estes são postulados de Paulo Freire da Pedagogia do Oprimido que considero como lentes para enxergar melhor o que sentem os colaboradores como protagonistas nessa relação.

Com o olhar nestes mesmos postulados, cada segmento da escola, com destaque à gestão, pode fazer da escuta sensível um instrumento de formação, possibilitando o desenvolvimento da cultura do diálogo e da colaboração para o fortalecimento do trabalho

---

[55] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo
[56] Cf. entrevista do prof. Amorezio em Anexo
[57] Cf. entrevista da profª Adriana em Anexo

coletivo, o que pode resultar num maior envolvimento dos educadores com o processo formativo desenvolvido e com o projeto de escola pretendida, pois "é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele" (FREIRE, 1996, p.46), com isso tornando-se verdadeiros partícipes dessa construção. E a professora Adriana, seguindo sua manifestação sobre o PSE expressa a necessidade do diálogo com a gestão da escola:

> ***Até mesmo receber sugestões, também ter um espaço para a coordenação e direção falar sobre suas experiências, tem tantas coisas importantes que a coordenação vivencia com pai e mãe de aluno que a gente nem fica sabendo... Histórias que são importantes pra gente entender melhor o aluno... por que o ciclos de formação humana é isso: a interação de todos...***[58]

Ao compreender que todos são coparticipes da formação daqueles que procuram a escola pública, é inevitável que do seio da construção da profissionalidade, passe a emergir a inquietação no que diz respeito às condições da efetivação do trabalho coletivo, pois compreendem os entrevistados, que a validade da formação e seu sentido consistem no trabalho conjunto, ou seja, na interação e compartilhamento entre os pares conforme expressa o prof. Isaias:

> ***Eu vejo que a Sala de Educador ainda está um pouco fragmentada, porque nem todos os professores têm condições de participar no mesmo momento, ou seja, estamos sempre participando em grupos diferentes, grupos fragmentados, e a discussão não é a mesma em todos os grupos, né?*** [59]

No entanto, ao mencionar a fragmentação, parece que o educador se refere somente em relação à uniformidade dos grupos, não sugerindo, portanto, que a fragmentação também pode relacionar-se com o objetivo da formação. Ele considera mais proveitoso que toda a escola possa participar no mesmo momento, como revela sua manifestação: ***então eu acho que isso é um prejuízo para a escola, acredito que poderia ser diferente, se conseguíssemos ter uma sala de educador onde todos possam estar presentes, até mesmo para pensar, planejar junto, por exemplo.***[60]

Todavia, a professora Ivete demonstra preocupações que abarcam outras dimensões da práxis educativa: ***Eu acho que os colegas precisam se envolver mais, tem alguns que não se envolvem nas discussões... precisamos nos reunir por área do conhecimento, mas cada um participa***

---

[58] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[59] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo
[60] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo

num horário. [61]. Estas ponderações trazem à tona um importante elemento que se tem buscado incorporar na práxis educativa: o trabalho pedagógico nas diversas áreas do conhecimento, ou seja, no modelo educativo vivenciado atualmente na Rede Estadual de Mato Grosso, a busca por um planejamento na perspectiva interdisciplinar tem se configurado como uma prática necessária, mas nem sempre isso é possível, esbarrando em dificuldades de diversas ordens, dentre elas a resistência dos educadores cerceada pelo próprio caráter formativo ao longo de suas trajetórias.

No entanto, na continuidade da fala da professora já se pode vislumbrar certo avanço no que diz respeito ao entendimento do trabalho interdisciplinar:

> ***Teríamos que ter encontros só dá área, como tínhamos nas HTC[62], hoje já sabemos que as disciplinas "são irmãs", por exemplo, história e geografia devem caminhar juntas, com ciências também... então seria interessante sentarmos juntos, planejar juntos, isso poderia ser feito no PSE, por que os alunos veem os assuntos como um todo...[63]***

Sem pretender aqui adentrar em definições quanto ao conceito de interdisciplinaridade, lanço mão, por ora, de uma definição um pouco simplista - mas bastante pertinente formulada por Jean Luc Marion de que esta é a "cooperação de várias disciplinas no exame de um mesmo objeto" (MARION, apud. FAZENDA, 1991. p.12) que corrobora com a afirmação da professora ao mencionar que os alunos percebem os assuntos de forma transversadas, isto é, há uma inter-relação ente os componentes curriculares.

O que retrato aqui são observações diagnosticadas não só através da entrevista dentro da metodologia desta pesquisa, mas também através de minha convivência enquanto coordenadora do Projeto Sala de Educador no diálogo com os participantes, particularmente com os colaboradores da pesquisa acerca de como o PSE pode contribuir em relação à superação das dificuldades encontradas em entender e ajudar a implementar a política pública de educação a ser implantada na rede Estadual a partir da escola.

De uma maneira geral tais vivências instigaram-me a entender, através dos sujeitos pesquisados, em que medida, um projeto de formação pode influenciar no fazer pedagógico dos educadores. Assim também me foi possível a apreensão de diversas reflexões, onde os mesmos apontam desafios que precisam ser superados individual e coletivamente, revelando de antemão, um olhar mais voltado para que o ato de educar esteja pautado na construção do

---

[61] Cf. entrevista da Prof.ª Ivete em Anexo
[62] HTC: hora de trabalho coletivo – instituído no PSE como parte da carga horária de estudo onde os professores se reúnem por área do conhecimento a cada quinze dias.
[63] Cf. entrevista da Prof.ª Ivete em Anexo

‘devir’ permeando a escola como um todo, exemplificado pelo que expressam as professoras Marta, Ilza e Sidinei:

> ***Eu acho que deveria ser mais direcionado para as diversas realidades que a escola tem, também precisa trabalhar a formação humana voltada para o professor, como o professor pode ser considerado dentro da formação humana.***[64]
>
> ***Uma das coisas que eu falei, eu acho que na SE precisa insistir no que é a formação humana, isso é essencial, como é o olhar para o aluno em sua totalidade, de que jeito isso acontece?***[65]
>
> ***Por que as vezes o professor faz a reflexão escrita bonita, mas na prática não corporifica aquilo... então eu acho que o maior desafio é trabalhar mesmo a escola de formação humana...por que ainda está cada um no seu quadrado...enquanto estiver assim é difícil...***[66]

Mediante tais reflexões é premente lançar mão de uma concepção que fundamente a educação que prioriza a formação humana, educação esta que Paulo Freire denomina ‘humanizante’ fundada na busca do ‘ser mais’, talvez a necessidade, na visão das professoras, de se estudar a formação humana se alicerce na necessidade de se vivenciar individual e coletivamente a “vocação para humanização” (FREIRE, 1996). Também na escola se percebe tal fato, pois esta vocação, pelos princípios Freireanos, faz com o que o ser humano esteja em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo e este diálogo com a realidade faz com que ele sinta-se capaz de lutar para ir além de suas próprias conquistas, quer dizer: todos nascem humanos, mas só se humanizam na inter-relação entre si e com a natureza.

As reflexões dos educadores neste capítulo sinalizam que se tem almejado estabelecer ‘novas’ maneiras de ser educador, fundamentadas no trabalho coletivo e no diálogo – assumido na concepção freireana como dialético e problematizador.

Fica assim evidente que a participação no Projeto Sala de Educador suscita a construção da autonomia pedagógica com responsabilidade, com vias à efetivação de uma “prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova feição da escola que se busca construir” (FREIRE, 2002, p. 80), uma práxis comprometida com o processo de humanização de todos os atores da escola, vislumbrando forjar uma ‘nova’ escola, gestada no diálogo que emerge em seu interior, característica esta, que se desvela na posição do professor Amorézio:

---

[64] Cf. entrevista da profª Marta em Anexo
[65] Cf. entrevista da profª Ilza em Anexo
[66] Cf. entrevista da profª Sidinei em Anexo

> ***a escola está sendo discutida, questionada, pensada no 'agora', isso facilita bastante o trabalho de todos, até mesmo de quem está chegando, a entender o sistema, como ela funciona, não que esta escola quer ser melhor que as outras, mas a escola tem que ter um foco, entender por que está aqui.***[67]

Entretanto, o processo formativo vivenciado no Projeto Sala de Educador nem sempre acontece de maneira tranquila, os participantes vivenciam conflitos de diversas ordens, entre estes, o confronto entre as lógicas das escolas seriada e Organizada por Ciclos de formação Humana, que será abordado no próximo capítulo, há também os que resistem às mudanças que o 'novo' modelo de escola que está sendo construído suscita. Isso tudo gera tensão nos momentos de formação, como fica evidente na fala do professor Amorézio ao avaliar sua participação no PSE:

> ***Eu acho que a minha participação é ativa e às vezes até meio agressiva, [...] e nesses momentos de formação você vê tanta coisa, as vezes muita reclamação que eu não consigo ficar passivo nestes momentos, eu preciso falar, até mesmo tentar dizer o que está certo e o que está errado.***[68]

Os depoimentos dos educadores permitem a compreensão de que os mesmos consideram que a formação vivenciada no PSE possibilita o entendimento da necessidade de se construir uma práxis coerente com as concepções da escola de formação humana, entretanto a efetivação dessa práxis no cotidiano pedagógico de cada um não fica evidente em suas falas, apontando que o desafio que se apresenta é justamente esse: construir coletivamente uma práxis que traduza a articulação entre a teoria estudada e as ações didáticas da sala de aula. Nesse sentido, penso que o professor encontra dificuldade em reconhecer no seu fazer pedagógico o substrato teórico construído na formação, ou seja, qual concepção teórica orienta sua ação.

---

[67] Cf.entrevista do prof. Amorezio em Anexo.
[68] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo.

4 A ESCOLA ORGANIZADA POR CICLOS DE FORMAÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO E REFLEXÕES

Importante na escola
não é só estudar,
não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!

É importante ressaltar que as reflexões que permeiam esse estudo, como um todo, e especialmente em relação à Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana (EOCFH), são inspiradas, em diversos momentos, pelos escritos publicados e não publicados oficialmente, por materiais preparados para formação continuada de professores, pelos diálogos ao longo de vários anos de convivência e pelo compartilhamento de ideias e ideais com a educadora Rosa Maria Camargo da Silva.[69]

A trama deste estudo, concebida no sentido Freireano já apresentado, tem com um dos elementos de sua tessitura as reflexões e concepções dos educadores entrevistados a cerca da formação vivenciada coletivamente na escola (Projeto Sala de Educador). Outro elemento importante é a escola onde essa formação é vivenciada, que não se encerra simplesmente no *lócus* escolhido – uma escola pública da Rede Estadual de Ensino do Município de Sinop, mas abrange uma dimensão maior: uma Política Pública de Educação que traz em seu bojo uma resignificação da Escola, dos papeis que cada um exerce dentro dela, dos tempos de aprender e ensinar, enfim, do modelo de educação até então vivenciado vislumbrando novos modos de conceber a escola e a educação como um todo.

O foco dessa reflexão aponta para a compreensão dos aspectos político-sociais que a organização por ciclos de formação humana representa para a escola contemporânea. Nesta perspectiva, busco, através de uma breve contextualização, tecer um fio condutor que perpassa as dimensões histórica e dialética das transformações vivenciadas em relação à educação no final do século XX e início do século XXI.

Para tanto se justifica um retrospecto em relação aos fundamentos da Educação como um todo e uma análise das teorias que sustentaram a educação no Brasil na modernidade para finalmente aludir à Política Educacional de implantação e implementação dos Ciclos de Formação Humana na educação brasileira, especificamente no Estado de Mato Grosso,

[69] Pedagoga, mestre em Educação, professora formadora do Cefapro de Cuiabá, estudiosa e defensora dos Ciclos de Formação Humana no Estado de Mato Grosso e, minha mãe.

articulando seus referenciais teóricos com a escola que efetivamente queremos e precisamos na atualidade.

4.1 A dimensão histórica como propulsora de mudanças

As transformações que a sociedade atualmente tem vivenciado evidenciam o quanto a educação enfrenta desafios decorrentes das novas demandas, cada vez mais complexas, do mundo globalizado, tornando necessária uma reflexão acerca da escola na atualidade. Se vivemos um momento de contradições e quebra, ou re-elaboração de paradigmas, é necessário entender essas contradições, pois a educação se faz no tempo presente contextualizada historicamente. Embora compreendendo a dimensão histórica como propulsora de mudança nesta unidade limito-me apenas a contextualizar de forma sintética o cenário histórico onde a EOCFH emerge.

Para apreender a essência que permeia as transformações sociais e consequentemente educacionais as quais me refiro, é necessário trazer à tona os aspectos da educação na modernidade e o entendimento da pedagogia enquanto ciência, considerando um de seus marcos históricos, os ideais da Revolução Francesa, e discutir as características da educação contemporânea, para tanto tomo como referência os escritos do historiador e pedagogo italiano Franco Cambi, entre outros, entrelaçando a função social da Escola com o modelo de sociedade vigente.

Ressalto que o que caracteriza este momento histórico são as transformações econômicas, sociais e políticas, como marca da ordenação de um novo modelo de sociedade que tem sua culminância na Revolução Francesa, marco histórico que redimensiona o sentido da Pedagogia. (CAMBI, 1999).

Na modernidade a Pedagogia se constitui como Ciência, há uma redefinição da função da educação, inerentes a ‘nova’ visão de mundo, advinda da Revolução Francesa e com isso a necessidade da organização dos saberes. Essa ‘nova’ função da educação assume um duplo caráter, na medida em que procura formar o homem-cidadão ao mesmo tempo em que exerce a função de controle e conformação social, elucidado por Cambi:

> A modernidade nasce como uma projeção pedagógica que se dispõem, ambiguamente, na dimensão da libertação e na dimensão do domínio, dando vida a um projeto complexo e dialético, também contraditório, animado por um duplo desafio: o de emancipação e o de conformação. (1999, p.203)

E essa dualidade ideológica vai permear o modo como a pedagogia vai se constituindo

ao longo do tempo - a educação formal e seu *lócus* mais fértil – a escola, tendo como premissa fundante que toda ação educativa é intencional: para a emancipação ou para a dominação.

As transformações sociais continuam e trazem o advento da Revolução Industrial e as bases do sistema capitalista de produção se consolidam nos séculos XXVIII e XIX, "legitimando o caráter reprodutivista da educação" (SEVERINO, 2002, p.72). Alicerçado no pensamento de Althusser sobre a problemática da reprodução Antonio Joaquim Severino destaca seu pensamento no clássico 'Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado' sobre a função reprodutivista da educação formal afirmando que para garantir a reprodução dos meios de produção, o capitalismo precisa assegurar a reprodução da própria força de trabalho (SEVERINO, 2002).

Com base no processo histórico, percebemos como ocorre o engendramento da função social da escola, e que se faz necessário reconhecer que as transformações que se operam, na instituição escola, ao longo do tempo, nascem imbricadas ao modo de produção econômica vigente.

Dentro desse processo, a partir da produção de um efeito contraproducente pelo conhecimento, é possível desvelar, através de leituras da realidade concreta, leitura de mundo, para Paulo Freire, as implicações decorrentes da implantação de um currículo, ideologicamente forjado para alienar 'corpos e mentes' a serviço do acúmulo de riquezas materiais e intelectuais, que, ainda que produzidas socialmente, servem tão somente aos interesses do poder.

Com a expansão do capitalismo no mundo moderno, o Brasil também o vivencia intensamente. Se por um lado, ainda persiste a defesa de um modelo de escola e de sociedade - o da reprodução - em nosso devir, havemos de compreender que somos frutos de uma formação humana impregnada pela organização da relação trabalho/sociedade pautada no modelo *fordista-taylorista* que se tornou quase hegemônico na história da educação brasileira no início do século passado e cujo papel social, emerge da reprodução de valores pré – estabelecidos, forjados para a conservação do *status quo* vigente, utilizando, para tanto, como principal instrumento, a organização do modelo da linha de montagem configurada pela produção em seriação e fragmentação do conhecimento de forma empírica, pois ao trabalhador neste contexto implicava a ausência de mobilização de energias intelectuais e criativas no desempenho do trabalho, pois a ele cabia apenas memorizar e repetir de forma mecânica os movimentos necessários à produção.

Assim a escola organizada tendo como referência esse modelo teórico indutor de uma prática fragmentada, passa a expressar e a reproduzir essa fragmentação através de seus

conteúdos, métodos e formas de organização e gestão, mediante um projeto pedagógico que tem sido denominado como taylorista/fordista e que de acordo com Kuenzer (2000) deverá dar lugar a escola voltada para a Formação Humana.

Para Severino (2002, p.67) a educação é uma atividade como qualquer outra, é trabalho, prática social e simbólica, defendendo, assim, a desconstrução do imaginário popular da educação como um processo espiritual, comparável a pastoral, pois a construção do referencial simbólico tendo como base esse pensamento, para o autor, pode levar o homem a vivenciar sua subjetividade desarticulada das demais dimensões da prática humana: técnica e política.

Não há como dissociar o processo educacional e o da sociedade, confirmando o pensamento de Severino (2002) ao afirmar que a forma de organizar a educação reproduz integralmente a estruturação da sociedade, e o autor alerta:

> A atuação educacional pode ter efeitos desestruturadores, tornando-se fator de mudança social. Isso significa que o processo histórico depende também das ações dos sujeitos, sendo a educação uma mediação criadora e transformadora da História. (SEVERINO, 2002, p.72).

Constituindo-se assim a chamada por muitos ‘contra-revolução’ que concebe a educação como força de transformação social, engendrada pelas ideias do filósofo italiano Antonio Gramsci, que transportou para o campo educacional a filosofia político-social do marxismo (SEVERINO, 2002). Inspiradas na contra-revolução emergiram correntes pedagógicas concebidas a partir da concepção dialética da história a qual pressupõe que, embora o ser humano seja considerado produto social, isto não o dissocia de seu papel de construtor da história.

Desta vertente e, vinculados às concepções piagetianas e vygotskianas sobre a construção do conhecimento, surgiram métodos que propunham a contextualização de conteúdos escolares que abarcassem o universo a ser estudado de forma globalizante para que o educando, pelo processo de construção do conhecimento, imprima um significado que o conduza à reflexão-ação - (métodos globais).

Paulo Freire é a autoridade maior de todos os tempos como proclamador de uma educação emancipadora e, por conseguinte, libertadora, já que o conhecimento, para esse pensador, é instrumento de leitura de mundo, de “refacção” de si próprio e, sugere que, pelo empoderamento do saber, o ser humano estabelece relações que contribuem para a transformação social (FREIRE, 1967). Logo, percebe-se que o modelo de educação encontra-se intrinsecamente ligado ao modelo de sociedade e, por conseguinte, está também atrelado à

concepção de ser humano que se pretende ajudar a formar, reafirmando, sob pressuposto, que toda ação educativa é intencional: para a emancipação ou para a dominação, como já dita anteriormente.

Contudo a ideia defendida como suporte que ordena a base teórica dessa dissertação não é a mesma proclamada pelo discurso liberal: a educação como redentora da sociedade. A base teórica que ordenada a minha reflexão ancora-se no pensamento educativo e pedagógico de Paulo Freire que concebe a escola como irradiadora da cultura, daí a importância e necessidade do posicionamento político, instigado por ele.

E essa escola, no tempo presente, precisa ser entendida e concebida sem os determinismos históricos que o discurso neoliberal propaga, pois não há como negar: a escola não está 'descolada' da construção social da realidade, nesse processo há de se considerar, pelo menos, a instrumentalização dos indivíduos para o exercício da cidadania e para a utopia da constituição dos 'sujeitos coletivos' como preconiza Miguel Arroyo (2003) ao se referir que o sujeito aprendente através do que se vivencia na escola, passa a entender-se pertencente de um coletivo de sujeitos (mulheres, homens, camponeses, operários, entre outros) com as mesmas necessidades e com isso percebe a necessidade da conscientização e da luta para assegurar os direitos desse coletivo.

Portanto, mediante esse mesmo lastro de pensamento, concordando com Paulo Freire (1967), que sugere que ao contribuir para o desenvolvimento de qualquer currículo escolar, estamos nos posicionando politicamente em defesa de uma determinada concepção de sociedade – natureza, esta, exclusiva da espécie humana e, por conseguinte, só será eficaz se nos humanizarmos mutuamente e, para tanto, necessitamos de espaços educativos e a **escola** é um deles.

No processo da tessitura da construção de uma nova sociedade, consequentemente, exige-se a adoção de novos rumos para a educação e particularmente, o que importa neste estudo, é a educação pública com a qual estamos envolvidos, eu e os colaboradores da pesquisa, a priori, visto que, a escola, se constitui presentemente, como espaço privilegiado de construção de conhecimento científico.

Todavia, este elemento: o conhecimento, na sociedade atual, caracterizada como sociedade da informação e por isso complexa, no sentido, simplificado, que Edgar Morin (1991) atribui ao "complexo: tecido em conjunto", se apresenta como capital s*ine qua non* para o desenvolvimento intelectual e cultural dos seres humanos.

Nesse sentido Gadotti (1995) afirma que a educação participa inevitavelmente do debate no qual nossa sociedade em crise vivencia e da angústia por ela suscitada:

> a educação é um lugar onde toda a nossa sociedade se interroga a respeito dela mesma, ela se debate e se busca: educar é reproduzir ou transformar, repetir servilmente aquilo que foi, optar pela segurança do conformismo, pela fidelidade a tradição ou, ao contrário, fazer frente à ordem estabelecida e correr o risco da aventura; querer que o passado configure todo o futuro ou partir dele para construir outra coisa. (GADOTTI, 1995, p.43)

Podemos tomar a fala de Gadotti como provocação, reescrevendo-a como indagação, e nesse novo contexto, a escola, passa a exercer um papel fundamental, sobretudo a escola pública, que se torna, muitas vezes, para os despossuídos, o único espaço de vivência de cidadania, e por isso tende a ser apreendida como Direito.

A escola pública, na qual, até então, predominavam nos sistemas educacionais brasileiros, a lógica da exclusão enquanto seleção que privilegia os "mais aptos", também não mais dá conta de atender às necessidades do liberalismo econômico, para o qual fora urdida e legitimada pela LDB: 5692/71, sob a égide do regime ditatorial. Essa lei surge para suprimir as correntes pedagógicas, então consideradas progressistas, abolindo, assim, qualquer tendência educativa de cunho socialista que viesse a se contrapor aos interesses da classe político-econômica dominante daquele período histórico, seja na esfera particular ou na esfera social das relações humanas.

É importante ressaltar que neste período histórico de caráter autoritário, cujo foco era o fortalecimento de uma luta anti-socialista patrocinada, particularmente pelos Estados Unidos da América em cuja cultura pré-formulada, estava presente a ideia da domesticação dos corpos e das mentes, conforme sugere Michel Foucault (1982). Essa cultura do medo e dos mitos ainda latentes no seio social, ainda hoje impregna a cultura escolar por meio de uma visão dicotômica do ser humano e de conhecimentos hierarquizados, fragmentados e descontextualizados.

Diante das transformações advindas com a modernidade, em nosso país sentem-se profundamente os reflexos das exigências de uma nova sociedade emergente recorrente dos avanços tecnológicos e de mudanças culturais. Isso implicou na expansão do mercado de trabalho na última década, bem como na ampliação das vagas nas universidades – o que requer do trabalhador atual, não somente conhecimento técnico-científico, mas também decisão política que o capacite à resolução de situações (gargalos) decorrentes do processo de produção material da existência humana nas mais diversas instâncias.

Neste sentido, o papel social da Escola, deixa então, de ser apenas o da transmissão de conceitos historicamente elaborados. E, porquanto se exige a redefinição quanto a sua função: para além do preparo para os exames seletivos, a escola no novo cenário, deve preocupar-se

em reelaborar os processos de formação de sua demanda, com a formação para vida nas várias dimensões para que o ser humano se identifique, enquanto sujeito histórico, na construção de uma sociedade mais ética (BRANDÃO, 2007).

Nesta perspectiva acredito que seja necessário emprestar de Antonio Gramsci, as bases da preocupação que sustentam uma Escola Humanista[70], necessária à pós-contemporaneidade, para perceber que nunca antes, na história da humanidade, se valorizou tanto os direitos inalienáveis aos seres humanos, os produzidos socialmente, assim como o respeito e a preservação da natureza, isto é: a sensibilidade não está mais "descolada" da razão. Já não somos[71] mais induzidos a alimentar o individualismo exacerbado como outrora e, como pensava Freire (1967), somos hoje, cidadãos do mundo, contudo, seres inacabados e, enquanto somos circunstanciados pela determinação histórica, vamos humanizando-nos mutuamente no devir.

4.2 A EOCFH em Mato Grosso como possibilidade de repensar a educação?

A trajetória da implantação da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana na e da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso em seu percurso de dez anos, requer de todos os envolvidos uma postura de pesquisadores que, à luz do rigor científico possam, mediante esse olhar, estabelecer uma ponte entre o vivido e o compreendido em relação a essa Política Pública Educacional.

Neste sentido tendo como pressuposto o pensamento Freireano que mencionei anteriormente, reconheçamos então, que, primeiramente, urge desconstruir legados que foram cristalizados em nosso imaginário de educadores no percurso de nossa formação, não só no que diz respeito à escolarização, mas, também, no que tange às concepções de nossa vivência religiosa, familiar e, em outras oriundas de diversas agências de formação que também reproduzem as desigualdades sociais vigentes, particularmente na forma vertical que leva à hierarquização dos papéis sociais e dentro da escola.

Essa desconstrução de que falo é precursora de mudanças, e em relação ao 'novo' modelo de escola que se pretende construir tem impactos no que os educadores pensam: ***tudo que é novo dá uma assustada, até você ler, entender... Até você tentar mudar a sua visão de escola***

---

[70] Conceito apresentado por Nosella (2004) onde Antonio Grasmsci discute a função da escola com o papel de desenvolver as capacidades técnicas e intelectuais dos cidadãos, com ênfase nas relações humanas.

[71] Quando uso a terceira pessoa do plural refiro-me em alguns casos à humanidade de modo geral, em outros ao coletivo de educadores ao qual também pertenço.

como um todo, demora![72]. O professor Amorézio ilustra bem esses impactos no seu depoimento ao expressar que: ***por que você já tem uma prática, você já desenvolve um trabalho, você foi moldado assim, e de repente você tem que refazer tudo isso! Estabelecer novos conceitos, e recolocar a sua prática nesses novos conceitos, então eu acho que isso é o mais difícil, você ter que mudar sua postura!***[73]

De certo modo, o modelo de escola tradicional ainda perdura tecido em nossas concepções de mundo e de escola, e a partir delas, se criam fortes muros como autodefesa para aqueles que temem sair de suas zonas de conforto – o que dificulta a compreensão e a ressignificação do papel social que a Escola Pública deve adquirir neste novo cenário e, particularmente, no Estado de Mato Grosso. Entretanto:

> "transformar práticas culturais tradicionais e burocráticas das escolas que, por meio da retenção e da evasão, acentuam a exclusão social não é tarefa simples e nem para poucos. O desafio é educar as crianças e os jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo a adquirirem condições para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo. Tal objetivo exige esforços constante de diretores, professores, funcionários e pais de alunos e de sindicatos, governantes e outros grupos sociais organizados (LIBÂNEO, 2007: p.14).

Neste contexto para alguns, sob o estreito ponto de vista empírico, a escola deve ser-nos apresentada pronta: como se organiza, como se trabalha e com condições estruturais definidas, todavia, a implantação de uma escola "Ciclada"[74] expõe evidências de contradições e de conflitos - próprios do movimento dialético da história construída coletivamente - mas que têm sido tomadas como equívocos sob o olhar do senso comum em várias instâncias do Sistema.

Neste cenário, ousadamente, há mais de dez anos, a rede Estadual de Ensino de Mato Grosso "projeta" a construção de um novo modelo de educação, cujo alicerce está pautado na Formação do Ser Humano em suas diversas dimensões: biológica, psicológica e cultural (ARROYO, 2003) e busca amparo na LDB e nos dispostos de seus artigos 23, 26 e 27 respectivamente, que tratam da organização da Educação Básica no país.

É se faz necessário contextualizar no cenário nacional a adoção de políticas públicas educacionais em relação aos Ciclos, segundo Elba Siqueira de Sá Barreto e Sandra Záquia Sousa (2005) em seu texto "Reflexões sobre as Políticas de Ciclo no Brasil" as experiências brasileiras que contribuíram para a construção dessa ideia de ciclos começam a aparecer,

---

[72] Cf. entrevista da Prof.ª Sirlei em Anexo
[73] Cf. entrevista do prof. Amorezio em Anexo
[74] Uso o termo "ciclada" para enfatizar que essa é denominação de senso comum dada pela sociedade de maneira geral.

sobretudo, a partir da segunda metade do século XX. A contar daí, registram-se muitas iniciativas, em diferentes redes escolares, e em períodos, circunstâncias e lugares diversos.

As primeiras propostas dessa natureza, no Brasil, datam das décadas de 1960 e 1970 e inspiraram-se na organização escolar adotada na Inglaterra, cujo modelo foi difundido como referência no Brasil, em meados do século XX. Denominadas genericamente, no caso brasileiro, avanços progressivos caracterizaram-se como medidas intermediárias entre o regime seriado e o de promoção automática vigente no sistema inglês, uma vez durante todo o ensino obrigatório. As experiências brasileiras desse período foram, no entanto, pouco divulgadas.

Ainda segundo as autoras, a denominação *ciclo*, para alternativas de organização escolar não seriada, é recente; ela aparece apenas em meados dos anos de 1980. Desde então, os ciclos passaram a receber diferentes qualificativos: básico, de alfabetização, de aprendizagem, de progressão continuada, de formação, conforme as especificidades de cada proposta.

Compreendendo que a referência de educação no Sistema Brasileiro é a seriada, isso nos faz apreender a dimensão de esforço demandado no processo de implantação dos Ciclos de Formação na rede Estadual de ensino de Mato Grosso, quando, a partir do ano 2000, as Escolas passam a organizar seus tempos-espaços escolares em três (03) ciclos de aprendizagem, cujo foco, a princípio, é a ampliação do tempo cronológico com a adequação da listagem de conteúdos conceituais considerados necessários como pré-requisitos em cada ciclo.

No ano de 2002 a Resolução 262 normatiza a política dos Ciclos em Mato Grosso:

> **Art. 5º -** A adoção do regime escolar por ciclos de formação pressupõe a duração do ensino fundamental ampliada para 9 anos, tendo em vista a ampliação do tempo de permanência na escolaridade obrigatória e observando as disposições do Artigo 11 da Resolução 150/99 – CEE/MT e art. 5º da LC 49/98, exigida a implantação gradativa e a garantia de conclusão de estudos neste regime.
>
> **Art. 6º -** O regime escolar por ciclos de formação[4] é organizado em função dos tempos de formação humana da infância, da pré-adolescência e da adolescência - na oferta do ensino fundamental - e da juventude - na oferta do ensino médio - ministrado aos alunos com observância regular da relação idade – etapa da educação básica.
>
> **§ 1º -** No caso do ensino fundamental, sua composição observará a organização de 3 ciclos, cada um deles com duração de três anos,

[4] Artigos 8º e 17 – inciso II da Resolução n. 150/99-CEE/MT

> organizados em fases anuais, correspondentes às seguintes temporalidades da formação humana:
>
> a) 1º ciclo: infância (entre 6 e 9 anos de idade);
> b) 2º ciclo: pré-adolescência (entre 9 e 12 anos de idade);
> c) 3º ciclo: adolescência (entre 12 e 15 anos de idade).
>
> **§ 2º -** No caso do ensino médio, sua composição observará a organização de um ciclo de três anos, correspondente à temporalidade da juventude na formação humana (entre os 15 e 18 anos de idade). (MATO GROSSO, 2002, p.5)

Observa-se então, a partir da implantação desse novo modelo de organização escolar, certa confusão entre Ciclos de Formação, Seriação e Escola "ciclada", pois, no início de sua implantação o novo modelo mantém o foco ainda tão somente no aspecto cognitivo-conceitual como critério único para a enturmação em que cada unidade escolar estipula a quantidade de conteúdos para serem "dados" durante cada ano letivo e em cada ciclo de aprendizagem. Isso fica evidente na afirmação do professor Isaias, quando conversamos sobre as principais dificuldades que ele percebia no início do trabalho com os ciclos:

> ***Então, eu acho que a dificuldade principal era compreender o que fazer no ciclo. Por que muitos diziam que estavam fazendo as atividades próprias do ciclo, mas quando víamos ele estava fazendo as mesmas atividades da escola seriada, agindo da mesma maneira, estava tendo a mesma postura como professor que tinha na escola seriada, só tinha mudado de nome.***[75]

O que o professor Isaias expõe não é um fenômeno específico da Escola Professora Edeli Mantovani ou da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso, seu discurso vem carregado de outros sentidos, entre eles a necessidade de entender os fundamentos e pressupostos do novo modelo de educação vivenciado.

Isso tudo torna essa vivência bastante comum, conforme nos mostra Elvira Souza Lima em seu texto "Ciclos de formação: uma reorganização do tempo escolar":

> Não podemos esquecer, aqui, que a redefinição da atividade do professor é um processo e que, portanto, não ocorre da noite para o dia. De fato, temos visto que, nos momentos iniciais da implantação de ciclos, as práticas pedagógicas mantêm-se, em geral, as mesmas ou muito semelhantes às práticas anteriores, principalmente a avaliação. (LIMA, 1998, p.28).

Os depoimentos da professora Adriana e do professor Isaias também ilustram os equívocos e dificuldades vivenciados pelos educadores quando se veem diante de mudanças estruturais no modelo de educação:

---

[75] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo

> ***Eu tinha uma turma grande, e vinha com o olhar do seriado, da alfabetização como objetivo, eu pensava que naquele momento, no segundo ano da escola, todos tinham que estar no mesmo nível. Tipo um modelo que a gente traz da educação de que a criança tem que se alfabetizar nos dois primeiros anos, até porque é o modelo a que estamos acostumados todo o tempo.***[76]
>
> ***no início tivemos algumas barreiras, até mesmo para acreditar nos ciclos, e ter credibilidade no que estava fazendo, por que a gente não sabia muito bem como lidar com situações tão diversas, né?***[77]

Diante dessas dificuldades apresentadas pelo professor Isaias e pela professora Adriana é premente, que façamos distinção entre ciclos de aprendizagem e Ciclos de Formação Humana, haja vista que a política implementada em Mato Grosso é dos ciclos de formação humana, conforme preconiza o artigo 6º da Resolução 262/2002.

Segundo os colaboradores da pesquisa a implantação dos ciclos em Mato Grosso gerou muita dúvida entre os educadores quanto aos seus fundamentos. Os depoimentos da professora Sidinei e do professor Amorézio ilustram um pouco esse início em relação às dúvidas vivenciadas:

> ***Na verdade meu primeiro contato com a escola organizada em ciclos foi em dois mil***[78]***, aquela época o estado organizou uma formação, eu trabalhava em Guarantã do Norte e o estado ofereceu uma formação para todos os professores no polo de Matupá, Guarantã pertencia ao polo de Matupá, Cefapro de Matupá, então todos os professores foram convocados pra participar e foi assim... todo mundo detestou, odiou, né? Por que foi uma coisa de cima pra baixo, né? O estado ia implantar os ciclos e fez essa formação, na verdade a gente nem conseguia entender o que era aquilo, a gente também não aceitava...***[79]
>
> ***Por que até então o que eu sabia dos ciclos era aquela primeira que foi implantada em 1999, 2000, que chamavam de escola ciclada, né? E as primeiras construções que foram feitas aqui na escola Edeli foram ainda nos moldes daquela escola ciclada, sem entender direito o que são os ciclos de formação humana, depois que nos fomos buscar certinho o que são os ciclos de formação humana, a maneira correta de se trabalhar com isso.***[80]

As dúvidas e dificuldades relatadas pelos colaboradores da pesquisa podem ter diversas origens, entre elas, a divulgação pela mídia das políticas implementadas em outras regiões do país, ou até mesmo fundamentar-se no que diz Miguel Arroyo:

> As expectativas quanto à organização da escola em ciclos nem sempre são

---

[76] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[77] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo
[78] Nos anos de 1999, 2000 e 2001, a Seduc implantou o CBA (Ciclo Básico de Alfabetização) que foi a gênese para os Ciclos de Formação implantados em 2002. (Fonte MATO GROSSO, 2002).
[79] Cf. entrevista da prof. Sidinei em Anexo
[80] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo

> coincidentes, as experiências vêm sendo bastante variadas e até desencontradas. Estão sendo implantados ciclos que não passam de amontoados de séries, ciclos de progressão continuada, ciclos de competência, de alfabetização, como poderíamos ter ciclos de "matematização" ou ciclos de quaisquer outros conteúdos, habilidades e competências, ciclos de ensino-aprendizagem das disciplinas e até ciclos do antigo primário e do antigo ginásio. Na maioria dessas propostas a lógica seriada não é alterada, por vezes é reforçada, apenas o fluxo escolar pode ser amenizado com mecanismos de não reprovação, de aceleração ou de adiamento da retenção. (1999, p.17)

A essência do exposto por Arroyo fica evidente no relato da professora Adriana ao narrar o início do seu trabalho com os ciclos: ***até então eu só tinha visto o lado negativo dos ciclos, por estar acelerando essas crianças, estar recolocando essas crianças***.[81] O relato da professora Adriana traduz um discurso bastante comum, segundo nos alerta José Clovis Azevedo em seu texto Escola Cidadã: Políticas e Práticas:

> [...] muitos educadores acreditam que ciclos são simplesmente uma forma de organizar a escola, ou seja, é preciso deixar claro que não é uma estrutura nova criada para um re-enquadramento dos educandos. Ao contrário, é a tentativa de traduzir na estrutura escolar os ciclos da vida. É a escola redesenhada, com espaços e tempos que buscam responder o desenvolvimento dos educandos. (2000, p.158)

Nessa mesma linha de pensamento Andrea Fetzner (informação verbal)[82] relata que historicamente os educadores tem dificuldade em diferenciar os Ciclos de Aprendizagem dos Ciclos de Formação, e ainda faz um alerta quanto à importância de se entender a diferenciação, pois segundo ela, a escola organizada por ciclos de aprendizagem em nada difere da seriada, já que os agrupamentos ocorrem a partir do "nível de conhecimento", apenas a retenção é transferida ao final de cada bloco de aprendizagem – 3(três) anos, configurando o que se denomina Progressão Continuada, já nos Ciclos de Formação Humana a enturmação é pela idade cronológica, o aluno avança com sua turma, mas deve receber atendimento para suas dificuldades específicas.

Em relação às denominações de ciclos e a estruturação desse modelo de educação, Ocimar Alavarse em sua dissertação "Ciclos: a escola em (como) questão" faz um esclarecimento pertinente:

> Embora se observe o emprego generalizado da expressão ciclos, na literatura, na legislação e em documentos de várias redes públicas de ensino do país, para caracterizar uma organização de ensino oposta à seriação, uma análise mais detalhada de seu emprego indica uma diversidade de conceitos, bem como de iniciativas de organização escolar (2002, p.7).

---

[81] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo

[82] Palestra proferida no dia 17/05/2011 por Andrea Fetzner – Seminário Educação de Tempo Integral: Programa Mais Educação. Cuiabá. Seduc/MT

Ainda com a intenção de marcar a diferenciação entre os modos apresentados trago o quadro a seguir organizado por Luiz Carlos de Freitas (2003) onde o autor diferencia as concepções que instituem o regime da progressão continuada - essência dos ciclos de aprendizagem e a organização da escola em ciclos – da qual a EOCFH em Mato Grosso deriva:

Quadro 05 Dimensões contraditórias de concepções de educação, ciclos e avaliação.

PROGRESSÃO CONTINUADA	CICLOS
Projeto histórico e conservador de otimização da escola atual, imediatista e que visa ao alinhamento da escola às necessidades da escola.	Projeto histórico transformador das bases de organização da escola e da sociedade, de médio e longo prazo, que atua como resistência e fator de conscientização, articulando aos movimentos sociais.
Fragmentação curricular e metodológica que no máximo prevê a articulação artificial de disciplinas e séries (temas transversais, por exemplo).	Unidade curricular e metodológica de estudos em torno de aspectos da vida respeitando as experiências significativas para a idade (ensino por complexos, por exemplo).
Conteúdo preferencialmente cognitivo-verbal.	Desenvolvimento multilateral, baseado nas experiências de vida e na pratica social.
Aponta para a alienação, para o individualismo do aluno e a subordinação.	Favorece a auto-organização do aluno, o trabalho coletivo e a cooperação no meio social.
Treinamento do professor, preparação do pedagogo como especialista distinto do professor e vice-versa, com o fortalecimento da separação entre o pensar e o fazer no processo educativo.	Formação do professor em educador.
Uso de tecnologias para substituir o professor e/ou acelerar os tempos de estudo.	Subordinação das tecnologias ao professor, com a finalidade de aumentar o tempo destinado pela escola à formação crítica do aluno.
Sistema excludente e/ou hierarquizador (autoexclusão pela inclusão física na escola).	Educação como direito de todos e obrigação do Estado.
Desresponsabilização da escola pelo ensino. Terceirização/privatização.	Educação em tempo integral.
Retirada da aprovação do âmbito profissional do professor, mantendo inalterada a avaliação informal com característica classificatória.	Ênfase na avaliação informal com finalidade formativa e ênfase no coletivo como condutor do processo educativo.
Avaliação formal externa do aluno e do professor (de difícil utilização local).	Avaliação compreensiva, coletiva e com utilização local.
Avaliação referenciada em conteúdos instrutivos de disciplinas, padronizados em habilidades e competências.	Avaliação referenciada na formação e no próprio aluno, ante os objetivos da educação e da vida (formação + instrução).

Fonte: *Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas, (Freitas, 2003, p. 74 a 76).*

Partindo do que foi expresso, concordo com Miguel Arroyo (1999), que, ao defender a

organização dos espaços/tempos escolares por Ciclos Vitais Humanos, observa que não é a escola que será "ciclada", mas esta, enquanto Sistema de Ensino se organiza de forma estrutural e pedagógica para atender os Ciclos que caracterizam sua demanda que, por ora se insere na Educação Básica. O entendimento demonstrado pelo professor Isaias ilustra a defesa de Arroyo:

> ***Eu vejo assim: que os ciclos é uma coisa e a formação humana é outra coisa, quando a gente fala dos ciclos é um modo de trabalho que a gente desenvolve com os alunos, e quando a gente fala da formação é uma visão que a gente ao tratar o aluno tem um certo objetivo.***

Neste sentido, de acordo com Silva e Troian (2011) quando passamos a compreender, pela visão Vygotskiana, que a construção do conhecimento pelos seres humanos ocorre por processos intrínsecos e extrínsecos e que a escola não é a única que ensina e, se é na vida que se aprende, então, a visão cartesiana de educação e de ser humano dicotômico perde seu sentido. A professora Ilza manifesta essa compreensão, ao expor sua concepção de Ciclos: ***é um olhar diferente para o aluno, não é só se preocupar com a aprendizagem, mas também ver todas as características do aluno, ver o aluno como um todo, essa é a minha visão sobre os ciclos...***[83]

A partir do exposto pela educadora pode-se inferir que cabe, pois, à Escola, fundamentada pelas concepções de Wallon e de Ausubel [84]- a ressignificação científica de tais saberes (diversos) advindos do ato apontado pela professora Ilza: ***ver todas as características do aluno, ver o aluno como um todo.*** Essa ressignificação é mediada pela relação pedagógica, cuja significância adquire o sentido de valores que farão parte dos construtos da formação humana em suas várias dimensões.

E ainda, através de conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais conforme orienta Zaballa (2002), confere à escola, o exercício da cidadania na perspectiva de uma sociedade em que todos são sujeitos históricos, esse entendimento por parte equipe da Secretaria Estadual de Educação em Mato Grosso faz com que gradativamente a Política Educacional do Estado se constitua não somente como **ciclos de formação, mas como ciclo de formação humana.**

Um dos marcos dessa constituição gradativa, que ainda se vivencia até hoje, foi o 3º Encontro de diretores, coordenadores e assessores pedagógicos dos 13 Centros de Formação e Atualização dos Profissionais de Educação Básica – Cefapros[85] que aconteceu em Barra do Garças, onde as discussões aconteceram na dimensão dos Ciclos de Formação Humana.

---

[83] Cf. entrevista da prof. Ilza
[84] Cf. Teorias da Aprendizagem: Comportamentalista, Cognitivista e Humanista disponível em www.isap.edu.br.
[85] Fonte: site da Seduc: http://www.seduc.mt.gov.br/conteudo, acessado em setembro de 2012.

A reelaboração dos ciclos em Mato Grosso – de ciclos de formação para ciclos de formação humana, não acontece no vácuo, ela é o oriunda de fatores intrínsecos às vivências dos envolvidos, constituídos também nos momentos de formação, estudos e necessidade de articulação da teoria estudada com a prática do cotidiano escolar.

Pode também ser considerada como um movimento histórico-dialético, conforme elucidam Barretto e Sousa ao justificarem as diversas denominações e compreensão dos ciclos existentes atualmente:

> As nuanças de seus significados, forjadas em contextos históricos diversos, a partir de embates específicos, e por meio de ideários educacionais que se modificaram ao longo do tempo, indicam que o conceito de ciclos está em vias de ser construído pelas múltiplas iniciativas cujo propósito tem sido o de modificar a organização da escola, com vistas a assegurar o direito de todos à educação. (BARRETTO E SOUSA, 2005. p. 664).

A manifestação do professor Amorézio corrobora com as ideias das autoras e traz em si a complexidade desse movimento vivenciado pelos educadores:

> ***a transição entre a escola seriada e a formação humana, no meio disso tem os ciclos, então estabelecemos alguns conceitos que não se encaixam na formação humana, mas temos que ter bem construído o conceito de formação humana. Por exemplo, a valorização do profissional, ou seja, o "eu" do professor, fica frustrado, muitas vezes, ele frustra, por que ele vinha num embalo, fez uma reflexão, aí quando vem a formação humana, muitas vezes deixa de valorizar o "humano".***[86]

Dessa maneira a escola organizada por ciclos de formação humana no Estado de Mato Grosso, conforme já mencionado anteriormente – ainda está sendo construída, preocupa-se com a humanização de sua demanda e fundamentalmente considera as várias dimensões do ser humano: **psicológica (cognitiva e afetiva), biológica e cultural**.

A professora Ivete demonstra essa compreensão em sua afirmação: ***Isso é a escola de formação humana, por que nós estamos lidando com o humano... mesmo que num determinado dia minha aula não rendeu na geografia, mas valeu se eu entendi meu aluno, se eu resgatei alguma coisa boa nele...***[87]

Ainda em relação às dimensões do ser humano a serem consideradas pela escola são reforçadas pelo depoimento da professora Ilza acerca de seu entendimento sobre os ciclos que também converge com o pensamento de Paulo Freire na Pedagogia da Autonomia sobre a afetividade/amorosidade: "O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes,

---

[86] Cf. entrevista do prof. Amorézio em anexo.
[87] Cf. entrevista da Prof.ª Ivete em Anexo

generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico" (FREIRE,1996, p.103) enquanto caminho da mediação pelo trabalho com o conhecimento e com a vida:

> ***E o que eu posso entender sobre isso, né? Eu penso que não é olhar o aluno só no sentido de aplicar conteúdos, né? Tem a questão da afetividade, aquela questão de você ter um olhar diferente, né? Eu vejo assim: é um olhar diferente para o aluno, não é só se preocupar com a aprendizagem, mas também ver todas as características do aluno, ver o aluno como um todo, essa é a minha visão sobre os ciclos...***[88]

Desta forma, o respeito às características, inerentes a cada fase (Ciclo Vital Humano) que segundo Elvira Lima (1998) e Andrea Fetzner Krug (2001), se constitui critério para a adoção de determinadas metodologias, a partir do entendimento de que todos apreendem, mas cada ser humano, precisa ser entendido e atendido em sua singularidade, enquanto pluralidade, no espaço escolar.

Esse entendimento é uma construção individual e coletiva, que se forja nas experiências do cotidiano da escola conforme o relato da professora Adriana: ***hoje eu vejo numa forma mais positiva, quando vemos por um lado social, essa coisa de que todos temos as mesmas capacidades, o mesmo potencial, aquela coisa da formação humana.***[89]

Numa escola democrática, todos têm oportunidades, ainda que por caminhos diferentes, entretanto esse é o desafio que se apresenta aos educadores: considerar que todos são capazes de aprender e que cada um tem seu tempo próprio para aprender, pois ainda temos arraigado em nossa prática 'antigas' formas de ensinar, como declara a professora Jeane:

> ***Olha, tive grande dificuldade nesse novo sistema, porque antes, no término do meu magistério, era o sistema silábico, então tive dificuldades para alfabetizar o aluno, por exemplo, com musica, com uma parlenda, porque não era isso que eu fui preparada, então algumas dificuldades foram surgindo, eu queria aplicar o silábico, era o que eu sabia, o que eu fui preparada. Graças a Deus agora mudei, já superei, mas era essa minha dificuldade, alfabetizar o aluno com outros artifícios.***[90]

Essa dificuldade expressada pela educadora pode se justificar, segundo Rosa Maria[91], pela não compreensão da Psicogênese da Construção da Escrita e por acreditar que um educando em fase de alfabetização aprende a decodificar e a fazer uso das diversas formas de

---

[88] Cf. entrevista da prof. Ilza em Anexo
[89] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[90] Cf. entrevista da Prof.ª Jeane
[91] Cf. a primeira nota deste capítulo. Informação Verbal: conversa informal em junho de 2011.

escrita pela mera memorização (pela simples sequência do sistema alfabético) e que, não ocorrendo o "rendimento" esperado, durante o ano letivo, o aluno fica então, fadado à reprovação.

Neste aspecto, Arroyo (1999) nos chama a atenção para o fato de que os pressupostos fundantes na escolarização, não são, em primeira instância, o fluxo escolar, a reprovação ou até mesmo a contraposição ao sistema seriado, mas o que é essencial é "repensar a concepção e a prática da Educação Básica que estão presentes em nossa tradição e na estrutura seriada" (ARROYO, 1999, p.11), o depoimento do professor Amorézio exemplifica a ideia de Arroyo: ***ainda há muitas questões equivocadas em relação a EOCFH, tanto no entendimento dos professores quanto nas suas ações pedagógicas. Por que eu falo isso? Por que as vezes, a gente ainda ouve que a única função dos ciclos é não reprovar o aluno.***[92]

Continuando seu depoimento o professor Amorézio, assinala algumas razões para este entendimento dos professores mencionados por eles e aponta desafios em relação à compreensão que são vivenciados por todos:

> ***e às vezes, o professor não para para pensar que a escola de formação humana vai para além de só não reprovar, isso é difícil, por que todos nós pensamos que a escola está aí pra preparar os alunos para o mercado de trabalho e não é só isso: a escola deve inserir o indivíduo na sociedade, mais isso é difícil, por que alguns conceitos sociais que nós fomos formados, que temos como certos, por exemplo: estrutura familiar, a questão religiosa, a questão econômica, questões sociais... o que nos temos como padrão está muita vezes, totalmente fora da realidade do aluno, então fica difícil estabelecer cumplicidade, estabelecer relações e quando você não estabelece relações fica mais difícil de ter aprendizagem.***[93]

Os fundamentos da EOCFH se traduzem no direito ao desenvolvimento humano enquanto realização plena do indivíduo: humanização - para Paulo Freire, ideia que deve ser promovida e estimulada pela escola. As declarações da professora Adriana e do professor Isaias evidenciam que eles já tem essa compreensão:

> ***Em uma linha de pensamento social, o ciclo é maravilhoso, todos têm as mesmas oportunidades, o desenvolvimento é cada um no seu tempo, e ninguém fica retido, não tem mais aquela divisão: os que vão vencer - os aprovados, e os que não conseguem vencer – os reprovados, as múltiplas repetências, não existem mais isso.***[94]
>
> ***gostei muito da proposta dos ciclos, por que permite a gente desenvolver atividades diferenciadas em sala, conhecer melhor cada aluno, observando***

[92] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo
[93] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo
[94] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo

> ***mais de perto nossos alunos, e poder fazer algo que faça diferença pra eles.***[95]

Como a EOCFH não se funda numa proposta acabada, a espera de ser simplesmente posta em prática pela escola, sua implementação depende grandemente da capacidade dos docentes para concretizar um projeto que apenas esboça uma orientação geral a ser seguida. O depoimento da professora Ivete sinaliza um esforço nesse sentido:

> ***Hoje isso está mais tranquilo, mais claro... eu já sei como agir...por exemplo, o dia que um aluno chega nervoso, no começo eu deixo ele lá, eu vou dando minha aula, passo o conteúdo e devagar chego no aluno, converso com ele, eu já vejo esse aluno com outro olhar, antes não, pra mim eu tinha que fazer ele aprender logo, ele tinha que ouvir o que eu estava falando do conteúdo, eu falava alto com ele, mandava copiar o conteúdo,pra mim o mais importante naquela hora era ele aprender o sistema solar...hoje em dia, eu ensino, passo o conteúdo, mas eu procuro saber o que está acontecendo com ele, encaminho, tento ajudar...antigamente eu pensava assim: esse menino não quer aprender, está com preguiça e já mandava um bilhete para os pais, hoje não...eu converso,reflito por que ele age assim...***[96]

A organização da escola em Ciclos de Formação Humana, sobretudo, oportuniza que se coloque em xeque concepções e práticas que já não dão conta de atender a uma demanda escolar diversificada que tem encontrado inúmeras alternativas de aprendizagem e conhecimentos fora da escola. Essas considerações são testemunhadas pelo professor Isaias:

> ***na formação humana eu devo ver o aluno no contexto que ele está inserido na sociedade como um todo, com isso eu preciso observar o aluno, ter atenção com ele, por mais que tenhamos 35 alunos dentro de uma sala de aula, é necessário o professor ser capacitado ou até mesmo ele ter uma ideia como educador, por que ele precisa estar atento a todos os alunos, por exemplo, aquilo que faz diferença pra um, às vezes não serva pra outro, e você precisa descobrir caminhos para poder lidar com essa diversidade.***[97]

Colocar em xeque as concepções e práticas, como dito anteriormente, é um grande desafio para os educadores, de maneira geral, pois demanda a re-elaboração das maneiras de ensinar e entender a escola como um todo:

> ***Por que é preciso considerar todo o desenvolvimento do aluno, todas as habilidades construídas, e isso é um desafio muito grande, por que temos que ver na individualidade, o potencial de cada um, e isso é essa a***

---

[95] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo
[96] Cf. entrevista da Prof.ª Ivete em Anexo
[97] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo

> ***proposta da inclusão, de respeitar todas as limitações, aceitar todos com suas diferenças. E isso na prática é muito difícil! Quando você entra na sala e você vê a diferença é total! Cada um com sua realidade... e você tem que trabalhar todas essas diferentes realidade, é muito difícil!***[98]

A fala da professora Adriana demonstra uma compreensão epistemológica em relação ao trabalho docente nos ciclos, entretanto, não podemos esquecer que essas reelaborações que os ciclos demandam não ocorrem do dia para a noite, elas passam primeiramente pela crença no modelo de escola adotado – e essa determinação fica explícita na afirmação da educadora: ***Mas eu acredito que o ciclo é o caminho para o trabalho que respeita e considera todos, eu acredito muito.***[99] e passam também pelo entendimento de que a educação se faz no tempo presente, ou seja, é preciso apreender o conceito de realidade no sentido atribuído por Paulo Freire que implica no modo de ser e estar no e com o mundo, que "resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é" (FREIRE, 1977, p.47), evidenciado pelo que manifesta a professora Adriana e o professor Isaias:

> ***nós estamos lidando com jovens muito diferentes de nós, não sabemos lidar com a cultura de agora, são questões muito novas, que nunca tínhamos visto antes, eles trazem isso pra escola, e é na escola que essas coisas da vida têm que ser resolvida para o jovem.***[100]

> ***Por ser uma escola de periferia, recebemos alunos com tantos problemas, né? Eu acredito que o ciclo, a formação humana que tralhamos auxilia a vida desses alunos, por exemplo, eu vejo que as coordenadoras tem feito um trabalho pedagógico, entrando em contato com a família sempre, eu vejo que tem uma maior interação entre a o aluno, os professores, as coordenadoras e a família... essa interação nos ciclo, na escola de formação humana acontece mais e mais próxima***[101]

Ao considerar a realidade e contexto em que o aluno está inserido, a EOCFH constitui suas turmas com base no desenvolvimento humano em que o sujeito é a preocupação fundamental, assim, os alunos são agrupados por idade. O entendimento que leva a esses agrupamentos, segundo Fetzner (2009) considera que o desenvolvimento humano é decorrente das mediações provocadas pelo meio sociocultural (do qual a escola é um dos elementos) em relação dialética com o desenvolvimento biológico. Nesse sentido Henry Wallon é também um referencial para o entendimento do agrupamento etário. Seu trabalho destaca a importância de que a mediação das aprendizagens escolares considerem as

---

[98] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[99] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[100] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[101] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo

potencialidades apresentadas pela idade do aluno e as formações novas: “cada idade tem suas modalidades próprias de adaptação, que constituem a fórmula ótima de utilização do repertório atual de meios comportamentais” (WEREBE E NADEL-BRULFERT, 1986, p. 13).

Em Mato Grosso o documento base da política de Ciclos: Escola Ciclada de Mato Grosso, novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir ser e fazer, editado pela Secretaria Estadual de Educação em 2001, traz que nos Ciclos de Formação respeita-se a organização das turmas por idade, em decorrência da concepção de que o aluno, na convivência com seus pares de idade, tem maior oportunidade de vivenciar um processo de interação riquíssimo que facilita, mediante as trocas socializantes, a construção de sua identidade e autoimagem próprias de sua faixa etária. Isso nos leva a inferir que o fato de permanecer no mesmo grupo de idade (ou pelo menos no grupo mais próximo a sua idade) permite ao aluno maior intercâmbio e interação levando a uma interação mais equilibrada.

No cotidiano da escola os educadores percebem a necessidade dos agrupamentos por idade, conforme revela o relato da professora Ivete ao narrar sua trajetória de trabalho com os ciclos:

> ***no ano anterior eu tinha alunos grandes junto com os pequenos, adolescentes com outros interesses, tinha um aluno já grande que fora da escola mexia com coisas ilícitas e na sala tinha os pequenos que gostavam de ficar junto com ele, conversavam e imitavam ele..***[102]

Quando os agrupamentos etários se tornam uma prática concreta na escola o educador vê isso como um facilitador de seu trabalho dentro da complexidade –entendida no sentido que Edgar Morin (1991), já citado anteriormente, atribui ao “complexo: tecido em conjunto”, vivenciada no espaço escolar, evidente no exposto pela professora Maria Célia:

> ***nos ciclos os alunos tem que ser agrupados por idade e isso facilitou bastante... por que é complicado numa turma você trabalhar com alunos bem maiores, outros mais velhos, outros mais novos, né? Por que eles têm entendimentos diferentes... então a forma de você lidar com eles deve ser diferente também..por que é muito difícil quando tem os adolescentes no meio dos pré-adolescentes, né?...então eu acho que esses sistema de escola em ciclos veio pra contribuir.***[103]

Nesse sentido, Marília Gouvêa de Miranda (2009) em seu texto “A organização escolar em ciclos e a questão da igualdade substantiva” nos alerta que na enturmação por agrupamentos etários implica acolher alunos mais diversificados, pois já não são selecionados

---

[102] Cf. entrevista da Prof.ª Ivete em Anexo
[103] Cf. entrevista da Prof.ª Maria Célia em Anexo

por um critério operado a cada final de ano, que fazia com que as turmas que seguiam adiante fossem um tanto mais homogêneas com relação às aquisições de aprendizagem. Além disso, é preciso oportunizar que o aluno vivencie a condição Freireana de 'ser mais', que tem sua gênese no entendimento da importância da enturmação etária, revelado na manifestação do professor Amorézio:

> ***... eu acho que não foi por acaso que foram estabelecidas as fases, tendo como referencia as fases da vida humana, por que nós temos que entender: hoje o aluno está numa determinada situação, mas amanhã ele pode mudar!***[104]

Porém não basta 'enturmar' por faixa etária, é preciso garantir a diversidade de espaços físicos e culturais (pedagógicos) para envolver os alunos em vivências culturais diversas, propiciando que tais eventos sejam sentidos e expressos por todas as dimensões do ser humano, a professora Sirlei expressa a preocupação em relação à aprendizagem efetiva do aluno que foi enturmado com seus pares de idade, contrariando a lógica da escola seriada onde o agrupamento se dá por níveis de conhecimento. Em seu depoimento a professora elenca diversos desafios que advém da enturmação, que não podem ser desconsiderados:

> ***No ciclo existe a questão de você colocar ele na idade certa, na sala adequada pra idade dele, só que isso é um desafio: colocar o aluno na turma certa, mas dar condições pra ele acompanhar a turma. Então como fica? A questão dos conteúdos... isso tudo é um desafio, por que o aluno está lá...então eu vejo assim: adequar o aluno com colegas da sua idade é bom, mas dar condições pra ele acompanhar é o grande desafio, por que temos poucos articuladores, muitos professores interinos...isso demanda um conhecimento específico de área, de conteúdos...nem sempre o articulador consegue trabalhar todos os conteúdos, o professor interino não tem tempo para trabalhar com o aluno...a escola faz o que pode, mas nem sempre é suficiente...***[105]

Neste contexto o papel do educador é fundamental, como reconhece a professora Adriana: ***nós somos a base de tudo, né? Como o professor encaminha as coisas, entende o processo, como se posiciona, isso tudo influencia nos processos de aprendizagem, da escola.***[106].

Mesmo quando o educador tem consciência da relevância de seu papel na "nova" organização da escola diversos fatores ainda parecem obscuros para ele, principalmente no que concerne à 'não retenção', como destaca a professora Marta: ***por que a gente tem um formato pra ensinar, mas se o ciclo não reprova, eu me pergunto: qual o meu papel como***

---

[104] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo
[105] Cf. entrevista da Prof.ª Sirlei em Anexo
[106] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo

professor? Se eu sou o formador! Afinal o aluno tem que ter o conhecimento que eu passei.[107]

A não retenção do aluno se constitui um fato dificultador de diversas ordens em relação aos ciclos, na opinião dos colaboradores da pesquisa:

> ***parece que tem uma cultura instalada que o aluno só estuda se for ameaçado com a reprovação, e isso é negativo quando ele chega no ensino médio também, por exemplo, aqui na escola o índice de repetência no primeiro ano do ensino médio é grande!*** [108]
>
> ***O difícil é resgatar o interesse nos alunos, mesmo dizendo pra eles que eles não vão reprovar. Eles já sabem disso, mas com que conhecimento vão chegar la? Eles deveriam passar de ano por passar e absorver um pouco do conhecimento adquirido no caminho.***[109]

Dessa maneira percebe-se que eliminar a repetência escolar é apenas um dos aspectos dos Ciclos, no entanto, Andrea Steinvascher (2003) em sua dissertação "A implantação da progressão continuada em São Paulo: um caminho para a democratização do ensino?" faz um alerta para o risco da não retenção provocar a *não aprendizagem* dos alunos, ao longo da escolaridade, e que essa possa ser considerada uma condição *normal* pelos educadores e pela sociedade, do mesmo modo como foram considerados os índices de evasão e repetência, em décadas anteriores. Há um indício disso no que a professora Marta expressa: ***Parece que os professores pensam assim: se o ciclo não reprova, eu não preciso me comprometer.***[110]

Na busca pela compreensão da importância dos ciclos de formação humana e para entender melhor o papel de cada um é necessário considerar o alerta de Miguel Arroyo em relação aos ciclos, ao afirmar que estes não são "um amontoado ou conglomerado de séries, nem uma simples receita para facilitar o fluxo escolar, acabar com a reprovação e a retenção, não são uma sequencia de ritmos de aprendizagem" (1999, p.08), em contrapartida o compromisso da EOCFH, segundo Andrea Krug "é possibilitar a todos as crianças e adolescentes o acesso ao conhecimento formal, levando em consideração o conhecimento das fases de formação humana, a situação social de desenvolvimento, o contexto cultural e a concepção de conhecimento" (2001, p.31).

Nessa perspectiva os processos avaliativos tem fundamental importância para a consolidação da EOCFH como uma maneira de organizar a escola que seja efetivamente transformadora. A avaliação tem um valor significativo nas ações desenvolvidas pelos educadores nessa proposta de escola, se constitui uma preocupação e é considerada como um

---

[107] Cf. entrevista da Prof.ª Marta em Anexo
[108] Cf. entrevista da Prof.ª Maria Célia em Anexo
[109] Cf. entrevista da Prof.ª Jeane em Anexo
[110] Cf. entrevista da Prof.ª Marta em Anexo

desafio para os colaboradores da pesquisa, conforme se verifica nos depoimentos:

> ***O maior desafio é avaliação, por que a gente só sabe avaliar no quantitativo, tem gente que reclama por que não pode reter o aluno, mas o que adianta reter? O aluno vai ver tudo de novo no ano que vem? Assim é mais fácil desistir da escola...*** [111]
>
> ***O grande desafio é envolver a família e o professor fazer uma reflexão sobre suas práticas avaliativas. Por que não adianta de nada falar que entende os ciclos, dar aulas diferentes, buscar novas metodologias, entender o aluno, conversar com o aluno, mas no momento de avaliar eu avalio de maneira tradicional.*** [112]
>
> ***Eu sinto assim uma angustia muito grande por não saber ainda lidar bem com a questão da avaliação, ainda é um grande desafio, né? [...]eu acho que as dificuldades ainda estão no campo da avaliação, por que eles foram pra frente, mas será que eles progrediram sabendo aquilo que deveriam saber? E nós temos tido muita discussão a respeito disso: será que os saberes que a escola oferece são realmente válidos ou não? Por que parece que só é possível responder isso se quantificarmos, né?***[113]

Fica evidente, pelos depoimentos dos educadores, que para a efetivação da EOCFH, é necessário uma ressignificação da avaliação e dos processos avaliativos como um todo, tanto em suas finalidades quanto em suas formas, tendo como referência concepções e práticas dominantes nas escolas. Via de regra, segundo Barretto e Souza:

> estas tendem a enfatizar a avaliação como atividade classificatória e seletiva, vivenciada de modo autoritário, sendo que a decisão de aprovação ou reprovação do aluno tem se mantido como o foco central do processo de avaliação e, até mesmo, do processo de ensino e de aprendizagem. (2005, p.129)

Entretanto ressignificar as práticas educativas demanda a desconstrução de modelos advindos da própria formação do educador conforme evidencia a professora Adriana: ***até mesmo pela nossa formação, a gente só consegue ver se o aluno aprendeu em momentos avaliativos, estanques! E o ciclo nos dá outro leque de opções, né?***[114]

Na concepção de formação humana a avaliação é um processo dinâmico, um permanente aprendizado do educador sobre o educando. É a investigação de como este constrói seu conhecimento e de como se desenvolve a partir da proposta pedagógica da escola, considerando os objetivos propostos para o percurso de cada ciclo e também suas dimensões biológicas, cognitivas, sociais e afetivas. Os depoimentos da professora Ivete e do professor Amorézio corroboram com a necessidade de ressignificar as práticas avaliativas e

---

[111] Cf. entrevista da Prof.ª Ivete em Anexo
[112] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo
[113] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo.
[114] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo.

entendê-las como um processo dinâmico:

> ***precisamos ver o aluno de outro modo, como um todo, conversar com ele, e isso ajuda na avaliação... eu posso avaliar de outros modos, olhar o caderno, ver como ele se relaciona com os outros, o que ele produziu sobre o conteúdo...eu acho que quando o professor só dá prova ele precisa também se avaliar...eu quando avalio a escrita do aluno, por exemplo, vejo como ele escreveu as respostas, se ele não respondeu usando só as palavras dos textos trabalhados, vejo como ele entendeu o conteúdo pra escrever, se ele sabe escrever sobre o assunto usando suas próprias palavras. Então eu vejo que avaliar corretamente é muito difícil..., por isso que não pode ser somente com um item...***[115]
>
> ***Se nós estamos construindo a formação humana no dia a dia a avaliação também tem que ser no dia a dia, tem que ser contínua, então a concepção de avaliação tem que mudar! Então eu acredito na avaliação qualitativa, por que quantitativamente eu acho que não é possível, é possível medir o amor?***[116]

A professora Adriana reconhece a relação entre a avaliação e a organização do tempo na EOCFH: ***nós não conseguimos ainda dentro dos ciclos encontrar os caminhos diferentes para avaliação, e como articular o tempo que ele precisa para aprender com o que ele precisa aprender.***[117]

Assim as formas de avaliar definem uma determinada visão do trabalho docente e pressupõe uma postura crítico-reflexiva: ***Eu vejo que avaliação é uma via de mão dupla: o que eu professor faço a partir disso?***[118] Entretanto nem sempre esse é um processo tranquilo, como se evidencia nas palavras da professora Adriana:

> ***mas eu acho que ainda lá na prática, no dia a dia o nosso olhar é da avaliação que classifica e exclui. O próprio professor se avalia por essa ótica: se ele é um bom professor os alunos estão tirando boas notas! Se as notas dos alunos não são boas ele não é um bom professor também! Então tem todo esse caminho de ir e vir na construção do entendimento que é bem complicado.***[119]

A construção do entendimento expressado pela professora Adriana conduz à percepção de que a avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa que impulsiona novas reflexões, ou como nas palavras de Jussara Hoffmann: "reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento" (1991, p.79).

---

[115] Cf. entrevista da Prof.ª Ivete em Anexo
[116] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo
[117] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[118] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo
[119] Cf. entrevista da professora Adriana em Anexo

O processo avaliativo na EOCFH fundamenta-se em olhar o ser humano em seus vários aspectos, através de certa mudança nas metodologias e, por consequência, na avaliação, cujo registro se dá por meio de relatórios analíticos quanto ao desenvolvimento do aluno. A construção dos relatórios se constitui como mais uma tarefa atribuída ao educador e precisa ser elaborado e considerado com responsabilidade, como salienta a professora Sirlei ao se expressar em relação aos processos avaliativos dos ciclos:

> ***porque é diferente de você simplesmente fazer um relatório, é preciso vivenciar aquele aluno... acompanhar mesmo, por que uma coisa é você pegar uma folha de papel e ler o relatório do ano anterior outra coisa é você estar ali todo o dia com aquele aluno observando os progressos dele ou não...***[120]

As reflexões também podem ser suscitadas quanto à intencionalidade da avaliação pelo professor e da concepção elaborada pelo aluno, conforme enfatiza a professora Adriana:

> ***como estimular as crianças sem que exista um rótulo de que elas estão sendo avaliadas, e sim só sendo trabalhados, sendo desenvolvidos? Pra mim ainda fica essa angustia, não fica claro, como fazer com que eles entendam que não ter a avaliação especifica, como era na série, que eles precisam para ir para um outro ano, como isso estimula e como rotula as crianças que não vão em frente, é uma dualidade muito grande neste sentido.***[121]

O entendimento de Luiz Carlos de Freitas (2003) em relação ao processo avaliativo pode contribuir com as reflexões da professora Adriana, pois o autor salienta que o aluno é cada vez mais conformado a ver a aprendizagem como algo que só tem valor a partir da nota (ou aprovação social) que lhe é externa, e a troca pela nota, assume o lugar da importância do próprio conhecimento como construção pessoal e poder de interferência no mundo. Nesta mesma direção de entendimento Sandra Zákia Souza em seu texto "A prática avaliativa na escola de Ensino Fundamental" enfatiza:

> O que se percebe é que há compromisso do aluno não com a aprendizagem propriamente dita, mas com o ganho de determinados pontos que lhe garantam sucesso escolar, os quais, da forma como são atribuídos, não correspondem necessariamente à ocorrência da aprendizagem. (2003.p. 96)

Compreendendo que a ação educativa destina-se a promover o desenvolvimento humano, os processos avaliativos na EOCFH devem contribuir para que isso ocorra,

---

[120] Cf. entrevista da Prof.ª Sirlei em Anexo
[121] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo.

rompendo de vez a lógica excludente e classificatória da escola seriada, entretanto Menga Ludke nos alerta:

> (...) a lógica da avaliação não é independente da lógica da escola. Ao contrário, ela é produto de uma escola que, entre outras coisas, separou-se da vida, da prática social. Tal separação, motivada por necessidades sociais de enquadramento da força de trabalho, trouxe a necessidade de se avaliar artificialmente na escola aquilo que não se podia, mas praticar na vida e vivenciar. Isso colocou como centro da aprendizagem a aprovação do professor, e não a capacidade de intervir na prática social. (2001, p.39).

Mediante a reflexão que Ludke traz parece-me pertinente trazer neste momento as percepções acerca da lógica e valores, concepção de aprendizagem, de educação e de educando que contrapõe a escola seriada e a escola organizada por ciclos de formação humana expressa pelos colaboradores da pesquisa em nosso diálogo.

Essas percepções nos mostram que mais do que contrapor dois modelos de escola, é importante reconhecermos que ao se implantar a EOCFH ocorre uma intervenção na organização escolar como um todo e uma reelaboração das diferentes lógicas, concepções e valores que estruturam a escola organizada em séries e em ciclos para todos os envolvidos.

No diálogo com os colaboradores da pesquisa a lógica, concepção e valores dos dois modelos de escola emergiram, evidenciando a necessidade de desconstruir legados em relação à escolarização que foram cristalizados no nosso imaginário de educadores no percurso de formação, muitos deles se solidificaram como pré-conceitos impregnados na nossa relação pedagógica e educativa, dessa forma entendo com Andrea Krug que

> compreender que todo ser humano aprende no processo de apropriação sobre o real, com base em suas relações interpessoais e a partir de seu meio social parece pensamento simples, mas que, diante da tradição docente, toma proporções quase inatingíveis. (2001, p. 04).

Analisando sua prática os educadores conseguem contrapor os dois modelos de escolas, fundamentados na compreensão sobre os ciclos construída ao longo do tempo, evidenciado pelo que manifesta o professor Isaias, a professora Jeane e a professora Maria Célia:

> ***na escola seriada o professor já vem com seu plano de ensino pronto, já estabelecido, para um perfil específico de aluno e acaba não interagindo***

> ***com o aluno, nem reconhecendo as diferenças que eles possuem, e as dificuldades que eles possuem.***[122]

> ***antes, na escola seriada você avaliava o aluno de uma forma mais simples, agora todos os aspectos do aluno, comportamento e aprendizado é levado em conta.***[123]

> ***Olha, eu diria que na escola organizada em ciclos o aluno vai ter um tempo maior pra aprender, por que antes, na escola seriada, se ele tivesse dificuldade em uma matéria, por exemplo, em matemática ou português, ele já estaria reprovado, não é isso? E hoje não, hoje ele tem três anos pra tentar sanar essas dificuldades...***[124]

A lógica da escola seriada parte do princípio de que os caminhos da aprendizagem são os mesmos para todos, por isso, todos devem aprender ao mesmo tempo de forma homogênea e, apresenta como foco - o conteúdo, o que a torna excludente e seletiva. Já a escola organizada por ciclos de formação humana, como foi dito, constitui suas turmas com base no desenvolvimento humano, em que o sujeito é a preocupação fundamental e os tempos para aprender são organizados em outra perspectiva, nesse sentido trago as compreensões expressas pelas professoras Jeane e Sirlei:

> ***você está aprendendo como a criança trabalha e aprende, que não é aquela coisa que a gente achava, todos aprendiam de qualquer maneira. O ciclo tem 3 anos pra criança se alfabetizar, antes a criança tinha que aprender em 1 ano, em seis meses.***[125]

> ***o ciclo dá o tempo para o aluno, por que cada aluno tem seu tempo próprio de aprender, e fora do ciclo ele reprova, tem que fazer tudo de novo!***[126]

Contrapor a lógica das duas formas de organizar a escola percebendo as concepções de educação imbricadas nelas nasce pela própria práxis daqueles que vão superando a seriação e redesenhando seus papéis de professores para serem educadores na concepção freireana, já apresentada. Isso é revelado nos depoimentos da professora Sidinei e do professor Isaias:

> ***Então, na escola seriada a gente não tinha esse respeito com o aluno, na maioria das vezes o aluno reprovava não por causa da aprendizagem, reprovava por ser indisciplinado, né? Então eu vejo que a escola de formação faz com que a gente chegasse mais perto do aluno, entenda suas fases, respeite seu ritmo... eu vejo que isso tudo melhorou bastante o meu***

---

[122] Cf., entrevista do prof. Isaias em Anexo.
[123] Cf. entrevista da Prof.ª Jeane em Anexo
[124] Cf. entrevista da Prof.ª Maria Célia em Anexo
[125] Cf. entrevista da Prof.ª Jeane em Anexo
[126] Cf. entrevista da Prof.ª Sirlei em Anexo

> ***trabalho como professora...***[127]
>
> ***Mas com bastante estudo que tivemos, estudo coletivo, discussões com os colegas, acabamos aprendendo um caminho que o nosso planejamento não pode ser os mesmo para todas as turmas, porque elas são diferentes, não pode pensar em trabalhar a mesma coisa para todos os alunos, isso não funciona, por que muitas vezes você tem dois ou três ou cinco alunos que necessitam de um atendimento mais próximo, até mesmo individualizado, e essas coisas não são consideradas na escola seriada, eu acho que essa é a principal diferença.***[128]

Entretanto interpretar a lógica e valores constitutivos tanto da escola seriada quando da EOCFH, demanda entre outras coisas, conflito interiores e superação, como já dito anteriormente, superação de conceitos e preconceitos cristalizados no imaginário dos educadores, esse processo causou e causa ainda algumas confusões e equívocos como demonstra as professoras Maria Célia e Sidinei:

> ***então eu acho que as pessoas confundiram muito: que era pra deixar o aluno a vontade, pra ele fazer o que queria... e não davam conta...então como a gente já trabalhava de um jeito, pensamos, é melhor ficar na seriada...então não víamos diferença...e hoje é diferente, por que a gente vem estudando, né?***[129]
>
> ***eu vejo que os ciclos de formação humana já mudaram muitas coisas na escola, mas ainda corremos o risco de pensar assim: o aluno tem três anos pra aprender então eu vou deixar para o professor do ano que vem ensiná-lo... isso pode acontecer, pra isso não acontecer temos que entender como o aluno aprende..***[130]***.***

E suscita também questionamentos nos envolvidos, tanto de natureza prática quanto epistemológica, pois como já mencionei anteriormente, a EOCFH em Mato Grosso está sendo estruturada e construída gradativa e dialeticamente:

> ***No primeiro momento era o que fazer né? Qual é a diferença para a serie? Como trabalhar isso? Então eu acho que a dificuldade principal era compreender o que fazer no ciclo.***[131]
>
> ***E nós temos tido muita discussão a respeito disso: será que os saberes que a escola oferece são realmente válidos ou não? Por que parece que só é possível responder isso se quantificarmos, né?***[132]
>
> ***a todo momento eu fico repensando: será que a outra forma, seriada, não era melhor? Será que isso não fazia com que eles ficassem mais na escola?***

---

[127] Cf. entrevista da prof. sidinei em Anexo
[128] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo
[129] Cf. entrevista da Prof.ª Maria Célia em Anexo
[130] Cf. entrevista da prof. sidinei em Anexo
[131] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo
[132] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo

> ***Então às vezes ainda penso isso... mas penso também: os ciclos são bastante recente se pensarmos em "quinhentos anos" de outro modelo, não é?***[133]

Mediante tais reflexões dos educadores, entendo com Miguel Arroyo em seu livro "Ofício de Mestre", que as dúvidas e questionamentos vivenciados

> é bom que aflorem. O que demonstra que os profissionais estão se defrontando com os valores, as concepções que guiavam suas escolhas e decisões no sistema seriado e têm de repensá-las ou superá-las para serem capazes de fazer as novas escolhas postas pela organização escolar centrada nos educando e seus tempos de desenvolvimento, os ciclos". (2000, p. 161,).

Todas essas ponderações dos educadores levam-nos a entender que, partindo do pressuposto de Nóvoa[134] onde a escola que queremos só pode nascer da escola que temos, e do princípio Freireano de que a escola não pode mudar tudo nem pode mudar sozinha a si mesma, a escola não está descolada da construção social da realidade e nem tão pouco, o ato de educar, conforme Paulo Freire defende, é isento de poder político, pois ao contribuir com o desenvolvimento de qualquer currículo escolar, estamos nos posicionado politicamente em defesa de uma determinada concepção de sociedade - **natureza** esta, exclusiva da espécie **humana**.

Dessa maneira, reforçando que a construção da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana, no Estado de Mato Grosso e também na Escola Estadual Professora Edeli Mantovani acontece coletiva e cotidianamente por educadores que se preocupam com o papel social da escola e com a formação humana dos aprendizes, trago a seguir os desafios e perspectivas apontados pelos colaboradores da pesquisa em relação ao vivenciado por todos nós nessa construção.

4.3 Desafios e perspectivas da EOCFH na visão dos colaboradores da pesquisa

No processo de tessitura da construção de uma nova sociedade se exige novos rumos para a educação e particularmente a educação pública da qual estamos envolvidos em rede, a escola, que se constitui presentemente, como espaço privilegiado de construção de conhecimento científico.

Portanto cabe aos coparticipes dessa construção, neste caso, os colaboradores desta pesquisa, fazerem uso da palavra, na definição de Paulo Freire, atribuída por Jaime José

---

[133] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[134] Palestra proferida na Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop em agosto de 2012.

Zitkoski no Dicionário Paulo Freire: "**palavra** assume o sentido de **dizer o mundo e fazer o mundo**, ou seja, **palavra verdadeira é práxis social** comprometida com o processo de humanização, em que ação e reflexão estão dialeticamente constituídas" (2008, p.130, grifos meus).

Em relação aos educadores participantes desta pesquisa a práxis social se converge em práxis pedagógica o que os legitima para se expressar em relação aos desafios vivenciados bem como apontar as perspectivas que se apresentam em relação à EOCFH no *lócus* conhecido por eles – a Escola Estadual Professora Edeli Mantovani e também em relação a Rede Estadual de Educação de Mato Grosso como um todo.

Muitos dos desafios que os educadores elencam já foram discutidos nesta pesquisa, também em alguns momentos esses se apresentam como pontos positivos e negativos identificados por eles em relação à EOCFH, um exemplo disso é a declaração da professora Ilza: ***Positivo nos ciclos de formação, eu vejo que é importante a não reprovação, isso é bom pra autoestima do aluno, ele estuda sabendo que ele vai pra frente.***[135]

Já a professora Jeane aponta como desafio o entendimento dos professores quanto a não reprovação:

> ***Eu acho que, ainda, é a resistência de alguns professores em aceitar o ciclo. Essa resistência esta ligada ao fato da não reprovação dos alunos. Sabe, tenho visto desabafos de colegas por isso, por exemplo, nossos terceiros anos, os que estão indo pro terceiro ano, ainda não estão preparados.***[136]

É interessante observar que enquanto a professora Ilza vê a não reprovação como algo positivo, e a professora Jeane traz o olhar dos professores sobre isso, a professora Maria Célia e a professora Adriana analisam essa mesma questão pela perspectiva do aluno:

> ***...o que é negativo é o pensamento do aluno: ah, eu não vou fazer as atividades por que não reprova... eu acho assim, que se todos quisessem fazer o ciclo seria mais positivo, pelo menos a maioria querer estudar, por que tem sala que você vê a falta de motivação é muito grande...Então eu acho que a pior ideia do ciclo é isso: eu vou passar de qualquer jeito! Isso gera um descompromisso do aluno em aprender!***[137]
>
> ***Entretanto eu acho que até hoje a família não entendeu bem o que é o ciclo, até mesmo os alunos não entendem o que é estar ciclos, eu sinto que pra eles é assim: eu não preciso estudar por que não reprova, eles não tem a noção de qualificação, né?***[138]

---

[135] Cf. entrevista da prof. Ilza em Anexo
[136] Cf. entrevista da Prof.ª Jeane em Anexo
[137] Cf. entrevista da Prof.ª Maria Célia em Anexo
[138] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo

Os depoimentos das educadoras nos mostram que à medida que a escola por ciclos vai sendo construída, apresenta-se fragilizada, ora pela ausência da compreensão conceitual/metodológica que precisa ser redefinida, ora pela dificuldade do trabalho coletivo na elaboração de diretrizes curriculares ou na implantação do PPP escolar**,** ora pela dificuldade em desconstruir as concepções da escola seriada arraigada em nosso fazer pedagógico.

Diante disso é preciso entender que a história é construída paulatinamente e apoiada em referenciais que são íntimos aos seus sujeitos, pois, e compreendendo que a referência de educação no Sistema é a seriada, nos faz inferir a dimensão de esforço demandado no processo de implantação dos Ciclos de Formação Humana, e como os conflitos emergem evidenciados na atribuição de culpa à política de Ciclos pelas dificuldades enfrentadas, conforme explicita a professora Adriana:

> ***E uma coisa bem comum que acontece: quanto a criança, o jovem está indo bem, ótimo. Mas quando acontece de ele não estar se desenvolvendo, não está acompanhando ou não quer estudar, ou não está vindo à escola, aí o problema é do ciclo!***[139]

Novamente o que vem à tona é a necessidade de reelaborar os paradigmas educacionais vigentes, perceber que a escola está mudando, ou seja, todos os que dela participam são responsáveis pela mudança, e que esta deve ser entendida no sentido que Paulo Freire apresenta na sua Pedagogia da Autonomia: "mudança é mais que assumir um discurso: é um direito a ser testemunhado, um reconhecimento ao diferente" (1996, p.55) e ainda nesse sentido Freire nos chama atenção: "mudança implica dialetização, isto é, denúncia e possibilidade de anúncio" (FREIRE, 1996, p.88).

A denúncia imbricada na mudança enunciada por Paulo Freire é perceptível na continuação do depoimento da professora Adriana:

> ***E isso é uma coisa que acontecia também no regime seriado, mas a gente achava que não, mas lá parecia que era natural os que não vão aprender. Os que não pra frente, os que vão ser trabalhadores braçais, os que não vão entrar na academia, né? Mas quando se fala nos ciclos, coloca-se a culpa nos ciclos: ele está assim por que nos ciclos não precisa estudar, não precisa se esforçar! As pessoas culpam a modalidade de ensino!!!!***[140]

Em seu depoimento a professora Adriana suscita uma importante reflexão acerca do papel social da escola e o que ela representa para os alunos, principalmente para os que não

---

[139] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[140] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo

‘conseguem acompanhar’ termo comum nas falas dos educadores de modo geral, mas que tem sérias implicações no processo educativos dos estudantes, conforme afirma Pierre Bordieu:

> Obrigados pelas sansões negativas da Escola a renunciar às aspirações escolares e sociais que a própria escola lhes havia inspirado, e, em suma, forçados a diminuir suas pretensões, levam adiante, sem convicção, uma escolaridade que sabem não ter futuro. (2003, p.224)

Considerando que “mudar é difícil, mas necessário e possível” (FREIRE, 1996, p.88), e ainda fazendo uso da possibilidade de anúncio que advém da mudança preconizada por Paulo Freire, o professor Amorézio anuncia:

> ***Os pontos positivos que eu vejo, são nas relações entre os alunos e professores, os professores já conseguem entender que a escola tem uma proposta em relação a formação humana, que o centro das ações educativas é o aluno, já consegue fazer diferente. E isso se construiu a partir dos estudos, por que só as vivências do dia a dia não dão conta desse entendimento.***[141]

Contudo se almejamos uma escola cujo objetivo é contribuir na formação para a vida, então a metodologia adotada pelos educadores terá de ser humanizante com base em pelo menos três princípios: dialogicidade (afetiva e investigativa), problematização e interdisciplinaridade. Nesse sentido a professora Adriana observa um avanço***: Mas a tendência é mudar, eu acredito que o trabalho com projetos***[142]***, o trabalho buscando o despertar de algumas habilidades vai nos dar outros olhares,***[143] já o professor Isaias se refere ao mesmo tema, mas traz a perspectiva dos alunos: ***outra coisa que tem dado certo é o trabalho em forma de projeto, temos visto que os alunos gostaram, interagiram bem na busca do conhecimento***[144]***.***

O que explicitam os colaboradores da pesquisa em relação à metodologia e consequentemente à prática pedagógica, implica em considerações de caráter epistemológico para transformar a prática em *práxis*, que no sentido Freireano pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre dessa compreensão levando a uma ação transformadora. A esse respeito também o depoimento da professora Sirlei demonstra uma busca coletiva para se construir a práxis que Paulo Freire defende, apesar das dificuldades:

---

[141] Cf. entrevista do prof. Amorézio.
[142] A professora se refere ao trabalho desenvolvido com os projetos de aprendizagem a partir do projeto interinstitucional com a Unemat, já mencionado anteriormente.
[143] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo
[144] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo

> ***agora a partir do estudo das Orientações Curriculares estamos tentando fazer isso: planejar por área, saber as habilidades de cada área... é claro que tem os professores resistentes: que preferem ficar na sua "caixinha" , mas tem outros que estão muito animados, abertos a discussão...que estão interessados em fazer coisas diferentes, entender a área como todo e conseguir chegar no aluno de uma forma melhor, que ele consiga entender e fazer relações,por que muitas vezes está tudo tão separado que o aluno não consegue relacionar, por exemplo, a matemática com a física...essa mudança que estamos tentando com os professores, ver se consegue abrir um pouco a mente, trabalhar em grupo por área.***[145]

A partir dessas reflexões é necessário considerar o alerta que Ana Carolina Christofari faz em sua dissertação "Avaliação da Aprendizagem e Inclusão Escolar: trajetórias nos Ciclos de Formação":

> O grande desafio na construção de uma escola organizada por uma lógica alternativa à do sistema seriado, é o de lutar contra transformações superficiais, transformações apenas na terminologia utilizada sem que essas mudanças se configurem numa efetiva compreensão concernente ao significado, à intenção de construir outras maneiras de organizar o currículo. (CHRISTOFARI, 2008, p.56).

O depoimento da professora Sidinei traduz o desafio indicado pela autora:

> ***Eu considero positivo essa questão do relacionamento professor aluno, o respeito, eu acho que o tem que mudar é parte física: o professor articulador, o entendimento que é necessário mais articulador, a escola ainda é muito de número, né? Enquanto não tivermos respeito, assim como estamos tendo respeito pelo aluno, respeito pelo quantitativo, não colocar muitos alunos em sala, por exemplo, a gente não vai avançar, então eu penso que a escola em ciclos é mais interessante, mas se não tivermos as condições fica ainda cada um no seu quadrado mesmo...acabamos ficando naquele faz de conta...infelizmente é isso...***[146]

A professora Sirlei, que também é coordenadora pedagógica da escola, aponta como desafio os problemas estruturais que a política pública dos ciclos apresenta, e que mesmo após dez anos de implantação ainda não foram resolvidos:

> ***eu acho assim, os problemas começam na atribuição de aulas, por que na minha concepção deveria ser garantido para o professor seguir com a turma também no terceiro ciclo***[147]***·... garantir continuidade na turma que ele está...outro problema é a rotatividade de professores, muitos são interinos, outros são novos no concurso...temos sempre professores novos que até se inteirar de como a escola funciona demora...***[148]

---

[145] Cf. entrevista da Prof.ª Sirlei em Anexo
[146] Cf. entrevista da prof. Sidinei em Anexo
[147] Em Mato Grosso a legislação dos Ciclos recomenda que no primeiro e segundo ciclo o professor siga com a turma durante o ciclo.
[148] Cf. entrevista da Prof.ª Sirlei em Anexo

E ela faz considerações sobre a importância do professor acompanhar o aluno durante o ciclo, que a meu ver vem ao encontro das premissas dos ciclos já apresentadas anteriormente:

> ***por que é tipo assim: o professor chegou na turma, é dali pra frente que ele vai, que tá vendo aquela turma, ele não viu o ano passado... ele está pegando naquele momento, ele não acompanhou o aluno no ciclo...talvez o aluno tenha feito evoluções maravilhosas, mas como ele não acompanhou ele não sabe...***[149]

Em relação aos desafios apresentados pelos colaboradores da pesquisa a professora Adriana faz uma síntese do que se tem vivenciado enquanto projeto de escola em construção: ***Então eu acho que temos dois desafios: ensinar e aprender no ciclo. Por que com esses alunos que estão aí nós cometemos todos os erros possíveis, por que até entender o que é a formação humana demora..***[150]**.**

Diante de todas as reflexões apresentadas concordo com Miguel Arroyo ao afirmar:

> "Organizar a escola em Ciclos de Desenvolvimento Humano vai significando que todos repensemos nossa concepção de educação e repensemos o papel, o perfil, a função social do educador. Significa repor nosso ofício em outros patamares, descobrirmo-nos profissionais do pleno desenvolvimento humano. Entendermos as temporalidades, os ciclos da formação humana, assumirmo-nos profissionais do desenvolvimento humano, requalificarmo-nos, recuperando dimensões permanentes em nosso ofício de mestres." (ARROYO, 1999, p.63).

E acredito que tudo isso só é possível através da formação docente vivenciada no espaço escolar, para que enfim nos apropriemos do discurso teórico para refazer a nossa prática, tendo como princípio o que preconiza Paulo Freire:

> O próprio discurso teórico, necessário á reflexão critica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu "distanciamento" epistemológico da pratica enquanto objeto de sua analise, deve dela "aproximá-lo" ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em analise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. (FREIRE, 1996, p.98).

Ao avaliar sua participação o depoimento do professor Isaias ilustra o entrelaçamento das duas temáticas tratadas neste estudo: a formação centrada na escola através do Projeto Sala de Educador e a Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana, e ainda aponta os elementos que contribuíram para transformar sua prática em práxis:

---

[149] Cf. entrevista da Prof.ª Sirlei em Anexo
[150] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo.

> ***eu acho que minha participação foi sempre positiva, por que minha visão foi mudando ao longo do tempo, eu vejo que se houve mudança no meu modo de ver a escola, os alunos, os ciclos, é porque houve interação com os colegas, com a teoria estudada...***[151]

Já a professora Jeane enfatiza que apesar do estudo vivenciado no PSE nem todos os participantes estão de acordo com a EOCFH: ***A sala do educador contribui em partes, porque ali ainda existem professores que não concordam, que batem de frente, ainda há resistência sim sobre os ciclos.***[152] Isso revela que ainda se faz necessário investir nos temas referentes aos Ciclos, ou seja, é necessário situá-los em seus pressupostos teóricos, atentando para que a reflexão advinda desse estudo teórico não adquira um enfoque demasiadamente estrutural funcional e contribua efetivamente no entendimento da concepção de educação, ser humano e escola que constituem os pressupostos dos ciclos.

Ao articular as duas temáticas que instigaram o diálogo com os colegas colaboradores da pesquisa me convenço do quanto é importante entender as concepções, lógicas e valores que subjazem tanto a escola seriada quanto a EOCFH, tendo como princípio o questionamento e a reflexão sobre esses dois modelos, como faz a professora Adriana quando, no momento da entrevista, conversávamos sobre a necessidade da formação contínua do professor:

> ***É interessante por que parece que na escola seriada não precisava desses estudos! Já estava tudo estabelecido! Tudo entendido: olha foi feito tudo durante o ano letivo mas o aluno não alcançou...então a gente dividia um pouco a responsabilidade por isso, ficando a maior parte para o aluno, por que como professor a gente sempre acha que foi perfeito também...que fizemos todas as intervenções possíveis, mas ele não aprendeu! Repete de ano que ele aprende.***[153]

Enfim, empresto a definição de Tempo na concepção Freireana dada pelo Professor Luiz Augusto Passos no Dicionário Paulo Freire ao dizer que "para Paulo Freire, qualquer tempo vivido precisa a-*presentear*-se como tempo próprio e singular, que se costura na grande ciranda de outros seres semelhantes, cujas temporalidades precisam ser entretecidas numa comunidade de destino e de lutas coletivas" (2008, p.401). Penso que este empréstimo ajuda-nos a apreender a essência, tanto da formação vivenciada no espaço escolar, quanto da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana explicitas nas declarações da professora Sidinei e do professor Amorézio:

---

[151] Cf. entrevista do prof. Isaias em Anexo
[152] Cf. entrevista da Prof.ª Jeane em Anexo.
[153] Cf. entrevista da Prof.ª Adriana em Anexo

> ***De uma forma geral[154]... esses dias eu até achei um caderninho....vi uma reflexão que eu tive que escrever...li de novo...achei interessante...coisas de praticamente cinco anos parecem tão atuais...principalmente em relação as orientações curriculares, os fundamentos da escola de formação humana, estudamos há tanto tempo e valem pra escola de hoje, né? Tá tudo ali, né? As reflexões os usos na prática...[155].***
>
> ***O ganho maior é pra vida do aluno, nas suas relações com a sociedade, a gente já percebe isso lá fora... quando a gente encontra um ex-aluno a gente percebe que a escola fez diferença na vida dele, que aqui ele foi considerado, foi acolhido, até mesmo em relação aos professores...por que quando você senta, estuda, reflete, discute você dá oportunidade para o outro emitir sua opinião, fazer a transformação, colocar sua identidade dentro da escola, o professor consegue ter autonomia...esse processo democrático das discussões e estudo facilita isso, a identidade da escola está aí...esse é um ponto positivo: a construção coletiva,as oportunidade de fazer parte da construção. Só não faz parte da construção quem não quer. Isso é a escola organizada por ciclos de formação humana.[156]***

Mediante a colocação do professor Amorézio vislumbro que o trabalho desenvolvido na escola, apesar dos percalços e dificuldades vivenciadas, caminha no sentido de alcançar o que Paulo Freire denomina "vocação antológica", mas para isso:

> É preciso que a educação esteja – em seus conteúdos, em seus programas, e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, constituir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. (FREIRE, 1980, p.39).

O que vislumbro pode parecer pretensioso, mas essa pretensão reside na possibilidade, entendida como Paulo Freire a coloca na Pedagogia da Indignação, citado por Sérgio Pedro Herbert[157]*:* "a possibilidade se apresenta como decisão, escolha, intervenção na realidade. A possibilidade está em dizer a palavra" (2008, p.329), e as palavras dos educadores entrevistados nos levam a acreditar na possibilidade, que na visão Freireana representa uma atitude de estar sendo na história. Significa romper com o determinismo e vivenciar o inédito viável, "porque histórico, vivo a História como tempo de possibilidade e não de determinação." (FREIRE, 1996, p.84).

Dessa maneira, a possibilidade que se apresenta é a mudança no modo de ver, entender

---

[154] Conversávamos neste momento sobre os temas estudados.
[155] Cf. entrevista da prof. Sidinei em Anexo
[156] Cf. entrevista do prof. Amorézio em Anexo
[157] Cf. Verbete: possibilidade – Dicionário Paulo Freire. Cf. Referencias.

e considerar os alunos, a escola como um todo e a educação de maneira geral, que já está sendo vivenciada pelos colaboradores da pesquisa evidenciada nas percepções sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana expressa em seus depoimentos, a partir da ‘desconstrução’ de conceitos cristalizados no imaginário pedagógico dos mesmos.

Por outro lado é importante destacar que os educadores apontam como maiores desafios: ressignificar os processos avaliativos e desenvolver na prática cotidiana o planejamento construído coletivamente.

Este desafio está posto também em relação ao Projeto de Formação vivenciado na escola. Como a formação desenvolvida no PSE pode contribuir para a superação dos mesmos? Nessa perspectiva de diálogo e formação, no pensamento de Franco (2008) as transformações da prática passam a ser consideradas como sínteses de mediações, continuamente renovadas, entre ação e reflexão e requerem o papel ativo do professor construindo o seu próprio desenvolvimento profissional.

As perspectivas que se apresentam para a EOCFH na visão dos educadores entrevistados fundamentam-se na compreensão construída pela maioria deles ao longo do tempo de sua implantação. Fica evidente em seus relatos que se construiu um entendimento em relação ao respeito às características cognitivas, biológicas e sociais do aluno, sugerindo a relevância da Formação Continuada (PSE).

Pode-se afirmar que esta compreensão está em consonância com as Orientações Curriculares para o Estado de Mato Grosso ao argumentar que a práxis enquanto processo resultante do contínuo movimento entre teoria e prática, entre pensamento e ação, entre velho e novo, entre sujeito e objeto, entre razão e emoção, entre homem e humanidade, produz conhecimento e por essa razão revoluciona o que está dado, transformando a realidade (MATO GROSSO, 2010, p.33).

E essa transformação da realidade demanda esforço coletivo de todos os interessados numa escola inclusiva, em que todos aprendam, para efetivamente realizá-la. Assim, os entrevistados reconhecem o PSE como espaço legítimo para a problematização do cotidiano pedagógico de todos, explicitando em seus relatos que desenvolveram o entendimento, principalmente, em relação às lógicas que perpassam a escola seriada e a escola organizada em ciclos, marcando-a como uma escola inclusiva. Entretanto para que haja verdadeiramente um salto na qualidade do ensino oferecido aos alunos há de se buscar a articulação efetiva entre o referencial teórico estudado e as ações didáticas planejadas. É o desafio implícito nos relatos dos educadores.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz."

Neste trabalho, já mencionei por diversas vezes o meu envolvimento com o *lócus* da pesquisa e com os educadores entrevistados. Desse envolvimento nasce a questão norteadora da investigação que ora se finda: **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada?**

Essa questão sempre me inquietou e perpassou meu fazer pedagógico enquanto educadora da Escola Estadual Professora Edeli Mantovani, levando-me a organizá-la enquanto questão de pesquisa no Mestrado.

Essas inquietações, em relação aos ciclos e à formação vivenciada no PSE eram latentes em mim, pois constituíram o meu projeto de entrada no mestrado e se confirmaram como objeto de pesquisa durante o percurso, indo ao encontro da linha de pesquisa: Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais, pois, como já disse anteriormente, estas duas temáticas se entrelaçam.

Esse entrelaçamento se legitima através dos objetivos específicos da investigação: a) Inventariar e entender a compreensão dos Ciclos de Formação Humana construída pelos educadores a partir da participação no Projeto Sala de Educador; b) investigar se as temáticas trabalhadas na Formação Continuada possibilitam a construção de um referencial teórico-prático que esteja em consonância com as premissas da Escola Organizada em Ciclos de Formação Humana; c) analisar que avaliação os educadores fazem da formação vivenciada no Projeto Sala de Educador no *lócus* escolar;

Assim através do diálogo na perspectiva Freireana – que é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador, investiguei as percepções de meus colegas da escola (colaboradores da pesquisa) acerca das duas temáticas: Projeto Sala de Educador e Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana.

O diálogo se deu através de entrevistas individuais, onde o colaborador da pesquisa iniciava com a narração de seus primeiros contatos com os ciclos de uma maneira geral, a entrevista seguia no sentido dele explicitar que diferenças percebe a escola naquele início e

atualmente, como ele entende hoje a EOCFH, perpassando pelas dificuldades de entendimento que tinha e que hoje entende melhor, culminando com os desafios, limites e perspectivas que eles percebem em relação à EOCFH.

Também perpassaram todo esse diálogo as considerações e ponderações acerca da formação vivenciada no espaço escola através do Projeto Sala de Educador, onde ao narrar como o colaborador se preparou ou prepara para atuar nos Ciclos, surgia a formação vivenciada no Projeto Sala de Educador, e assim conversávamos sobre os temas estudados, se e como esses temas contribuem para entender e atuar na EOCFH, a avaliação da participação individual, que valor formativo tem o PSE para o professor, culminando em de que maneira o PSE pode contribuir ainda mais com a EOCFH e quais são os desafios quanto a formação vivenciada no PSE.

Esses diálogos renderam material empírico riquíssimo, causando certa dificuldade em ‘escolher’ as considerações pertinentes aos temas da pesquisa. Assim fui tecendo as tramas que compõem esse trabalho, trazendo em diversos momentos o ‘meu olhar’ e minhas considerações, mas ainda tenho algumas que considero pertinentes para este momento.

Nos depoimentos dos entrevistados fica evidente a percepção de que a Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana está sendo construída no ‘tempo presente’ através de um processo dialético onde todos os que trabalham na escola são educadores e responsáveis pelo desenvolvimento humano de seus alunos. De certo modo, os entrevistados evidenciam uma compreensão sobre a EOCFH embora ainda em processo de elaboração e ressignificação.

Há apontamentos em relação à necessidade de se concretizar uma prática pautada no trabalho coletivo, que vise propiciar a construção e formação de uma identidade da escola e com isso distribuir responsabilidades;

É possível inferir que os professores entrevistados entendem que a formação Continuada deve oportunizar construir a práxis sempre aprimorada na perspectiva do desenvolvimento humano, apesar de não se referirem especificamente aos aspectos práticos de sua ação pedagógica, evidenciam em suas falas a relação entre a participação na formação continuada e a compreensão construída em relação à EOCFH;

Revelam em suas falas que o Projeto de Formação, no caso, o Projeto Sala de Educador deve ter como pressuposto o respeito à trajetória de cada profissional, da educação que se pretende e de sua demanda, entretanto nem sempre isso acontece, pois os fatores externos a escola, entre eles as demandas do Estado, influenciam nas escolhas das temáticas estudadas.

Todavia vislumbram uma ‘nova’ postura pedagógica, onde as necessidades cognitivas e o respeito às fases da vida do aluno sejam consideradas, pois o educador neste contexto pode vivenciar a busca permanente do tornar-se profissional – construir algo novo – por opção e compromisso político, não mais pelo viés da imposição de um sistema, se compreender-se em formação permanente.

Em síntese, em relação aos objetivos proposto, fica evidente que os educadores entrevistados expressam uma compreensão em relação às premissas da EOCFH, principalmente ao contrapor as lógicas que regem os ciclos e a escola seriada, e assinalam que essa compreensão desenvolveu-se a partir da participação no PSE; os entrevistados praticamente não fazem referências específicas aos textos estudados, mas ressaltam repetidamente a importância da formação vivenciada neste espaço avaliando-o positivamente. Apontam também os limites e desafios que percebem ao longo do período considerado em relação ao PSE.

Essas considerações que faço foram construídas a partir da interpretação dialética das falas dos entrevistados e evidenciaram seus conflitos individuais e também vivenciados na coletividade, expressaram seu pensamento em relação ao entendimento estabelecido sobre os pressupostos da EOCFH, e ainda evidenciaram de que maneira a participação vivenciada na escola através do PSE contribuiu para esse entendimento.

O que salta aos olhos ao analisar os depoimentos dos colaboradores da pesquisa é a percepção em relação à utilização do tempo para estudo na escola que não pode ser o tempo para a burocracia ou para o ativismo mecânico, mas necessita ser o tempo para pensar coletivamente sobre as concepções que fundamentam nosso fazer pedagógico, cujos objetivos sejam a compreensão e a formulação do modelo de educação que todos pretendemos construir.

Entretanto, considerando a trama construída nesta pesquisa, entendo que é pertinente problematizar alguns aspectos que emergem, principalmente em relação à formação vivenciada na escola. O resultado da investigação indica que há uma tensão entre o Projeto de Formação construído na escola a partir das necessidades formativas apontadas pelos educadores e as demandas de estudo impostas pelo Estado.

Por outro lado, frente ao movimento de tensão que permeia o processo de formação centrada na escola, mediado pelo Projeto Sala de Educador, o depoimento dos colaboradores, levou-me a inferir que o Coordenador Pedagógico tem um papel importante na escola, enquanto proponente, articulador e ordenador do Projeto de Formação vivenciado no espaço da escola. O coordenador pedagógico comprometido como a ordenação de um projeto de

formação, sem dúvida, vai contribuir de forma significativa com o desenvolvimento profissional dos profissionais da educação na dimensão do científico, o pedagógico e o cultural como preconiza Imbernón (2006).

O resultado da investigação impulsionou-me a perguntar de que maneira a formação vivenciada no espaço escolar pode contribuir para que o professor se envolva no processo de sua autoformação e com a constituição de tornar-se 'professor pesquisador'? Como articular uma Política de Formação no espaço da escola que atenda aos interesses dos educadores e a demanda formativa do Estado? Como garantir que essa política se configure como um espaço formativo efetivamente coletivo e democrático? Como instituir uma política de valorização humana e profissional dos professores compatível com a exigência educativa que fundamenta o ensino organizado por ciclos de formação humana.

Enfim, nesta segunda década do século XXI, a escola tem se tornado o que Nóvoa[158] denomina de 'escola transbordante' que assume todas as missões a ela impostas pela sociedade, entretanto para muitos a escola torna-se muitas vezes, o único espaço de vivência de cidadania, por isso é apreendida como direito e, por conseguinte espaço de pertencimento**.**

Pensar a Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana demanda pensar o próprio valor da educação, tarefa essa, presentemente, não muito fácil diante da sociedade em que vivemos, onde os valores mudam constantemente. Uma História contada por Miguel Arroyo na entrevista a Marisa Vorraber Costa no livro de entrevistas: A escola tem Futuro? ilustra bem isso:

> Ontem, lá no Movimento Negro uma militante falou: "a maior parte do que aprendi na vida, em termos de minha consciência social, política, como negra, como mulher, foi fora da escola, aconteceu nos movimentos feministas, negro e docente também." Depois completou: "Mas eu não teria sido capaz de fazer as sínteses que hoje faço se não tivesse passado pela escola." Isso me parece muito importante, diz o quanto a escola é necessária no desenvolvimento humano. (VORRABER, 2003, p.152).

Dessa maneira, a partir das percepções expressas pelos educadores entrevistados, parece-me legítimo dizer que a Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana 'não é, está sendo', parafraseando Paulo Freire, e **quanto ao futuro? -** também parece-me legítimo, responder freireanemente, através das palavras do Prof. Luiz Augusto Passos[159]: "só existe futuro se pudermos compreender a nós e a história como inacabados, inconclusos e, portanto,

---

[158] Palestra proferida na Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop em agosto de 2012.
[159] Cf. Verbete: futuro/futurível – Dicionário Paulo Freire. Cf. Referencias.

como demandando sua problematização pelo pensado-e-vivido à luz do processo temporal, do passado e do futuro de que todo presente é feito”.

Concluo então que essa é a essência da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana: vivenciar sua condição de **inacabamento** na perspectiva de **ser mais**.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ALAVARSE, Ocimar. **Ciclos: a escola em (como) questão.** 2002. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARROYO, Miguel G. **Ciclos de desenvolvimento humano e Formação de educadores**. Educação e Sociedade. Campinas, nº 68. 1999.

_____.**Organizações Escolares Flexíveis** (artigo) diálogo realizado entre o professor Miguel Arroyo e a profa. Eustáquia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2003.

_____. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AZEVEDO. Heloisa Helena Duval de e OLIVEIRA Neiva A. **Educação e pós-modernidade: um olhar wittgensteiniano.** Filosofia e Educação (Online), ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia Volume 2, Número 2, Outubro de 2010 – Março de 2011.

AZEVEDO, José.C. **Escola Cidadã: Políticas e Práticas.** Caxambu: ANPED, 2000. Disponível no site: www.anped.org.br/23/textos/te13b.PDF. Acesso em: set. de 2012.

BARBIERI, Marisa Ramos ET al**. Formação continuada dos profissionais de ensino: algumas considerações.** In: COLLARES, Cecília & MOYSÉS, Maria Aparecida (org.). Caderno CEDES: Educação Continuada nº 36. Campinas, Papirus: CEDES, 1995.

BARRETTO, Elba.S. S; Sousa, S.Z. **Reflexões sobre as Políticas de Ciclo no Brasil** Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, set./dez. 2005.

BARRETTO, Elba S.; SOUSA, Sandra Zákia. **Estudos sobre ciclos e progressão escolar no Brasil: uma revisão**. Educação & Pesquisa, v. 30, n. 1, p. 31-50, 2004.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos.** Lisboa: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre et al. **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 747p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 49 Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. Parecer n.04/2008.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CANÁRIO, Rui. **Gestão da escola: como elaborar o plano de formação?.** In: Cadernos de organização e gestão escolar, v.3. Portugal/POR: Instituto de Inovação Educacional, 1995.

_____. **A escola: o lugar onde os professores aprendem**. Aveiro:Universidade de Aveiro, 1997. (mimeo).

_____. **A escola tem futuro? Das promessas as incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CANDAU, Vera Maria. **Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores.** In: ____ (org.). Magistério: construção cotidiana . Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Formação continuada de professores.** In: REALI, Maria A; MIZUKAMI, Maria da. Formação de Professores: tendências atuais. São Carlos: EDUFSCar, 1997.

CARVALHO, Ademar de Lima. **Os caminhos perversos da Educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula** – Cuiabá-MT: EdUFMT. 2005.

_____. **A formação centrada na escola: a ponte edificadora do projeto político pedagógico.** In: Coletânea VIII encontro de pesquisa em educação da região centro-oeste/ANPED Centro-oeste: profissionais da educação: políticas, formação e pesquisa. Cuiabá. Edufmt,. 2006.179-191. 3v.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Vozes, 2006.

CHRISTOFARI, Ana Carolina. **Avaliação da aprendizagem e inclusão escolar: trajetórias nos ciclos de formação**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores.** São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (org.) **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

DOMINGUES, I. **Grupos dialogais: compreendendo os limites entre pesquisa e formação.** In PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. FRANCO, M. A. S. Pesquisa em educação. Alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FAZENDA, Ivani C. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola,1991.

FETZNER, Andrea. **Os ciclos de Formação Humana.** Cuiabá, 17 mai.2011. Palestra proferida. Informação verbal.

_____. **A implementação dos ciclos de formação em Porto Alegre: para além de uma discussão do espaço-tempo escolar.** Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.*)* **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____ **A escola.** Fonte: http://www.paulofreire.org. Acesso em abril de 2012.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro:Paz e terra, 1967.

_____: SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Extensão ou comunicação?.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

_____. **Pedagogia da Indignação.** São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

_____.**A educação na cidade.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Freire, 2002.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, Seriação e Avaliação: confronto de lógicas.** 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

FREITAS, Maria Teresa Assunção. **Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul.2002.

FRIGOTTO Gaudêncio. **Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional**, In: Pedagogia da Exclusão, São Paulo: Cortez, 1987.

FUSARI, José C. & RIOS, Terezinha Azerêdo. **Formação continuada dos profissionais do ensino**. In: COLLARES, Cecília & MOYSÉS, Maria Aparecida. *Caderno CEDES: Formação continuada*, nº 36. Campinas, SP: Papirus,1995.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis.** São Paulo: Cortez/Instituo Paulo Freire, 1995.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. **A Pedagogia: teoria e práticas da antiguidade aos nossos dias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de Método na Construção da Pesquisa em Educação.** São Paulo: Cortez, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais em educação**. 2 ed., São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **História dos movimentos sociais e lutas sociais**. São Paulo: Loyola, 1995.

HOFFMAN J. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. São Paulo: Mediação, 1991.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KRUG, Andréa. **Ciclos de formação: uma proposta transformadora.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

KUENZER, A. Z. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho.** São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, J.C, OLIVEIRA, J.F, TOSCHI, M.S. **Educação Escolar: políticas, estruturas e Organização.** São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, Elvira Souza. **Ciclos de Formação: uma reorganização do tempo escolar**. GEDH, Grupo de Estudo do Desenvolvimento Humano. São Paulo, SP: Sobrinho, 1998.

LÜDKE, Menga. **Evoluções em avaliação.** In: FRANCO, C. (Org.). Avaliação, ciclos e promoção na educação, Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. Pág. 29-33.

LÜDKE, Menga, e ANDRÈ, Marli Eliza Dalmazo Afonso; **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986 (Coleção Temas Básicos de Educação e Ensino).

MARCELO, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa.** Porto: Porto Editora, 1999.

_____.**Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro**. In:Revista de Ciências da Educação. p.7-22, 2008.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso, novos tempos e espaços para ensinar-aprender a sentir, ser e fazer.** 2ª ed. Cuiabá: SEDUC, 2001.

_____.**Documento Oficial Política de Formação.** Cuiabá: SEDUC, 2010.

_____. **Orientações Curriculares: concepções para a Educação Básica.** SEDUC/MT. Cuiabá, 2010.

_____. **Parecer Orientativo nº 01/2012**. Cuiabá: SEDUC, 2012.

_____. **Instrução Normativa n. 17/2011.** Cuiabá: SEDUC, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.).**Pesquisa social : teoria, método e criatividade.** 6.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.

_____.**O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo/Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO. 2007

MIRANDA, Marília Gouvêa de, **A organização escolar em ciclos e a questão da igualdade substantiva.** Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

NOSELLA, Paolo. **A Escola de Gramsci.** São Paulo: Cortez, 2004.

NOVOA, Antonio. **Professores imagens do futuro**. Lisboa: Educa 2001.

_____.**Dos Professores - Quem são? Donde vêm? Para onde vão?.** Lisboa: ISEF-UTL. (1989).

_____. **A Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2003.

_____.**Professor se forma na escola.** In: Nova Escola. Edição nº 142 (maio). São Paulo: Abril Cultural, 2002b.

PIMENTA, Selma.G. (orgs) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito,** 4ª edição – São Paulo: Cortez 2002.

ROLDÃO, Maria do Céu. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional.** Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007

ROMÃO, José. E. **Dialética da diferença: projeto da escola cidadã frente ao projeto pedagógico neoliberal.** São Paulo: Cortez, 2000.

SEVERINO, Antonio J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'água, 2002.

_____.**Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Rosa Maria C. **Conversas informais.** Cuiabá, junho e julho de 2011. Informação verbal.

_____.; TROIAN, T.V.S.P. **Ciclos de Formação Humana na Rede Estadual de Educação de Mato: algumas considerações teóricas em sua construção.** Revista Saberes em Redes. Cefapro/Cuiabá. Ano I nº 1 (jul./Dez. 2011). p. 55-70.

SOUSA, Sandra. M. Z. L.; ALAVARSE, O. M. **A avaliação nos ciclos: a centralidade da avaliação**. In: FREITAS, L. C. de (Org.*).* Questões de avaliação educacional. Campinas: Komedi: 2003. p. 71-95

_____.**A prática avaliativa na escola de ensino fundamental**. In: SOUSA, C. P de (Org.). Avaliação do rendimento escola*r*. 11. ed. Campinas: Papirus, 2003b. p. 83-108.

STEINVASCHER, Andrea. **A implantação da progressão continuada no Estado de São Paulo**: um caminho para a democratização do ensino? Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (Orgs)**Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. Revista da Educação, 3, 5-19. 2002

THIOLLENT, Michel. **Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 49, p. 45-50, maio 1984.

VEIGA, I. P. A**. Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção coletiva**. In: _____. (Org.) Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível. Campinas, SP: Papirus, 1995, p. 19-22.

WARREN, I. S. **Redes de movimentos sociais**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

WEREBE, Maria José; NADEL-BRULFERT, Jaqueline. **Henri Wallon: Psicologia.** Trad. Elvira Lima. Coordenação Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 52.)

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizado e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: Artimed, 2002.

ANEXO: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

a) PROFª ADRIANA PEREZ

1 Relate quando e como foi seu primeiro contato com a escola organizada por ciclos?

Foi no ano de 2008, meu primeiro contato, até então eu nunca tinha trabalhado com ciclos. Foi uma experiência difícil, essa questão de como organizar a situação da idade, série e habilidades cognitivas das crianças nas series.

Eu tinha uma turma grande, e vinha com o olhar do seriado, da alfabetização como objetivo, eu pensava que naquele momento, no segundo ano da escola, todos tinham que estar no mesmo nível. Tipo um modelo que a gente traz da educação de que a criança tem que se alfabetizar nos dois primeiros anos, até porque é o modelo a que estamos acostumados todo o tempo.

2 Vc percebe diferença na escola org. por ciclos neste início que vc citou e atualmente?

Consegui entender melhor o ciclo, consegui ver o lado positivo, até então eu só tinha visto o lado negativo dos ciclos, por estar acelerando essas crianças, estar recolocando essas crianças. Hoje eu vejo numa forma mais positiva, quando vemos por um lado social, essa coisa de que todos temos as mesmas capacidades, o mesmo potencial, aquela coisa da formação humana. Mas eu sinto assim uma angustia muito grande por não saber ainda lidar bem com a questão da avaliação, ainda é um grande desafio, né, como estimular as crianças sem que exista um rótulo de que elas estão sendo avaliadas, e sim só sendo trabalhados, sendo desenvolvidos. Pra mim ainda fica essa angustia , não fica claro, como fazer com que eles entendam que não ter a avaliação especifica, como era na série, que eles precisam para ir para um outro ano, como isso estimula e como rotula as crianças que não vão em frente, é uma dualidade muito grande neste sentido.

3 Como vc entende hoje "O que é uma Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana", vc pode me descrever?

Em uma linha de pensamento social, o ciclo é maravilhoso, todos têm as mesmas oportunidades, o desenvolvimento é cada um no seu tempo, e ninguém fica retido, não tem mais aquela divisão: os que vão vencer (os aprovados) e os que não conseguem vencer (reprovados), as múltiplas repetências, não existem mais isso. Entretanto eu acho que até hoje a família não entendeu bem o que é o ciclo, até mesmo os alunos não entendem o que é estar ciclos, eu sinto que pra eles é assim: eu não preciso estudar por que não reprova, eles não tem a noção de qualificação, né?

E como o prof. vê isso?

Eu acredito que a próxima geração de professores vai entender isso melhor, pois a nossa geração ainda foi formada no modelo avaliativo tradicional, isso é ainda muito arraigado em nós. Mas a tendência é mudar, eu acredito que o trabalho com projetos, o trabalho buscando o despertar de algumas habilidades vai nos dar outros olhares, mas eu acho que ainda lá na prática, no dia a dia o nosso olhar é da avaliação que classifica e exclui. O próprio professor se avalia por essa ótica: se ele é um bom professor os alunos estão tirando boas notas! Se as notas dos alunos não são boas ele não é um bom professor também! Então tem todo esse caminho de ir e vir na construção do entendimento que é bem complicado.

4 Quais as maiores dificuldades que vc tinha de compreensão em relação aos ciclos e atualmente vc entende melhor?

É muito interessante, por que hoje os primeiros alunos que tive aki na escola, no meu primeiro contato com os ciclos, já estão adolescentes, eu vi todo esse crescimento deles: eram bem pequenos e hoje já estão adolescentes! Então eu vejo assim: eu acho que as dificuldades ainda estão no campo da avaliação, por que eles foram pra frente, mas será que eles progrediram sabendo aquilo que deveriam saber? E nós temos tido muita discussão a respeito disso: será que os saberes que a escola oferece são realmente válidos ou não? Por que parece que só é possível responder isso se quantificarmos, né? Se medirmos...ainda temos isso...apesar disso tudo, eu acho que atualmente está muito melhor, até mesmo a presença dos jovens dentro da escola: com essa abertura dele poder escolher se que ficar na escola ou não. Mas ainda são questões bem delicadas, a todo momento eu fico repensando: será que a outra forma (seriada) não era melhor? Será que isso não fazia com que eles ficassem mais na escola? Então as vezes ainda penso isso...mas penso também: os ciclos são bastante recente se pensarmos em "quinhentos anos" de outro modelo, não é?

E uma coisa bem comum que acontece: quanto a criança, o jovem está indo bem, ótimo. Mas quando acontece de ele não estar se desenvolvendo, não está acompanhando ou não quer estudar, ou não está vindo na escola, aí o problema é do ciclo!

E isso é uma coisa que acontecia também no regime seriado, mas a gente acha que não, mas lá parecia que era natural os que não vão aprender. Os que não pra frente, os que vão ser trabalhadores braçais, os que não vão entrar na academia, né? Mas quando se fala nos ciclos, coloca-se a culpa nos ciclos: ele está assim por que nos ciclos não precisa estudar, não precisa se esforçar! As pessoas culpam a modalidade de ensino!!!!

5 Como vc se preparou ou prepara para atuar nos ciclos? O que vc estudou? A participação no "Sala de Educador" contribui? Como?

Eu acho que se não fosse a sala do educador, até hoje eu não saberia o que é trabalhar nos ciclos.

Eu acho que tudo que vivenciamos lá contribui: os levantamentos, as leituras, os apontamentos, o posicionamento dos colegas...eu lembro nitidamente que no primeiro ano (2008) a gente discutiu bastante o que eram os ciclos, os fundamentos, o que era a formação humana, por que isso era uma angustia muito grande de todos os professores. Então se não fosse este espaço do Sala de Educador pra gente fazer esses estudos, não teríamos outra oportunidade dentro da oportunidade.

É interessante por que parece que na escola seriada não precisa desses estudos! Já estava tudo estabelecido! Tudo entendido: olha foi feito tudo durante o ano letivo mas o aluno não alcançou...então a gente dividia um pouco a responsabilidade por isso, ficando a maior parte para o aluno, por que como professor a gente sempre acha que foi perfeito também...que fizemos todas as intervenções possíveis, mas ele não aprendeu! Repete de ano que ele aprende.

Então eu vejo assim: esta participação no Sala de Educador foi fundamental! A discussão que acontece lá foi importante por que se não ainda estaríamos pensando até hoje: o que é o ciclo? O que é a formação humana? Estamos fazendo certo?

6 Quais os temas trabalhados no Sala de Educador que vc considera mais importantes pra sua formação?

Eu lembro de temas importantes, por exemplo, em relação aos descritores,
Em relação a escrita dos relatórios, como escrever os avanços e necessidades dos alunos de forma clara...
Lembro de um que foi sobre a avaliação da produção escrita do aluno, como avaliar isso?
Mas o que eu mais lembro são as discussões em relação aos fundamentos dos ciclos, eu lembro muito disso! Claramente!
Outra temática marcante foi em relação aos projetos de aprendizagem, os textos que a equipe do projeto trazia eram muito interessantes, e a gente conseguia efetivamente fazer um repensar sobre nossas práticas,
E ultimamente os temas que tem me marcado mais são em relação a inclusão, estamos tentando construir um novo olhar sobre isso, né?

7 Como o projeto de Formação Continuada-Sala de Educador pode contribuir na superação das dificuldades em relação à compreensão e implementação da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana?Quais os desafios à serem enfrentados?

Com certeza pode contribuir!
Independente das discussões e estudos serem sobre os ciclos, o professor que participa do Sala de Educador está muito mais atento as questões que estão acontecendo na escola. Aquele professor que não participa das discussões não entende nada! De alguma forma ele acaba sendo o ponto negativo do trabalho na escola, por que como ele não esta a par do que está acontecendo, como são os processo, do que a gente como escola está construindo... então ele está alheio e está fazendo críticas aquilo que está acontecendo! E muitas vezes críticas bem negativas por que ele não fez parte das discussões, dos estudos, né?
Essa é minha visão sobre esse professor: ele nunca fala sobre que está acontecendo...e quando chega os pontos culminantes ,da gente discutir o que está acontecendo ele retoma os pontos que já foram discutidos, até mesmo o que já foi avançado, por que pra ele não se avançou nada! E isso pra mim é um ponto bem delicado porque põe a perder o trabalho, muitas vezes, o trabalho da escola toda!

8 Que desafios e perspectivas você aponta em relação aos ciclos nesta Escola e, para a rede Estadual de Educação que tem como política de educação- os Ciclos de Formação Humana?

Pra mim o que é mais difícil...eu acho que ainda é avaliação, por que o ciclo permite o despertar do jovem, principalmente na nossa escola que todos são adolescentes, e descaracteriza aqueles conteúdos prontos, já formatados, né?
E a gente precisa buscar recursos, adaptar isso a realidade dos nossos jovens, entender o que é ser jovem hoje, como é a cultura construída enquanto se está crescendo...e diante de tudo isso a gente ainda avalia de forma tradicional! Prioriza a classificação! E aí parece que os alunos não estão preparados para o ciclo.
Eu acho que os próximos que estão chegando, que iniciaram a escolarização nos ciclos vão entender melhor os ciclos, vão aprender mais com os ciclos, do que estes que já estão na

metade do caminho. Então eu acho que temos dois desafios: ensinar e aprender no ciclo.Por que com esses alunos que estão aí nós cometemos todos os erros possíveis, por que até entender o que é a formação humana demora...

Eu vejo que essa primeira geração que temos na escola está indo com bastantes problemas, até mesmo na aprendizagem, por que nós não conseguimos ainda dentro dos ciclos encontrar os caminhos diferentes para avaliação, e como articular o tempo que ele precisa para aprender com o que ele precisa aprender.

Então o professor precisa avançar, por que, até mesmo pela nossa formação, a gente só consegue ver se o aluno aprendeu em momentos avaliativos, estanques! E o ciclo nos dá outro leque de opções, né? Por que é preciso considerar todo o desenvolvimento do aluno, todas as habilidades construídas, e isso é um desafio muito grande, por que temos que ver na individualidade, o potencial de cada um, e isso é essa a proposta da inclusão, de respeitar todas limitações, aceitar todos com suas diferenças. E isso na prática é muito difícil! Quando vc entra na sala e vc a diferença total! Cada um com sua realidade...e vc tem que trabalhar todas essas diferentes realidade é muito difícil!

Mas eu acredito que o ciclo é o caminho para o trabalho que respeita e considera todos, Eu acredito muito.

Eu acho que o grande desafio é em relação a formação do professor, é preciso estudar, por que nós estamos lidando com jovens muito diferentes de nós, não sabemos lidar com a cultura de agora, são questões muito novas, que nunca tínhamos visto antes, eles trazem isso pra escola, e é na escola que essas coisas da vida tem que ser resolvida para o jovem, e aí eu acho que formação na escola pode ajudar muito, a entender melhor, a trabalhar melhor... mas é uma caminhada, já avançamos muito, não que estou criticando o professor, mas somos a base de tudo, né? Como o professor encaminha as coisas, entende o processo, como se posiciona, isso tudo influencia nos processos de aprendizagem da escola.

Eu acho que o estudo ajuda o professor a ver o aluno como ele é mesmo, como ele aprende nas diferentes fases da vida!

Eu acho que na sala do educador precisa ainda abrir um espaço para escutar o professor, ainda não temos este espaço, o professor vive várias angustias na sala de aula e ainda não temos aquele momento de escutar todos! Trocar ideias até existe, mas precisa escutar e considerar o que determinado grupos de professores tem a dizer, escutar e considerar, eu acho que se fizesse isso teríamos outros encaminhamentos em relação aos ciclos, outras melhorias.

Porque como a escola é muito grande parece que tudo gira em torno de números, é o numero de horas, de atendimento...vc não tem esse espaço de sentar com a coordenação, esse momento de escuta com ninguém, acontece no máximo com um colega, então eu sinto que o SE poderia ter esse momento, propor para os professores falarem mais sobre suas experiências, de maneira sistematiza, contar sua história, buscar esta parte mais humana,por que ainda estamos distantes, trabalhamos há anos juntos mais ainda não nos conhecemos direito, acho que assim superaríamos muitas dificuldades e para os professores novos seria um momento de acolhimento. Até mesmo receber sugestões, também ter um espaço para a coordenação e direção falar sobre suas experiências, tem tantas coisas importantes que a coordenação vivencia com pai e mãe de aluno que a gente nem fica sabendo... Histórias que

são importantes pra gente entender melhor o aluno... por que o ciclos de formação humana é isso: a interação de todos...
Eu acho que esse é o caminho... eu não acredito na repetência, não adianta voltar pra isso, não vai trazer resultado nenhum, nunca trouxe, foi só um sistema que a gente adotou, por que só conhecíamos este.
Eu acho que o ciclo é bem melhor, mas a gente só vai ver o resultado mais adiante ainda, é uma caminhada!

b) AMORÉZIO COELHO DE SOUZA

PRIMEIRO CONTATO COM OS CICLOS

Bem, meu primeiro contato com os ciclos foi na escola edeli, até porque antes eu trabalhava numa escola que não era organizada por ciclos, era seriada, né? Quando eu vim pra escola edeli que precisa que organizar todo o processo eu fui buscar, né? Por que até então o que eu sabia dos ciclos era aquela primeira que foi implantada em 1999, dois mil, que chamavam de escola ciclada, né? E as primeiras construções que foram feitas aki na escola edeli foram ainda nos moldes daquela escola ciclada, sem entender direito o que são os ciclos de formação humana, depois que nos fomos buscar certinho o que são os ciclos de formação humana, a maneira correta de se trabalhar com isso, né?

NO INÍCIO ERA ASSIM... HOJE. PERCEBE DIFERENÇAS?

Ah, com certeza, por que todos aqueles que chegaram na época da implantação da escola edeli Mantovani ainda tinha a visão da escola seriada, depois que se começou a entender, ter compreensão de como a escola vai ser formalizada, começou uma busca efetiva, por que nesta busca muitas coisas que estavam obscuras, por exemplo, em relação a metodologias de trabalho, questão de postura enquanto escola, enquanto o aceite do diferente do outro, começou a clarear, essa construção começou a ser feita a partir do momento que as pessoas começaram a estudar, começaram a compreender. E então "quebrar" tudo aquilo que ele entendia sobre escola, sobre educação não foi fácil, né? Por que cada um já tinha formado uma visão, uma construção sobre aquilo que já era.

ENTENDIMENTO SOBRE ESCOLA ORGANIZADA EM CICLOS

Eu procuro entender da forma mais simples possível: quando fala "formação humana" eu penso que o principal é aceitar a diferença do outro, as dificuldades e necessidades do outro dentro de um todo. Lógico que a escola tem sua metodologia, sua maneira de trabalhar, então o "outro" que chega na escola tem que se enquadrar dentro daquela necessidade e por outro lado a escola que está organizada em ciclos de formação tem que compreender o "outro" que chega, assim, pra mim, analisando todas as situações, eu vejo que não foi fácil entender muitas coisas, eu tinha dificuldade: de compreender que o professor tem problema de saúde, que o aluno tem problemas em casa, que ele tem dificuldade de chegar na escola e mostrar o que sabe e o que não sabe, que o professor tem dificuldade de perceber se determinada metodologia está sendo clara ou não, se o professor sabe lidar com a diferença: por que para aceitar a diferença tem que entender essa diferença, principalmente que está a

frente das ações, como a coordenação, a direção da escola tem que estar atento a muitas coisas.

NO INÍCIO ERA MAIS DIFÍCIL E AGORA É MAIS FÁCIL:
Ah, eu acho que é em relação a própria metodologia que temos desenvolvido, em relação ao próprio fazer pedagógico, por que certas concepções é mais difícil de quebrar: por que vc já tem uma prática, vc desenvolve um trabalho, vc foi moldado assim, e de repente vc tem que refazer tudo isso!! Estabelecer novos conceitos, e recolocar a sua prática nesses novos conceitos, então eu acho que isso é o mais difícil, vc tem que mudar sua postura: as relações que se estabelecem na sala de aula professor- aluno é totalmente diferente da escola seriada, né? Na qual eu fui formado! Quando eu venho da escola seriada para o ciclo eu tenho que praticamente dar uma reviravolta total no meu fazer pedagógico, e vc sabe que o fazer pedagógico não é desvinculado da minha pessoa! Eu sou amorezio pedagogicamente o mesmo amorézio que eu vejo o mundo!!!
Então como eu vou fazer essa mudança? Se eu sei que a escola está passando por essa transformação? Então eu vou estudar! Eu tenho que ler! Eu tenho que compreender o outro, eu tenho que analisar melhor, eu tenho que compreender que a escola é feita de pessoas e cada pessoa, eu vejo que cada um que está inserido neste contexto, desde o aluno, funcionários, técnicos e professores, cada um é um universo diferente. Então eu tenho que primeiro saber administrar o meu universo para daí me relacionar com os outros e facilitar o trabalho, por que senão eu nunca vou chegar a esse entendimento que a escola tem formação humana tem essa valorização.

PREPARAÇÃO PARA ATUAR NOS CICLOS – SALA DO EDUCADOR CONTRIBUI?
Eu acho que contribui muito, eu acho, Thiélide, que a essência de todo o processo está na sala de educador, eu vejo assim, por quê? É na sala de educador que a gente vai buscar os teóricos, que a gente troca experiências, que a gente vai enxergar o outro mais de perto. Por que no dia a dia da sala de aula a gente consegue até observar a prática do professor, mas o que ele pensa só é possível perceber no momento coletivo de estudo, por que é ali que ele vai colocar os seus sucessos, os seus fracassos, as suas concepções. E assim a gente consegue enxergar a escola como um todo. Nesse momento é possível perceber que alguma coisa não está bem, que alguma coisa não está funcionando dentro daquilo que a escola propõe, que a escola constrói, e que precisamos refletir sobre isso para poder agir... precisa refletir sobre o fazer pedagógico, então na sala de educador sentamos pra estudar, pensar como agir, não de uma forma pessoal, mas de uma forma que vc faz uma leitura, porque na educação nada acontece por acaso, sempre em algum lugar tem algo escrito que é importante estudar, e esse estudo na sala de educador que vai fazer diferença,vai te ajudar a estabelecer outras relações, vai te ajudar a aceitar o diferente.

SUA PARTICIPAÇÃO
Eu acho que a minha participação é ativa e as vezes até meio agressiva, por que querendo ou não, eu amorezio não consigo desvincular, por exemplo, de alguns conceitos que eu já tinha em relação ao fazer pedagógico, e nesses momentos de formação vc vê tanta coisa, as vezes muita reclamação que eu não consigo ficar passivo nestes momentos, eu preciso falar, até

mesmo tentar dizer o que está certo e o que está errado. Mas eu também me avalio, por exemplo, em relação a minha gestão na escola edeli, muitas vezes eu acho que foi mais administrativa do que pedagógica...eu procurei agregar pessoas que tinham esse perfil, porque é difícil equilibrar o administrativo e o pedagógico, então eu sempre me apoie na coordenação, para que o trabalho fosse feito da melhor forma possível. Então na sala de educador de vez em quando eu ainda me pego falando como diretor, né? Mas nesses últimos dois anos eu tenho procurado mostrar a minha experiência do meu fazer pedagógico, eu tento trazer um olhar diferenciado, porque a construção da nossa escola realmente foi coletiva, realmente nós construímos, vc sabe que muitas coisas que nó fizemos aqui serve de experiências pra outras escolas, essas mudanças e transformações que vivenciamos aqui, podem ser debatidas na sala de educador, eu sempre trago isso nas discussões, porque as pessoas que chegam novas aki, as vezes, não conseguem vislumbrar o que é a estrutura pedagógica da escola, é preciso entender por que as coisas são feitas assim, então discutindo o que foi construído, como as coisas acontecem e fazendo as leituras teóricas na sala do educador, isso tudo ajuda a construir o entendimento de quem participar e a partir disso podemos construir o PPP da escola, por que ali no ppp tem que ter tudo isso, e isso vai facilitar para os que chegam, para que ele tenha uma compreensão melhor, seja melhor aceito dentro da comunidade escolar.

O QUE SE ESTUDOU FOI IMPORTANTE?

eu acho que é importante para se entender melhor o que é pesquisa, o professor se sentir pesquisador e responsável pela construção da escola, através, por exemplo, do PPP, até mesmo a discussão da importância da formação continuadaque isso não é importante somente por causa do certificado, por que quando vc discute o que está acontecendo dentro da escola eles procuram mostrar o que estão vivenciando na sala de aula. Então sobre as leituras que foram feitas, as vezes num primeiro momento, não houve um aceite daquilo que foi estudado, mas isso, com certeza, vai refletir no fazer pedagógico do professor, muitas vezes ele nem se dá conta disso, mas de repente ele está tendo uma atitude pedagógica que se formou a partir do estudo na sala de educador. Eu acho assim: tudo o que se estuda na sala de educador tem que refletir de certa forma na sala de aula, porque senão não faz sentido vc parar, sentar, estudar, fazer uma reflexão, fazer anotações e ficar naquilo mesmo.

VC CONSIDERA O QUE SE ESTUDA NO SALA DE EDUCADOR TEM VALOR FORMATIVO PARA O PROFESSOR?

Sabe, as vezes, num primeiro momento o professor pode pensar que não, não tem valor, mas tudo o que se estuda num momento vc vai colocar em prática, nem sempre atingimos a todos, alguns ainda resistem...mas se a escola está sendo discutida, questionada, pensada no "agora", isso facilita bastante o trabalho de todos, até mesmo de quem está chegando, a entender o sistema, como ela funciona, não que esta escola quer ser melhor que as outras, mas a escola tem que ter um foco, entender por que está aki.

SALA DO EDUCADOR AJUDA A ENTENDER MELHOR O CICLO ?

Olha, eu acho que diretamente o prof, não consegue, por que ainda há muitas questões equivocadas em relação a escola org. por ciclos, tanto no entendimento dos professores quanto nas suas ações pedagógicas. Por que eu falo isso? Por que as vezes, a gente ainda

ouve que a única função dos ciclos é não reprovar o aluno, e as vezes, o professor não pára para pensar que a escola de formação humana vai para além de só não reprovar, isso é difícil, por que todos nós pensamos que a escola está aí pra preparar os alunos para o mercado de trabalho e não é só isso: a escola deve inserir o indivíduo na sociedade, mais isso é difícil, por que alguns conceitos sociais que nós fomos formados, que temos como certos, por exemplo: estrutura familiar, a questão religiosa, a questão econômica, questões sociais...o que nos temos como padrão está muita vezes, totalmente fora da realidade do aluno, então fica difícil estabelecer cumplicidade, estabelecer relações e quando vc não estabelece relações fica mais difícil de ter aprendizagem.

PERSPECTIVAS E DESAFIOS EM RELAÇÃO AOS CICLOS:

Eu vejo o seguinte: o ciclo tem que ser melhor compreendido pelos professores, precisamos nos despir de alguns conceitos e perceber que os novos conceitos em relação aos ciclos precisam ser construídos, principalmente em relação a formação humana, não somente em relação aos ciclos. Eu vejo assim: a transição entre a escola seriada e a formação humana, no meio disso tem os ciclos, então estabelecemos alguns conceitos que não se encaixam na formação humana, mas temos que ter bem construído o conceito de formação humana. Por exemplo, a valorização do profissional, ou seja, o "eu" do professor, fica frustrado, muitas vezes, ele frustra, por que ele vinha num embalo, fez uma reflexão, aí quando vem a formação humana, muitas vezes deixa de valorizar o "humano". Então eu vejo assim:se a escola é organizada em ciclos de formação humano tem que valorizar tudo o fazer humano que acontece dentro de seus quatro muros, tem que ser respeitado a formação humana, tem que respeitar os momentos da vida de cada um, o momento da vida do cozinheira, da pessoa que limpa a escola, enfim de todos... eu acho que não foi por acaso que foram estabelecidas as fases,tendo como referencia as fases da vida humana, por que nós temos que entender: hoje o aluno está numa determinada situação, mas amanhã ele pode mudar!, amanhã ele tem que ser diferente do hoje, eu vejo assim, na escola de formação humana todo dia nós temos que aprender uma coisa diferente, a construção dessa escola tem que ser feita todo dia, por todos, como um todo, e eu vejo ainda, que dentro dessa construção todos nós temos um papel importante. Um grande desafio que eu vejo é participação da família, por que se a gente for pensar em relação ao tempo o aluno fica na escola somente quatro horas a maior parte do dia ele fica com a família, e o desafio é que eu não posso considerar o aluno somente por essas quatro horas! O grande desafio é envolver a família e o professor fazer uma reflexão sobre suas práticas avaliativas. Por que não adianta de nada falar que entende os ciclos, dar aulas diferentes, buscar novas metodologias, entender o aluno, conversar com o aluno, mas no momento de avaliar eu avalio de maneira tradicional. Então eu vejo assim, nesses momentos avaliativos tem que ser considerados a fase da vida e da aprendizagem de cada aluno, então avaliação não é só o momento da prova, ou olhar os cadernos dos alunos. Se nós estamos construindo a formação humana no dia a dia a avaliação também tem que ser no dia a dia, tem que ser contínua, então a concepção de avaliação tem que mudar! Então eu acredito na avaliação qualitativa, por que quantitativamente eu acho que não é possível, é possível medir o amor? Medir a quantidade de respeito que eu tenho pelo professor? O professor consegue quantificar o respeito que ele tem pelos alunos? Pela sua profissão? Pelos colegas de trabalho? Eu acho que isso tudo não é mensurável! Então quando nós

classificamos o aluno como apto ou não apto, OS, PPAP, etc, eu acho que nos temos que fazer isso com muita consciência, eu acho que esse é o desafio: precisamos estudar mais sobre avaliação, inserir novos conceitos avaliativos no nosso dia a dia, veja vc: tem que gente que insiste em dar notas!!
Eu vejo que avaliação é uma via de mão dupla: o que eu professor faço a partir disso?
Os pontos positivos que eu vejo, são nas relações entre os alunos e professores, os professores já conseguem entender que a escola tem uma proposta em relação a formação humana, que o centro das ações educativas é o aluno, já consegue fazer diferente. E isso se construiu a partir dos estudos, por que só as vivências do dia a dia não dão conta desse entendimento.
O ganho maior é pra vida do aluno, nas suas relações com a sociedade, a gente já percebe isso lá fora...quando a gente encontra um ex-aluno a gente percebe que a escola fez diferença na vida dele, que aqui ele foi considerado, foi acolhido, até mesmo em relação aos professores...por que quando vc senta, estuda, reflete, discute vc dá oportunidade para o outro dá emitir sua opinião, fazer a transformação, colocar sua identidade dentro da escola, o professor consegue ter autonomia...esse processo democrático das discussões e estudo facilita isso, a identidade da escola está aí...esse é um ponto positivo: a construção coletiva,as oportunidade de fazer parte da construção. Só não faz parte da construção quem não quer. Isso é a escola organizada por ciclos de formação humana.

c) PROF. ILZA PEREIRA LUCENA RODRIGUES

PRIMEIRO CONTATO COM OS CICLOS
Na verdade eu já havia trabalhado com essa modalidade no estado do Pará, então desde 1997 eu venho estudando os ciclos de formação humana...

E COMO FOI O INÍCIO NA ESCOLA EDELI
Eu estou aki desde 2007...na verdade no início que eu pude observar que a dificuldade de trabalhar com o ciclo de formação era muito grande, até mesmo porque os professores não tinham essa experiência com os ciclos, né? Então nós tivemos que começar a estudar para entender melhor, na sala do educador nos começamos a estudar os ciclos e passamos a entender melhor este processo...eu acho que em dois mil nove, dois mil e dez e dois mil e onze que nós passamos a entender melhor, mas eu acho que até hoje nos temos dificuldades, né?

COMO ENTENDE O CICLO?
Inclusive nos estudamos isso ontem na sala do educador, surgiram questionamentos: o que é o ciclo de formação humana? Como é trabalhar com o aluno nos ciclos de formação humana?
E o que eu posso entender sobre isso, né? Eu penso que não é olhar o aluno só no sentido de aplicar conteúdos, né? Tem a questão da afetividade, aquela questão de vc ter um olhar diferente, né? Eu vejo assim: é um olhar diferente para o o aluno, não é só se preocupar com a aprendizagem, mas também ver todas as características do aluno, ver o aluno como um todo, essa é a minha visão sobre os ciclos...

NO INÍCIO ERA ASSIM, AGORA...

Assim, hoje eu entendo melhor, exatamente como eu já te falei, em entendo melhor por causa da sala do educador, por que faz tempo que nós estamos estudando os ciclos lá, né? Então tem essa caminhada e fica melhor pra entender...mas ainda existem muitas dúvidas...então nos acreditamos que seria melhor pra gente entender se estudássemos mais a formação humana mesmo, o que é isso? Qual a dimensão da formação humana? Como é vc olhar o outro como humano? E como essa relação professor aluno se dá na sala de aula nesta perspectiva.

SUA PARTICIPAÇÃO NA SALA DO EDUCADOR

Na sala de educador eu acredito que eu tenho participado bem: questionado, colocado algumas opiniões... realmente eu percebo o que deveria mudar, eu tenho colocado a minha opinião sobre o que eu entendo sobre os temas estudados.

CONTRIBUIÇÃO DOS TEMAS ESTUDADOS

Com certeza sim, claro que tudo que a gente estuda deixa um pouco desejar, mas tem contribuído muito. Eu acho que é perceptível um professor que participa do sala de educador e outro não até na maneira de agir em sala de aula, né?

Quanto aos temas... desde o início estudamos os ciclos, questões de avaliação, projeto de aprendizagem, dentre deste surgiram vários outros temas, agora estamos estudando a construção do currículo da escola, as orientações curriculares.

O QUE PODERIA TER NA S.E QUE AJUDARIA A ENTENDER O CICLO?

Uma das coisas que eu falei, eu acho que precisa insistir no que é a formação humana, isso é essencial, como é o olhar para o aluno em sua totalidade, de que jeito isso acontece?

NA SUA PRÁTICA QUE VALOR FORMATIVO TEM A PARTICIPAÇÃO NA S.E ?

Olha tem ajudado, principalmente na maneira de pensar, pq quando vc estuda vc tem um olhar diferenciado em sala de aula, até mesmo no momento de preparar suas aulas, ver as atividades propostas, vc pensa qual é a capacidade do aluno pra entender isso? Tem ajudado também nos momentos da avaliação: como avaliar o aluno durante o processo? Então eu acho que a formação tem contribuído de diversas maneiras.

PONTOS POSITIVOS E DESAFIOS PRA ESCOLA EM RELAÇÃO AOS CICLOS

Positivo nos ciclos de formação eu vejo que é importante a não reprovação, isso é bom pra auto estima do aluno, ele estuda sabendo que ele vai pra frente.

Um desafio é preparar esse aluno para o ensino médio, porque o índice de reprovação no primeiro ano está muito grande, eu acho que essa é o preocupação maior da escolar, infelizmente isso aumenta a cada ano que passa...essa dificuldade que os alunos tem no primeiro ano do ensino médio. Por que é assim:no ciclo automaticamente ele é promovido para a fase seguinte, no ensino médio não, ele é avaliado por nota, e no primeiro ano ele demora pra entender isso...quando ele vai acordar já estamos no terceiro bimestre...então isso é um desafio para a escola toda: os professores dos ciclos e os professores que recebem esse aluno no ensino médio. As vezes os alunos dizem que a dificuldade que eles tem é culpa

do professor do ensino fundamental: eu não concordo, mas eles dizem isso: passam a gente sem saber...então essa dificuldade nós estamos sentindo.
Eu não penso que temos que voltar pra escola seriada, que tem que reprovar o aluno, eu penso que nos temos que resolver isso...o ensino fundamental é a base, e a gente espera que eles tenham essa base...mas muitas vezes eles não tem. Então como nós vamos dar essa base? Esse é o desafio. É isso.

d) ISAIAS EUGENIO DE MELO

PRIMEIRO CONTATO COM OS CICLOS:
Meu primeiro contato com os ciclos foi na escola edeli Mantovani, gostei muito da proposta dos ciclos, por que permite a gente desenvolver atividades diferenciadas em sala, conhecer melhor cada aluno, observando mais de perto de nossos alunos, e poder fazer algo que faça diferença pra eles.

DIFERENÇA DO INÍCIO PRA AGORA
Algumas diferenças a gente tem notado, no início tivemos algumas barreiras, até mesmo para acreditar nos ciclos, e ter credibilidade no que estava fazendo, por que a gente não sabia muito bem como lidar com situações tão diversas, né? Mas após esse primeiro contato a gente começou a fazer estudos, principalmente na Sala do Educador, procuramos interagir mais com as habilidades que cada um tinha, fomos fazendo essas interações entre os professores, e essa prática ajudou muito.

DESCREVA OS CICLOS: O QUE VC ENTENDE?
Eu vejo assim: que os ciclos é uma coisa e a formação humana é outra coisa, quando a gente fala dos ciclos é um modo de trabalho que a gente desenvolve com os alunos, e quando a gente fala da formação é uma visão que a gente ao tratar o aluno tem um certo objetivo. Então na formação humana eu devo ver o aluno no contexto que ele está inserido na sociedade como um todo, com isso eu preciso observar o aluno, ter atenção com ele, por mais que tenhamos 35 alunos dentro de uma sala de aula, é necessário o professor ser capacitado ou até mesmo ele ter uma ideia como educador, por que ele precisa estar atento a todos os alunos, por exemplo, aquilo que faz diferença pra um, as vezes não serva pra outro, e vc precisa descobrir caminhos para poder lidar com essa diversidade.

E ISSO NÃO ACONTECE NA ESCOLA SERIADA?
Muito das vezes não, por que na escola seriada o professor já vem com seu plano de ensino pronto, já estabelecido, para um perfil específico de aluno e acaba não interagindo com o aluno, nem reconhecendo as diferenças que eles possuem, e as dificuldades que eles possuem.

O QUE PRA VC ERA MAIS DIFÍCIL NO COMEÇO DO CICLO...
No primeiro momento era o que fazer, né? Qual é a diferença para a serie? Como trabalhar isso? Então eu acho que a dificuldade principal era compreender o que fazer no ciclo. Por que muitos diziam que estavam fazendo as atividades próprias do ciclo, mas quando víamos ele estava fazendo as mesmas atividades da escola seriada, agindo da mesma maneira, estava

tendo a mesma postura como professor que tinha na escola seriada , só tinha mudado de nome. Mas com bastante estudo que tivemos, estudo coletivo, discussões com os colegas, acabamos aprendendo um caminho que o nosso planejamento não pode ser os mesmo para todas as turmas, porque elas são diferentes, não pode pensar em trabalhar a mesma coisa para todos os alunos, isso não funciona, por que muitas vezes você tem dois ou três ou cinco alunos que necessitam de um atendimento mais próximo, até mesmo individualizado, e essas coisas não são consideradas na escola seriada, eu acho que essa é a principal diferença.

COMO VC SE PREPARA PARA ATUAR NO CICLO. O SALA DE EDUCADOR CONTRIBUI?

Eu vejo que o estudo é muito importante, a sala de educador contribui na vida profissional nossa por que vc deixa de ficar estagnado naquela situação que vive,confortável, vc acha que está bom, e vc vai em busca de algo diferente e vc acaba vendo que isso traz melhorias, mas que é interessante ressaltar que participar do sala de educador auxilia no planejamento, mesmo que naquele momento eu não faço o planejamento, mas quando eu vou planejar eu penso sobre o que estudamos, eu troco informações com outros colegas que também participam do estudo, pega dicas de atendimento a cada aluno, e pode também utilizar esse espaço para socializar as novidades, pontos que são relevantes em determinada turma, essa interação é muito produtiva.

SUA PARTICIPAÇÃO NO SE

Eu avalio que eu fui bem participativo, muitas vezes não tem tempo pra cada um falar, mas a gente pode se organizar e escrever o que a gente pensa, eu acho que minha participação foi sempre positiva, por que minha visão foi mudando ao longo do tempo, eu vejo que se houve mudança no meu modo de ver a escola, os alunos, os ciclos, é porque houve interação com os colegas , com a teoria estudada...

TEMAS

Talvez eu não lembre de imediato os títulos dos textos, mas lembro bem que estudamos durantes esses anos vários textos sobre planejamento, avaliação, como avaliar considerando o aluno, né? A gente discutiu muito isso...em relação a enturmação, estudamos bastante esse assunto, como se dá esse processo, estudamos ao mesmo tempo que implantamos a enturmação, né? Alguns queriam, outros não, e fomos estudando, vendo que era possível...lembro que estudamos também o papel da família, como contribuir com a aprendizagem. Outro tema importante que eu lembro foi em relação ao currículo, como organizar nosso currículo de acordo com nossa realidade, estudamos e ainda hoje estamos estruturando isso, eu acho importante isso porque a gente estuda, vai pra prática, vê que algumas coisas não estão dando certo e estuda uma teoria que ajuda a organizar melhor o que estamos fazendo, né?

O QUE O SE PODE CONTRIBUIR AINDA MAIS COM O CICLO?

Eu vejo que o SE ainda está um pouco fragmentada, porque nem todos os professores tem condições de participar no mesmo momento, ou seja, estamos sempre participando em grupos diferentes, grupos fragmentados, e a discussão não é a mesma em todos os grupos, né? Alguns discutem de uma maneira, compreendendo de um jeito, outros de outra...as interações

não são a mesma, então eu acho que isso é um prejuízo para a escola, acredito que poderia ser diferente, se conseguíssemos ter uma sala de educador onde todos possam estar presente, até mesmo para pensar, planejar junto, por exemplo, professores de uma mesma área, de uma mesma turma, seria muito mais produtivo, acho que deveríamos ter esse momento coletivo onde todos pudessem estar ao mesmo tempo, não precisa ser toda a semana, poderia ser um encontro por bimestre...um momento organizado de quatro horas acho que seria interessante. Acho que com isso o trabalho na SE do educador seria muito melhor, do que só com grupos pequenos...

DESAFIOS EM RELAÇÃO AO CICLO:

Por ser uma escola de periferia, recebemos alunos com tantos problemas, né? Eu acredito que o ciclo, a formação humana que tralhamos auxilia a vida desses alunos, por exemplo, eu vejo que as coordenadoras tem feito um trabalho pedagógico,entrando em contato com a família sempre, eu vejo que tem uma maior interação entre a o aluno, os professores, as coordenadoras e a família...essa interação nos ciclo, na escola de formação humana acontece mais e mais próxima, isso é muito positivo, outra coisa que tem dado certo é o trabalho em forma de projeto, temos visto que os alunos gostaram, interagiram bem na busca do conhecimentos, então eu acho que esses, são dois pontos bem importantes e que tem dado certo aki na escola...esses pontos eu acho que fazem a diferença entre o ciclo e a escola seriada.

O QUE É MAIS DIFÍCIL...

No meu ponto de vista ainda é a aceitação de todos, mesmo depois de tanto tempo ainda tem aquele que resiste, não incorporou na mente dele que as coisas mudam, a educação muda, e também ele não quer levar trabalho pra casa, por que analisando o ciclo a gente tem mais trabalho, né? Tem que fazer relatório individualizado, se você dá nota tem que transformar em relatório, por que o aluno fica cobrando a nota, se não der nota ele não faz, mas o prof. tem que fazer o relatório, tem que planejar mais, para cada turma, né? Então isso tudo acaba sendo um desafio como colocar na mente da sociedade e de alguns professores que a escola não é só nota, acredito que quando todos perceberem que a aprendizagem não se mede só por nota, ou que só ameaçando com a reprovação que vai fazer o aluno se interessar pelo estudo...acredito que quando isso acontecer o ciclo vai ter uma avanço muito maior.

e) IVETE TERRA

PRIMEIRO CONTATO COM ESCOLA ORG. EM CICLOS

Meu primeiro contato foi em 2007 aqui na escola edeli, em 2006 em trabalhei na escola rosa dos ventos mas era seriada.

Então uns dias antes de vir trabalhar aki nós tivemos três dias de formação lá no Cefapro, vários colegas daqui estavam lá. Foi um choque, por que essa seria a primeira escola que deveria ser toda em Ciclo, então nós tivemos essa formação rápida e já entramos em sala de aula, nós não sabíamos bem o que era o ciclo, como era essa escola, né? Então era muito difícil, por que vc estava acostumado a dar nota, trabalhar de uma jeito e vc de repente tem que trabalhar de outro jeito, atribuir outros valores...naquele ano eu tive sete turmas de 3ª fase do 2º ciclo e foi bem traumatizante pra mim, naquele tempo falavam que o aluno seria

retido no final do ciclo, no ano seguinte houve a organização da sala de superação, que eu acho que precisava mesmo, por que no ano anterior eu tinha alunos grandes junto com os pequenos, adolescentes com outros interesses, tinha um aluno já grande que fora da escola mexia com coisas ilícitas e na sala tinha os pequenos que gostavam de ficar junto com ele, conversavam e imitavam ele...e no ano seguinte teve a sala de superação e os alunos puderam ser adequados as turmas próprias pra suas idades...

E HOJE O QUE ESTÁ DIFERENTE?
Ah, tá...naquele tempo era um choque porque vc tinha que ver o aluno de outro jeito...tinha que fazer vários papeis, até mesmo de mãe...isso deu um nó na nossa cabeça, porque eu estava ali pra ensinar geografia não para acalentar o aluno...mas o aluno estava ali, inteiro, chorava por que o pai foi embora...eu tinha que conversar com ele...por que nós sabíamos que a escola é uma escola de formação humana, eu não podia desconsiderar o meu aluno, eu tinha que entender porque ele era agressivo com um colega e não estava copiando o conteúdo, estudando...

MAIORES DIFICULDADES DO COMEÇO E HOJE JÁ ENTENDE MELHOR
Eu tinha dificuldade porque também não tinha estrutura pra lidar com aquilo, era uma experiência nova pra gente, todo dia era uma novidade, uma coisa diferente...

TEMAS*: então o que ajudou foi a Sala de Professor, por que os temas falavam muito da escola organizada em ciclos, depois veio o tema ler e escrever compromisso de todas as áreas, até então eu achava que não tinha que corrigir erros de português, que isso não era minha obrigação, mas eu entendi que isso também fazia parte do meu trabalho...*
Isso é a escola de formação humana, por que nós estamos lidando com o humano...mesmo que num determinado dia minha aula não rendeu na geografia, mas valeu se eu entendi meu aluno, se eu resgatei alguma coisa boa nele...
Hoje isso está mais tranquilo, mais claro...eu já sei como agir...por exemplo, o dia que um aluno chega nervoso, no começo eu deixo ele lá, eu vou dando minha aula, passo o conteúdo e devagar chego no aluno, converso com ele, eu já vejo esse aluno com outro olhar, antes não, pra mim eu tinha que fazer ele aprender logo, ele tinha que ouvir o que eu estava falando do conteúdo, eu falava alto com ele, mandava copiar o conteúdo,pra mim o mais importante naquela hora era ele aprender o sistema solar...hoje em dia, eu ensino, passo o conteúdo, mas eu procuro saber o que está acontecendo com ele, encaminho, tento ajudar...antigamente eu pensava assim: esse menino não quer aprender, está com preguiça e já mandava um bilhete para os pais, hoje não...eu converso,reflito por que ele age assim...

O P. SALA DO EDUCADOR CONTRIBUI PRA ENTENDER MELHOR OS CICLOS?
Pra mim participar da SE foi fundamental pra entender melhor o ciclo, ajudou muito, por que durante o ano (dois mil e oito), tudo o que estudamos tinha a ver com o ciclo, depois nos outros anos também, sempre relacionávamos os estudos com o ciclo, então foi clareando mais...

QUAIS AS INFLUENCIASDO PSE NA AÇÃO DO PROF.?
Eu acho que ajuda muito, ajuda a gente até mesmo ser mais tolerante, ajuda o professor a entender que precisa pesquisar mais, não só sobre o assunto que ele vai trabalhar no dia, precisa ir além. Os estudos dão um norte no que eu tenho que fazer, ajuda a buscar novos caminhos, novas maneiras de ensinar...de ser professor

O QUE AINDA PRECISA PRA ENTENDER MELHOR O CICLO (NO PSE)?
Eu acho que os colegas precisam se envolver mais, tem alguns que não se envolvem nas discussões...precisamos nos reunir por área do conhecimento, mas cada um participa num horário. Teríamos que ter encontros só dá área, como tínhamos nas HTC, hoje já sabemos que as disciplinas "são irmãs", por exemplo, história e geografia devem caminhar juntos, com ciências também, então seria interessantes sentarmos juntos, planejar juntos, isso poderia ser feito no SE, por que os alunos veem os assuntos como um todo...

DESAFIOS E PERSPECTIVA SOBRE OS CICLOS
De positivo eu vejo que de uma forma ou de outra, neste período aqui na escola, todos amadurecemos: os profs, a equipe gestora, os alunos...todos fomos nos adaptando...
Ainda tem coisas que são um nó...
O maior desafio é avaliação, por que a gente só sabe avaliar no quantitativo, tem gente que reclama por que não pode reter o aluno, mas o que adianta reter? O aluno vai ver tudo de novo no ano que vem? Assim é mais fácil desistir da escola...mas não é assim, precisamos ver o aluno de outro modo, como um todo, conversar com ele, e isso ajuda na avaliação...eu posso avaliar de outros modos, olhar o caderno, ver como ele se relaciona com os outros, o que ele produziu sobre o conteúdo...eu acho que quando o professor só dá prova ele precisa também se avaliar...eu quando avalio a escrita do aluno, por exemplo, vejo como ele escreveu as respostas, se ele não respondeu usando só as palavras dos textos trabalhados, vejo como ele entendeu o conteúdo pra escrever, se ele sabe escrever sobre o assunto usando suas próprias palavras. Então eu vejo que avaliar corretamente é muito difícil..., por isso que não pode ser somente com um item...
E a gente está sendo avaliado a todo o momento...

f) JEANE MARIA DE SIQUEIRA

Relate: Quando e como foi seu primeiro contato com a escola organizada por ciclos?
Bem, foi aqui em Sinop, foi na escola Edeli Mantovani, e foi a primeira vez que eu trabalhei com ciclo, já trabalhei com seriado, já tinha ouvido fala dos ciclos, mas aqui foi a minha primeira experiência com isso.

Vc percebe diferença na escola org. por ciclos neste início que vc citou e atualmente?
Olha, tenho como visão que 'melhorou', porque, nos ciclos você está aprendendo como a criança trabalha e aprende, que não é aquela coisa que a gente achava, todos aprendiam de qualquer maneira. O ciclo tem 3 anos pra criança se alfabetizar, antes a criança tinha quem aprender em 1 ano, em seis meses, nesse aspecto melhorou. Mas tem aquele lado, que eu acho, que a criança, o adolescente no caso, acha que não precisa estudar, porque não vai

reprovar, perde-se um compromisso do aluno, antes ele tinha que estudar pra não reprovar, agora deixa muito a desejar.

Como vc entende hoje "O que é uma Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana", vc pode me descrever?
Então, melhorou? Melhorou e muito! Mas ainda há uma resistência pela forma de avaliar o aluno. Porque antes, na escola seriada você avaliava o aluno de uma forma mais simples, agora todos os aspectos do aluno, comportamento e aprendizado é levado em conta.

Como vc se preparou ou prepara para atuar nos ciclos? O que vc estudou? A participação no "Sala de Educador" contribui? Como?
Olha, tive grande dificuldade nesse novo sistema, porque antes, no término do meu magistério, era o sistema silábico, então tive dificuldades para alfabetizar o a aluno por exemplo com musica, com uma parlenda, porque não era isso que eu fui preparada, então algumas dificuldades foram surgindo, eu queria aplicar o silábico, era o que eu sabia, o que eu fui preparada. Graças a Deus agora mudei, já superei, mas era essa minha dificuldade, alfabetizar o aluno com outros artifícios. A sala do educador contribui em partes, porque ali ainda existem professores que não concordam, que batem de frente, ainda há resistência sim sobre os ciclos.

Como tem sido sua participação no projeto sala de educador (é assídua, reflexiva, contribui nos debates)?
Sempre participo da sala do educador e procuro tirar dali aquilo que vai me ajudar, que é interessante, que facilita meu trabalho com o aluno e considero e utilizo.

Quais os temas trabalhados no Sala de Educador que vc considera mais importantes pra sua formação?
O planejamento. Planejar é preciso. Tudo na nossa vida tem que ser planejado. Não me lembro bem quando foi estudado, mas esse é o mais interessante.

Vc considera que os temas estudados no Sala de Educador tem contribuído para entender melhor os ciclos?
Sim, contribuiu bastante. É como eu disse antes, ajudou a entender como é realmente trabalhar com o aluno, as etapas da alfabetização. Antes, por exemplo, pensava-se que, em uma turma de 30 alunos, todos teriam um conhecimento só. O ciclo mostrou que não, não é bem por esse lado. Uns são bem rápidos na aprendizagem, outros tem maior dificuldade. O professor tem conseguido entender o ciclo e aplicar na prática.

Como o projeto de Formação Continuada-Sala de Educador pode contribuir na superação das dificuldades em relação à compreensão e implementação da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana?Quais os desafios à serem enfrentados?
Eu acho que, ainda, é a resistência de alguns professores em aceitar o ciclo. Essa resistência esta ligada ao fato da não reprovação dos alunos. Sabe, tenho visto desabafos de colegas por isso, por exemplo, nossos terceiros anos, o que estão indo pro terceiro ano, irão só daqui um tempo, ainda não estão preparados. O difícil é resgatar o interesse nos alunos, mesmo

dizendo pra eles que eles não vão reprovar. Eles já sabem disso, mas com que conhecimento vão chegar la? Eles deveriam passar de ano por passar e absorver um pouco do conhecimento adquirido no caminho.

O que vc acrescentaria como contribuição para esta pesquisa dentro do tema (A contribuição da formação continuada na compreensão da escola Organizada por Ciclos de Formação Humana na Escola Edeli)?
Um interesse maior em planejar, sabe, dos professores. Desenvolver uma técnica para 'puxar' esses alunos para a realidade. A minha preocupação como mãe, como professora é: com quem bagagem esses alunos vão chegar la no ensino médio? Sabe, eles não podem deixar isso ao acaso, tem que despertar um interesse maior. Acho que é isso.

g) MARIA CÉLIA DA SILVA SANTANA

Relate quando e como foi seu primeiro contato com a escola organizada por ciclos?
Eu já havia trabalhado com os ciclos em Terra Nova do Norte, quando foi surgiu os ciclos de formação humana, no começo eu achei bem desorganizado, por que nem todos os professores fizeram uma formação, por que ...alguns professores vieram aqui em sinop participar de uma formação e outros não vieram...então nós começamos a trabalhar com alfabetização e o primeiro encontro de formação era só para os alfabetizadores e os outros professores não podiam fazer, aí o que aconteceu: levaram aquele livro branco dos ciclos e nós fomos estudando...e aí no começo todo muito achou assim, que era pra deixar os alunos fazerem o que queriam...muitas pessoas confundiam muito no começo, né...deixavam os alunos muito a vontade: é por que vai partir do interesse das crianças...e deixaram muito solto, aí depois, parece que retrocedeu:" não, não é assim",parecem que desistiram dos ciclos...deu impressão que aquilo tinha acabado, daí com o tempo, todas as escolas deveriam assumir a escola de formação humana, a escola ciclada...e daí veio muitos estudos, por que sempre a gente tá estudando, tentando compreender melhor...aí depois eu vim aki pra escola edeli e desde então estou trabalhando com os ciclos...

Vc percebe diferença na escola org. por ciclos neste início que vc citou e atualmente? Que diferenças vc vê?
Eu vejo diferença sim, como eu tinha dito já, na época ficou muito confuso, por que não teve uma formação para todos, num teve um estudo, assim, com todos os professore, pelo menos quando eu comecei, né?...então eu acho que as pessoas confundiram muito: que era pra deixar o aluno a vontade, pra ele fazer o que queria...e não davam conta...então como a gente já trabalhava de um jeito, pensamos, é melhor ficar na seriada...então não víamos diferença...e hoje é diferente, por que a gente vem estudando, né? Sempre na Sala do Educador a gente vem falando sobre esse assunto, né? E tem muitas coisas que vc já consegue compreender melhor...eu percebo um amadurecimento na ideia, do que é a escola ciclada, né?escola de formação humana, como se dá esse processo...

Como vc entende hoje "O que é uma Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana", vc pode me descrever?

Olha, eu diria que na escola organizada em ciclos o aluno vai ter um tempo maior pra aprender, por que antes, na escola seriada, se ele tivesse dificuldade em uma matéria, por exemplo, em matemática ou português, ele já estaria reprovado, não é isso? E hoje não, hoje ele tem três anos pra tentar sanar essas dificuldades...então ele tem um tempo maior, até mesmo em relação a idade que no ciclo os alunos tem que ser agrupados por idade e isso facilitou bastante...por que é complicado numa turma vc trabalhar com alunos bem maiores, outros mais velhos, outros mais novos, né? Por que eles tem entendimentos diferentes...então a forma de vc lidar com eles deve ser diferente tbém..por que é muito difícil quando tem os adolescentes no meio dos pré-adolescentes, né?...então eu acho que esses sistema de escola em ciclos veio pra contribuir, né?...por que a enturmação, para aqueles que estavam bem defasados, ajudou ele então, ele se sentiu incluído , se sentiu mais motivado, incluindo ele na sala com colegas da mesma idade ele se sentiu melhor,mais a vontade, por que antes ele se sentia retraído sendo bem grande numa turma de pequenos, por exemplo.

Como vc se preparou ou prepara para atuar nos ciclos? O que vc estudou? A participação no "Sala de Educador" contribui? Como?

Olha, tem muita coisa que contribui sim, por que como eu te falei, no começo não tinha essa formação e hoje em dia eu acho que a sala do educador contribui por que muitas vezes a gente está com tantos anseios, né? Tentando...por que não tem um modelo pronto e acabado, vc sempre está em busca...vc tem que estudar, né? Então eu acho que a sala de educador contribui sim, Vc aplica tudo em sua sala de aula? Nem sempre tudo que vc vê lá tá aplicado, por que nem sempre vc consegue colocar aquela teoria ali na prática, né?, mas eu acho que tem sido de grande valia.

Como tem sido sua participação no projeto sala de educador (é assídua, reflexiva, contribui nos debates)?

Bem, eu acredito que eu tenho observado muito e quando é pertinente, quando alguma coisa me incomoda, quando eu vejo que é necessário eu falo, eu acabo falando, né? Mas eu acho que boa parte é de observar, mas quando é pertinente eu participo.

Quais os temas trabalhados no Sala de Educador que vc considera mais importantes pra sua formação? Vc considera que os temas estudados no Sala de Educador tem contribuído para entender melhor os ciclos? Cite alguns

Olha, tem ano que eu acho mais pertinente pra nossa prática...tem ano que é mais específico do ciclo...por exemplo, eu acho importante ter estudado os descritores, as habilidades, as capacidades de cada ciclo...por que vc tenta ver isso dentro do seu conteúdo, da sua área..eu gostei muito quando a gente estudo o tema "ler e escrever compromisso de todas as áreas" ..e sempre a gente está estudando sobre avaliação, sobre planejamento, pra mim são assuntos pertinentes.

Que desafios e perspectivas você aponta em relação aos ciclos nesta Escola e, para a rede Estadual de Educação que tem como política de educação- os Ciclos de Formação Humana?

Olha, o que eu acho mais complicado é a mentalidade dos alunos por que não reprova, né? Então não precisa se esforçar...esse é o maior desafio é motivá-los, né? Fazer eles se comprometerem com o conhecimento...por que muitas vezes a gente fica angustiada: por que tem aluno que não está aprendendo, vc está ali, tentando, faz de um jeito, faz de outro...e muitas vezes tem muitos alunos que não se interessam, não se motivam...tem alguns que chegam a falar pra vc: - ah, mas eu vou passar de qualquer jeito...então eu acho que esse é o maio desafio!

Como o projeto de Formação Continuada-Sala de Educador pode contribuir na superação das dificuldades em relação à compreensão e implementação da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana?Quais os desafios à serem enfrentados?

Ah, eu não sei assim uma coisa específica, mas sempre a gente vem falando as nossas angústias...buscando metodologias, mas sempre tem aqueles que não se interessam..muitas vezes a gente chama os pais...então é assim: vc faz todas as tentativas possíveis para motivar o aluno, né?

Como você avalia a formação desenvolvida na escola? Ela tem valor formativo para o professor que participa dela? (se a resposta for sim) Em que momentos você atribui esses valores formativo na sua prática docente?

Infelizmente muitas pessoas que participam do S.E estão pensando somente no certificado, né? Por quer queira ou não precisamos de pontuação, né? Alguns não acreditam muito, outros conversam, discutem: -nossa, esse tema foi relevante!, eu participo por que eu acredito que é importante, né? Eu acho que ajuda bastante a nossa prática, eu sou uma que quando fala no S.E eu falo da HTC, por que pra mim foi muito importante, né?é uma coisa que precisa ser resgatada, embora esse ano diz que tem, mas é direcionado, trazem um assunto, não é como aquele primeiro ano que a gente fez, planejou, estudou coletivo na área...então eu acho que o S.E é necessário, né? Mesmo que alguns não acreditam, mas tem muitos que acham importante, que valorizam, que acham os assuntos importantes, por que para mim este é um momento único, onde vc pode debater um assunto com mais pessoas e não teríamos outra oportunidade de encontro dentro da própria escola...por que cada um trabalha num horário,né?então a sala de educador é bem relevante...

Que desafios e perspectivas você aponta em relação aos ciclos nesta Escola e, para a rede Estadual de Educação que tem como política de educação- os Ciclos de Formação Humana?

Eu acho importante a enturmação por idade, o tempo maior que o aluno tem pra aprender...o que é negativo é o pensamento do aluno: ah, eu não vou fazer as atividades por que não reprova...eu acho assim, que se todos quisessem fazer o ciclo seria mais positivo, pelo menos a maioria querer estudar, por que tem sala que vc vê a falta de motivação é muito grande...parece que tem uma cultura instalada que o aluno só estuda se for ameaçado com a reprovação, e isso é negativo quando ele chega no ensino médio tbém, por exemplo, aki na

escola o índice de repetência no primeiro ano do ensino médio é grande! Eu trabalho nos primeiros anos...eles chegam com esse pensamento...no primeiro bimestre continuam como estavam no ciclo: não dando importância e só quando chega lá no terceiro bimestre que alguns vão acordar e aí não dá mais tempo. Então eu acho que a pior ideia do ciclo é isso: eu vou passar de qualquer jeito! Isso gera um descompromisso do aluno em aprender!

h) MARTA PROENÇA

PRIMEIRO CONTATO:

Quando eu fui pra São Paulo, estavam implantando lá um modelo de ciclo...trabalhávamos com a ideia do construtivismo...foi um ano assim...

Então eu vim pra cá em 2007, e aqui era o ciclo, eu trabalhei com alunos do ensino fundamental, mas não me adaptei, parece que eu falava uma língua e eles outra...

E depois de anos eu percebi que meu perfil era mais pra trabalhar com alunos do ensino médio...

NO INÍCIO E HOJE...

Quando eu entrei aki, eu percebi que a escola era muito rígida...mas de um tempo pra cá eu tenho percebido que está muito solto no ensino fundamental, parece-me que um professor espera pelo outro...me parece que o professor está muito acomodado, eu tenho impressão que o ciclo influencia isso...por que a gente tem um formato pra ensinar, mas se o ciclo não reprova, eu me pergunto: qual o meu papel como professor? Se eu sou o formador! Afinal o aluno tem que ter o conhecimento que eu passei. E o professor não consegue medir o conhecimento do aluno... então com isso ele se sente descompromissado...

Eu gosto do que faço, tem que gostar!por que se vc não gostar vira uma tortura, é desanimador ver colegas que falam assim: - eu não vou fazer mais nada por que estou em final de carreira!

Então eu digo: - então temos que comprar o seu caixão! Isso é muito ruim...

Como que os alunos ficam com um professor desse... eu acho que o desinteresse dos alunos que muitos reclamam também é em função do professor, que não motiva, não cativa o aluno, parece que a mentalidade que o ciclo não reprova, não retem ajuda a piorar isso.

Parece que os professores pensam assim: se o ciclo não reprova eu não preciso me comprometer.

SALA DE EDUCADOR

Eu acho que não, por que eu acho que teríamos que estudar mais cada modalidade que a escola trabalha, seria bom se no início do ano pudéssemos escolher qual sala do educador vou participar, de acordo com a modalidade de ensino que cada um trabalha.

VALOR PRA QUEM PARTICIPA

Sempre contribui, nosso crescimento é constante, e estudar ajuda a crescer, por exemplo eu vim conhecer o trabalho da sala de recurso na sala do educador. Por que esse é o momento de socializar, de alguém sugerir um livro, compartilhar ideias...

O QUE PRECISA NO SALA DE EDUCADOR
Eu acho que deveria ser mais direcionado para as diversas realidades que a escola tem, também precisa trabalhar a formação humana voltada para o professor, como o professor pode ser considerado dentro da formação humana...

SUA PARTICIPAÇÃO
É péssima, tenho que confessar: eu peco quanto a isso, eu me esforço pra chegar no horário mas não consigo, eu reluto pra vir, me dá um sono, eu sinto um peso, não é uma coisa que me envolve...não sei se é o formato...ou sou eu...

i) SIDINEI DE OLIVEIRA CARDOSO

Como foi seu primeiro contato com os ciclos?
Na verdade meu primeiro contato com a escola org. em ciclos foi em dois mil, aquela época o estado organizou uma formação, eu trabalhava em guarantã do norte e o estado ofereceu uma formação para todos os professores no polo de matupá, gtã pertencia ao polo de matupá, cefapro de matupá, então todos os professores foram convocados pra participar e foi assim...todo mundo detestou, odiou, né? Por que foi uma coisa de cima pra baixo, né? O estado ia implantar os ciclos e fez essa formação, na verdade a gente nem conseguia entender o que era aquilo, a gente também não aceitava...

E na escola edeli?
Na escola edeli já tinha passado vários anos, desde dois mil a gente já tinha uma caminhada...a gente foi percebendo que tinha que mudar, já tinha entendido que a escola seriada era muito deficitária, né? Que precisávamos mudar, né? No inicio a gente ainda não entendia direito, mas já tinha cabeça mais aberta pra entender melhor os ciclos...

Diferenças que vc percebe do o inicio até agora:
Eu percebo que tem muita diferença, até o trabalho em sala de aula melhorou, facilitou, melhorou muito mais, na escola de formação humana vc começa a entender melhor o aluno, começa entender as fases do aluno, principalmente a gente que é das áreas a gente passa muito batido por isso na universidade, em relação a psicologia, né? De como o aluno aprende, né? Então na escola seriada a gente não tinha esse respeito com o aluno, na maioria das vezes o aluno reprovava não por causa da aprendizagem, reprovava por ser indisciplinado, né? Então eu vejo que a escola de formação faz com que a gente chega mais perto do aluno, entenda suas fases, respeite seu ritmo...eu vejo que isso tudo melhorou bastante o meu trabalho como professora...

O que vc acha que era mais complicado de entender e que agora entende melhor?
Na verdade naquele inicio eu estava saindo da universidade, que também reprova, que faz com que vc entenda que o que vale é a nota...tem o mesmo modelo da escola seriada, então eu achava que aquele modelo é que era certo, né? Que eu tinha que reprovar o meu aluno se ele não soubesse determinado conteúdo naquele momento, então eu acho que a gente era

muito influenciado pelo modelo de formação que eu tive desde sempre, né? Então naquele momento eu não tinha uma concepção do que era escola, era tudo muito início ainda...aí eu fui me formando, né? Juntamente na escola...eu fui percebendo que aquele aluno que eu reprovei eu era professora dele no próximo ano e ele continuava com as mesmas dificuldades e eu não conseguia ajudá-lo...e ele continuava indisciplinado, muitas vezes, mais indisciplinado ainda...aí já tava fora da idade...então parece que não era a melhor coisa, né?

Formação vivenciada no Sala de Educador:
Eu penso que a sala do educador, quando ela tem o objetivo, principalmente essa parte teórica, porque no dia a dia corrido a gente não tem tempo pra estudar sozinho, então eu penso que nessa parte dos estudos teóricos ela contribui muito...
Avaliação de sua participação:
Na verdade eu vejo que durante esses anos eu fui de tudo um pouco: reflexiva, observadora, atuante... eu sempre procuro opinar e tirar proveito disso no meu dia a dia da sala de aula.

Vamos conversar sobre os Temas trabalhados durante esses anos:
De uma forma geral....esses dias eu até achei um caderninho....vi uma reflexão que eu tive que escrever...li de novo...achei interessante...coisas de praticamente cinco anos parecem tão atuais...principalmente em relação as orientações curriculares, os fundamentos da escola de formação humana, estudamos há tanto tempo e valem pra escola de hoje, né? Tá tudo ali, né? As reflexões os usos na prática...
Eu acredito que contribui muito, na sala do educador tem que ter tudo isso: não só teoria, mas também reflexão, conversa, vídeo...

Como vc acha que o PSE contribuiria mais:
Eu creio que todas as escolas precisam trabalhar na formação os fundamentos da escola de formação humana e dos ciclos sempre, por que sempre tem professores resistentes aos ciclos, mesmo aqueles que já estudaram precisam ser relembrados dos fundamentos, eu penso que todo início de ano deveria estudar os ciclos de formação humana, o que é esta escola, como ela funciona, por que a gente sabe que na prática no dia a dia não é como está na teoria, mas estudando a gente pode exigir que ela seja como está na teoria...

Desafios na sala do educador em relação aos ciclos
Eu acho que o maior desafio é fazer o outro compreender e aceitar...por que muitas vezes o professor parece que compreende bem os ciclos, mas vc vai ver lá na prática ele está: b e a BA...
Por que as vezes o prof. faz a reflexão escrita bonita, mas na prática não corporifica aquilo...então eu acho que o maior desafio e trabalhar mesmo a escola de formação humana...por que ainda está cada um no seu quadrado...enquanto estiver assim é difícil...
E isso é difícil num trabalho coletivo, por exemplo, tem professor que ensina letrinha por letrinha, mas o aluno ele não vê letra solta, ele vê palavra...]
E a universidade também não trabalha essas coisas, as fases do aluno, o professor precisa aprender na prática

Diferenças que vc percebe em quem participa e quem não participa
A gente percebe na prática a diferença, né? No início eles ficam meios perdidos, quem nunca participou e começa a participar, por exemplo, no início pra ele não há diferença entre a escola seriada e a escola em ciclos, a gente trabalha aquele quadro, né? E pra eles as diferenças não são perceptívies...por que a universidade não prepara pra os ciclos...então na sala do educador a gente vê dia a dia as mudanças na compreensão dos colegas...então o estudo da teoria vai ajudando a construir a prática...eu vejo assim: o professor que está iniciando acaba sendo mais fácil de trabalhar isso com ele, pois como ele não tem essa concepção, ou seja, que método ele vai usar então ele fica mais aberto a aprender...

Positivo e negativo (desafio)com os ciclos
Eu considero positivo essa questão do relacionamento professor aluno, o respeito, eu acho que o tem que mudar é parte física: o prof. articulador, o entendimento que é necessário mais articulador, a escola ainda é muito de número, né? Enquanto não tivemos respeito, assim como estando tendo respeito pelo aluno, respeito pelo quantitativo, não colocar muitos alunos em sala, por exemplo, a gente não vai avançar,então eu penso que a escola em ciclos é mais interessante, mas se não tivermos as condições fica ainda cada um no seu quadrado mesmo...acabamos ficando naquele faz de conta...infelizmente é isso...eu vejo que os ciclos de formação humana já mudaram muitas coisas na escola, mas ainda corremos o risco de pensar assim: o aluno tem três anos pra aprender então eu vou deixar para o professor do ano que vem ensiná-lo...isso pode acontecer, pra isso não acontecer temos que entender como o aluno aprende...

j) SIRLEI INES DIETRICH ESTRELA

Relate quando e como foi seu primeiro contato com a escola organizada por ciclos?
Meu primeiro contato foi aki na escola, que estou aki desde que abriu a escola...

O que vc lembra daquela época:
Olha, assim pessoas que viveram outros períodos...que já trabalhavam o ciclo, o ciclo já era tralhado em outras épocas, né?!...e aí por fim parou esta questão dos ciclos, acho que até outros estados que trabalhavam em ciclos pararam, né? Então, alguns professores vieram com a ideia de que não havia dado muito certo não, né? Na verdade a ideia da escola ciclada em si, ela não é ruim, ela é boa, só que eu acho que existe uma grande confusão no meio disso tudo! Por que eu não sei... se é pela questão deles não estarem retidos...por que eles tem aquele período de três anos, os alunos, eles acabam se acomodando...por que não reprova eles não precisam estar se esforçando...

Como vc está aki desde 2007 eu queria que falasse, se percebe uma diferença naquele início ...vc acha que há um entendimento diferente por parte dos professores em relação aos Ciclos, vc vê ações diferentes? Naquele tempo e hoje?
Olha, eu percebo assim: que existe na verdade...é....a gente estuda, estuda, estuda, quem nem...a gente andou estudando bastante sobre escola ciclada...a gente percebe assim, essa dificuldade dos professores em estar trabalhando dessa maneira, uma porque: o professor

não acompanha o ciclo, que é uma dificuldade, por exemplo, se o mesmo professor, assim se aquele professor ficasse com os mesmos alunos nos três anos, desde o início do ciclo, ele poderia assim, acompanhar realmente este aluno, ver a evolução dele, mas todo ano tem essa troca.

E vc vê que isso atrapalha... *atrapalha, sim, isso não caracteriza...por que é tipo assim: o professor chegou na turma, é dali pra frente que ele vai, que tá vendo aquela turma, ele não viu o ano passado...ele está pegando naquele momento, ele não acompanhou o aluno no ciclo...talvez o aluno tenha feito evoluções maravilhosas, mas como ele não acompanhou ele não sabe...*

Se chegasse um professor novo aki na escola e nunca trabalhou com ciclos, como vc explicaria os ciclos para esse professor?
Primeiro que seria uma organização do ciclo em três anos, primeira, segunda e terceira fase, que dentro daquele período o aluno tem que desenvolver certas habilidades ali naquele período, que o período é de três anos para ele alcançar determinadas competências...as coisas básicas: saber ler, escrever, codificar, decodificar...

Quais as maiores dificuldades que vc tinha de compreensão em relação aos ciclos, naquele início... e atualmente vc entende melhor?
*Hum...naquela época...por que é assim: tudo que é novo dá uma assustada, até vc ler, entender...até vc tentar mudar a sua visão, da escola, do ciclo, vc não vai ver aquela criança só naquele ano que vc trabalha com ela, vc tem que analisar ele em três anos, então é assim, como eu via? Na verdade eu tinha muito receio (*risos*), falar bem a verdade, por que assustava, pois quer queira quer não, se o aluno não aprender ele vai ficar retido vai fazer de novo...então como no ciclo não tem a retenção...por que é assim, se chegar no final do período e o aluno não conseguir desenvolver? Aí ele vai pra frente...e vai pra frente...e vc sabe que ele não está desenvolvendo... e aí entrem vários fatores: pode ser um fator neurológico, mas não temos psicólogo...podem ser vários fatores que influenciam... e isso traz para o professor uma responsabilidade maior, pra mim, se o aluno não sabe que o é dois mais dois, se ele chegou no sétimo ano e não sabe nem escrever o nome dele direito é preocupante! Se ele não sabe qualquer coisa que nessa fase ele já deveria ter desenvolvido essa habilidade...e aí fica aquela coisa: - o professor que trabalhou o ano passado, o que ele fez? Fica um jogo de empurra...como ele vai seguir para o ciclo seguinte? Por que se ele não aprendeu neste ciclo e ele vai pro ciclo seguinte teria que ter uma análise mais profunda desse aluno, por que por algum motivo ele não está aprendendo...entendeu?*

Pensando na preparação do professor para atuar nos ciclos... Como vc se preparou ou prepara para atuar nos ciclos? O que vc estudou? A participação no "Sala de Educador" contribui? Como?
*Eu acredito que sim, por exemplo, no ano passado nos fizemos bastante estudos no Sala de Educador sobre os ciclos de formação humana...e eu percebi que as pessoas que tinham aversão total ao ciclos de formação humana já começam a ver com outros olhos...*e vc atribui isso aos estudos do S.E? *eu acredito que sim, por que uma coisa é vc escutar os outros falarem que é uma coisa...no boca a boca e não ver certinho a proposta dos ciclos, estudar a*

proposta, que é boa, mas talvez nós não estejamos preparados...eu acho que o sistema todo da educação não está preparado para os ciclos...eu acho assim os problemas começam na atribuição de aulas, por que na minha concepção deveria ser garantido para o professor seguir com a turma tbém no terceiro ciclo...garantir continuidade na turma que ele está...outro problema é a rotatividade de professores, muitos são interinos, outros são novos no concurso...temos sempre professores novos que até se inteirar de como a escola funciona demora...

Agora vamos conversar um pouco sobre a Sala de Educador: Como tem sido sua participação no projeto sala de educador (é assídua, reflexiva, contribui nos debates)?
Bem, como eu já estou na coordenação há três anos...a gente participa...é mais difícil vc estar no trabalho, por que uma coisa é vc desenvolver a proposta estando na sala de aula...a gente na coordenação acaba mais é acompanhando o professor no desenvolvimento, mas eu acredito que nas discussões eu sempre participei ativamente, só que a gente não consegue desenvolver em sala por que a gente não está em sala de aula...mas a gente acompanha os professores que estão desenvolvendo...

Neste tempo da sala do educador que já conversamos, vc considera que os temas estudados no Sala de Educador tem contribuído para entender melhor os ciclos? Cite alguns
Eu acredito que todos os temas estudados contribuíram para entender melhor os ciclos, todos os temas foram pertinente, sempre buscamos uma sequencia:avaliação, interdisciplinaridade, como trabalhar isso...e isso contribui, por que a educação em si é uma coisa complexa, né? Independente de ser o ciclo ou não, como p.e. o ensino médio, que pelas conversas logo será em ciclos...então é assim: todo discussão é pertinente...

Certo, como vc acha que o sala de educador poderia contribuir ainda mais: Como o projeto de Formação Continuada-Sala de Educador pode contribuir na superação das dificuldades em relação à compreensão e implementação da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana?Quais os desafios à serem enfrentados?
Bem, ainda tem colegas que tem resistência aos ciclos, então eu acho que temos que estudar como trabalhar nos ciclos, sei que não depende só do Sala de Educador, mas de como a escola se organiza, porque é diferente de vc simplesmente fazer um relatório, é preciso vivenciar aquele aluno...acompanhar mesmo, por que uma coisa é vc pegar uma folha de papel e ler o relatório do ano anterior outra coisa é vc estar ali todo o dia com aquele aluno observando os progressos dele ou não... eu até..não sei como poderia contribuir mais... mas temos que estudar.

Como você avalia a formação desenvolvida na escola? Ela tem valor formativo para o professor que participa dela? (se a resposta for sim) Em que momentos você atribui esses valores formativo na sua prática docente?
Eu acho visível a diferença no professor que participa da S.E e aqueles que não participam, por que lá discutimos e estudamos tudo relacionado a escola, então é claro que aquele que participa tem uma visão diferenciada, por que ele está por dentro das propostas da escola,

como elas se sustentam, o que está sendo planejado. A sala do educador tem esse objetivo, percebo tbém na postura do professor, por que nas análises, nas discussões, nas trocas de experiência, no diálogo com os colegas...isso tudo ajuda muito, e quem não está neste processo, não participa do S.E acaba ficando meio isolado, ele não se inteira, por que esse tempo pra estudar faz falta...por que se ele não tem essa socialização...do ambiente da escola como um todo, não só da sala de aula, por que isso ele tem, esse diálogo, esse entendimento de como trabalhar...que temos no S.E, por que aquele momento é voltado para isso: tentar identificar os problemas, de alguma maneira melhorar através dos estudos dos temas, uma das discussões que temos trazido no S.E é exatamente isso: o professor precisa se preparar, estar preparado, considerar que os alunos aprendem de maneiras e tempos diferentes...que cada turma precisa de um planejamento diferenciado, que ele precisa conhecer o aluno...planejar coletivamente, agora a partir do estudo das Orientações Curriculares estamos tentando fazer isso: planejar por área, saber as habilidades de cada área...é claro que tem os professores resistentes: que preferem ficar na sua "caixinha" , mas tem outros que estão muito animados, abertos a discussão...que estão interessados em fazer coisas diferentes, entender a área como todo e conseguir chegar no aluno de uma forma melhor, que ele consiga entender e fazer relações,por que muitas vezes está tudo tão separado que o aluno não consegue relacionar, por exemplo, a matemática com a física...essa mudança que estamos tentando com os professores, ver se consegue abrir um pouco a mente, trabalhar em grupo por área.

Pra gente terminar eu gostaria que vc falasse Que desafios e perspectivas você aponta em relação aos ciclos nesta Escola e, para a rede Estadual de Educação que tem como política de educação- os Ciclos de Formação Humana?

Eu acho assim: o ciclo dá o tempo para o aluno, por que cada aluno tem seu tempo próprio de aprender, e fora do ciclo ele reprova, tem que fazer tudo de novo! O que atrasa a questão da vida dele. No ciclo existe a questão de vc colocar ele na idade certa, na sala adequada pra idade dele, só que isso é um desafio: colocar o aluno na turma certa, mas dar condições pra ele acompanhar a turma . então como fica? A questão dos conteúdos ...isso tudo é um desafio, por que o aluno está lá...então eu vejo assim: adequar o aluno com colegas da sua idade é bom, mas dar condições pra ele acompanhar é o grande desafio, por que temos poucos articuladores, muitos professores interinos...isso demanda um conhecimento específico de área, de conteúdos...nem sempre o articulador consegue trabalhar todos os conteúdos, o professor interino não tem tempo para trabalhar com o aluno...a escola faz o que pode, mas nem sempre é suficiente...então é o que disse no começo: a ideia do ciclo é boa, muito boa, mas o processo, a logística emperra o processo de acontecer direito, então assim: enturmar é bom, lindo, maravilhoso. Mas e aí? Como o aluno vai daí pra frente? Em que condições? Por que a gente sabe que o aluno quando não consegue acompanhar ele acha uma forma de escapar, e isso gera indisciplina, por que o estudo não chama a atenção dele, por que ele tá perdido! Não sabe do que o professor está falando! E isso é sério! E isso é uma preocupação!

APÊNDICE: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

a) Adriana Peres da Silva

b) Amorézio Coelho de Souza

c) Ilzo Rodrigues Pereira Lucena

d) Isaias Eugênio de Melo

e) Ivete Terra

f) Jeane Maria de Siqueira

g) Maria Célia da Silva

h) Marta Proença

i) Sidinei de Oliveira Cardoso

j) Sirlei Inês Dietrich Estrela

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Adriana Peres dos Santos,

PORTADOR DO RG 2555217-1, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós. Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Amorézio Coelho de Souza,

PORTADOR DO RG 326 526-9 SSP/MT, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO** **PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Aza Rodrigues Pereira Lucena,

PORTADOR DO RG 1914186 SSP PA, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

Aza R. P. Lucena
ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós. Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Isaias Eugênio de Melo,

PORTADOR DO RG 5.896.192-2, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO** **PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Ruete Ferrer,

PORTADOR DO RG 364814, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Jeane Mª de Siqueira,

PORTADOR DO RG 2744293, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

Jeane Mª de Siqueira
ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO** **PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Maria Célia da Silva,

PORTADOR DO RG 700 121, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Marta Proença,

PORTADOR DO RG 23 398621-2 SSP-RS, AUTORIZO A UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO** **PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós. Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Sidinei de Oliveira Cardoso,

PORTADOR DO RG 11075848, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

Oliveira

ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como entrevistado da Pesquisa **Escola organizada por ciclos de formação humana: a contribuição da formação continuada através do Projeto Sala de Educador,** esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo central investigar **o que pensam os profissionais da educação sobre a Escola Organizada por Ciclos de Formação humana no Estado de Mato Grosso a partir de sua participação na Formação Continuada.**

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian, aluna devidamente matriculada no Programa de Pós. Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Publicas Educacionais, sob orientação do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho.

Sua participação se dará por entrevista gravada, posteriormente transcrita, cujo conteúdo será utilizado na escrita da dissertação. Para tanto será necessária sua autorização de consentimento e participação bem como a autorizaçãopara utilização de seu nome e sobrenome na pesquisa.

Atenciosamente

Thiélide Veronica da Silva Pavanelli Troian
Fone (66) 9607 – 7904
e-mail thielide@yahoo.com.br

AUTORIZAÇÃO

EU, Sirlei Inês Dietrich Estrela,

PORTADOR DO RG 1963891 4-SSP-MT, AUTORIZO A

UTILIZAÇÃO DE MEU NOME VERDADEIRO NA PESQUISA ACIMA

CITADA.

POR SER ESTA EXPRESSÃO DA VERDADE

ASSINATURA

SINOP – MT, MAIO DE 2012.